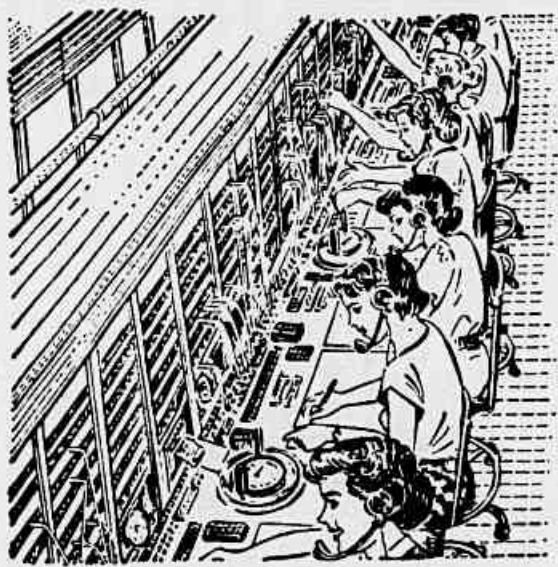


REVISTA

DA SEMANA

O SALAZAR DE JÂNIO QUADRO
D. HELDER E O COMUNISMO

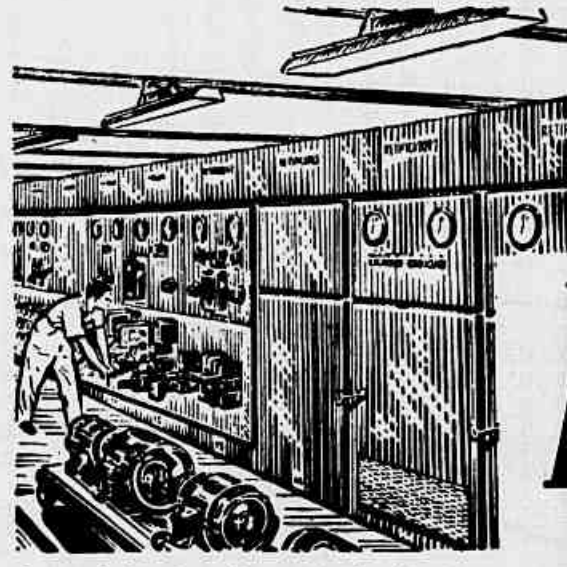




Mais de 1.000 telefonistas expedem e recebem as chamadas interurbanas entre o Distrito Federal e milhares de outras localidades do Brasil e do exterior.



Os guarda-fios patrulham as linhas de postes a procura de possíveis causas de interrupção do serviço, tais como árvores caídas, postes abalroados, etc.



O perfeito funcionamento das estações telefônicas depende de cuidados especiais nas manobras do equipamento de força.

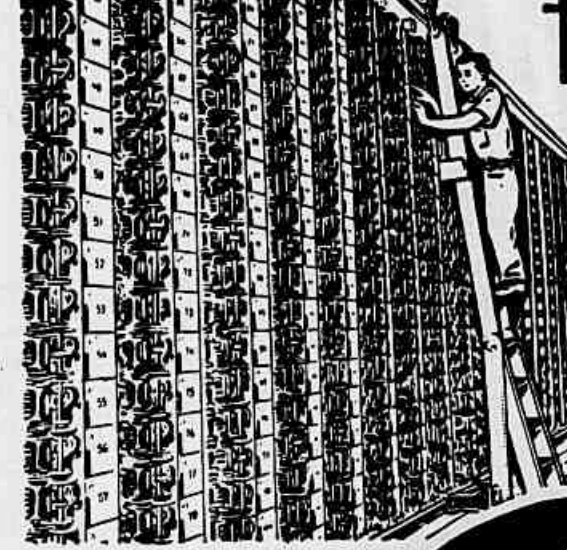
Atrás do disco do seu telefone...



Os Laboratórios da C. T. B. mantêm rigorosa vigilância para assegurar a alta qualidade dos fios, aparelhos e outros materiais utilizados no serviço.



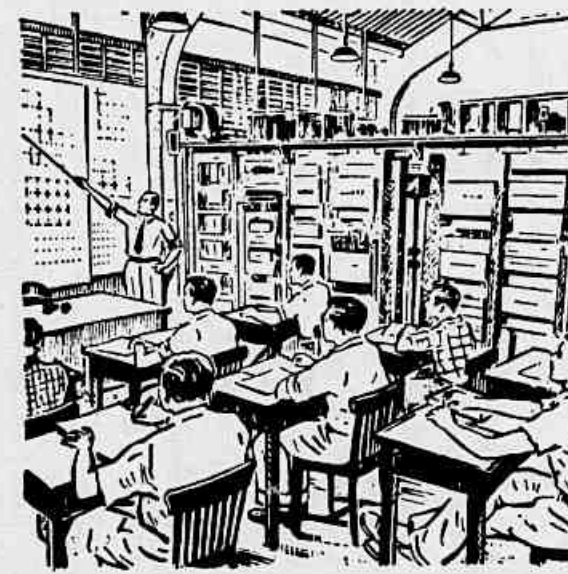
Existem, no Distrito Federal, mais de 120 reparadores para atender prontamente aos pedidos feitos para a mesa de consertos (13).



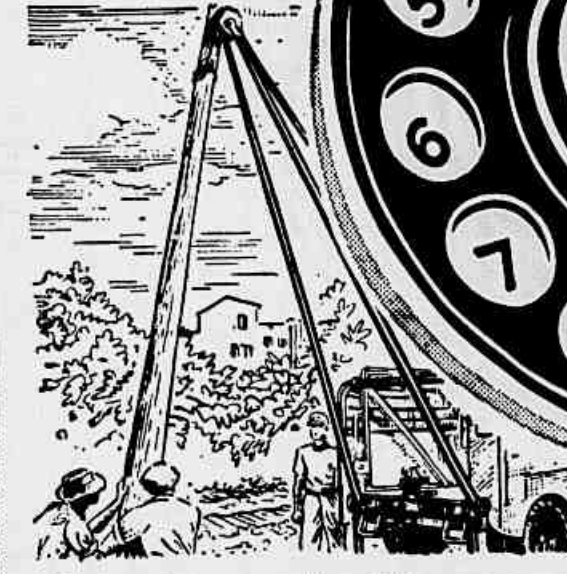
O conservador do intrincado equipamento é altamente especializado.



Em virtude do grande peso do equipamento automático, os engenheiros da C.T.B. projetam construções excepcionalmente reforçadas para as estações.



Os cursos especiais para os empregados da C.T.B. proporcionam instrução inicial no trabalho e mantêm o pessoal em dia com o progresso da técnica telefônica.



Os serviços pesados, tais como fimeamento de postes, são executados com toda a segurança, graças à prática dos empregados.

...eis alguns dos seus servidores anônimos



Os projetos elaborados pelos técnicos da C.T.B. encerram a experiência adquirida durante mais de 30 anos de prestação do serviço telefônico.



Cada telefone retirado da rede passa pelas oficinas da C.T.B. para limpeza, esterilização, vistoria e troca de peças gastas, antes de ser novamente instalado.



As 50 telefonistas do serviço de informações (02) estão sempre às suas ordens para informar os números que ainda não constam das Listas de Assinantes.

SÓ NO DISTRITO FEDERAL A C.T.B. TEM 4.600 EMPREGADOS

O serviço telefônico não poderia existir sem a contribuição dedicada desses empregados, que desempenham eficientemente as mais variadas funções na prestação de um serviço público essencial — 24 horas por dia e 365 dias por ano.

COMPANHIA TELEFONICA BRASILEIRA
Procurando servir sempre melhor!



REDATOR-CHEFE — Celestino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Jeff Thomas, José Maria Rodrigues, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Jerônimo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

O Salazar de Jânio Quadros	4/7
Princesa Margaret	14/16
Martine Carol	24/27
Orquídea, a Flor «Bem»	31/34
Caro perde as asas	40/41
O rim artificial	46/47
Dom Helder e o Comunismo	59/61

◆ SEÇÕES

Flash Paulista	3
Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	16
Literatura e Arte	18/19
Música	20
TV na Revista	22/23
Por esse Mundo de Deus	28/29
Palavras Cruzadas	38
Itinerário do Brasil	39
Astrológica	42
Revista há 50 Anos	48
Pelas Esquinas da Noite	49
Conversa de Mulher	54/55
Grand Monde	56/57
Último Flash	62
Figura em Foco	63

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

◆ LITERATURA

Gente Abandonada	3
Fedele	10
O Homem no Abismo	50/51

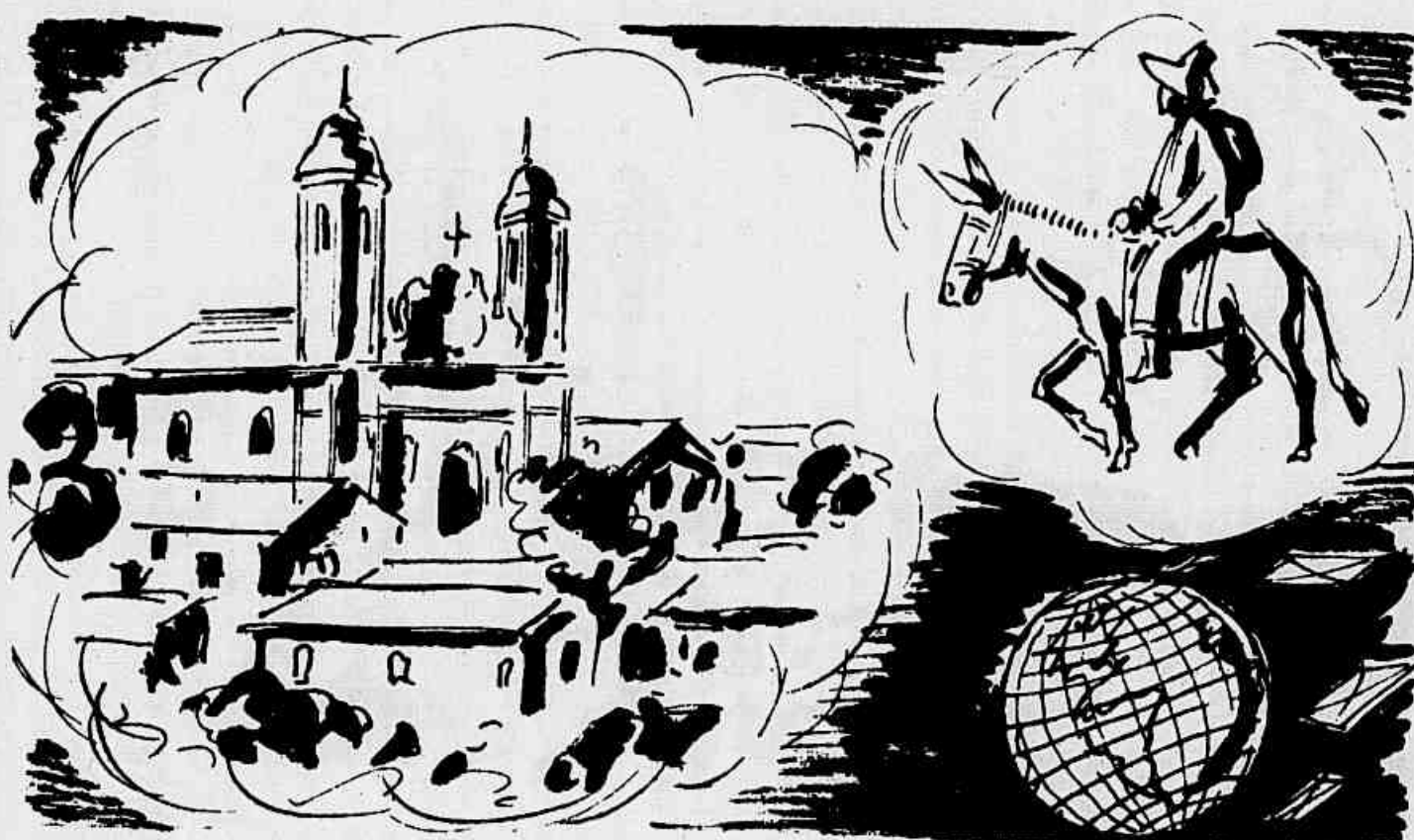
◆ VARIEDADES

O Enigmático Kapitzka	12/13
O Rei Vagabundo	36/37
Que é um Episcopai?	43
O Riso dos Outros	45

◆ CAPA

Joan Caulfield (Kodachrome Fox)

Este número consta de 64 páginas



Gente abandonada

◆ É muito triste a história que um amigo acaba de me contar e que me fugiu, pois não a encontrei no noticiário dos jornais. As cidadezinhas do interior, aquelas perdidas vilas dêste e de outros Estados que durante o tempo do Brasil colônia recebiam correspondência levadas pelos burros vagarosos, foram um dia mais ligadas à cidade porque começaram a receber cartas e encomendas através dos ônibus que ligam pontos distantes a outros mais próximos. Naturalmente deve ter havido uma grande alegria: agora podiam se entender com amigos e parentes mais depressa. Agora poderiam saber mais cedo se a vovó melhorara do reumatismo e se o menino que nascera da prima Lulu era mesmo um varão, como se esperava. Cartas iam e vinham pelos ônibus e se a chegada do burro colonial era esperada com solreguidão, muito maior era a alegria na expectativa do ônibus que chegaria naquele dia.

◆ Tudo ia assim muito calmo e quase doce, quando num destes dias parece que o diretor dos Correios e Telégrafos resolveu que a correspondência não mais seguirá de ônibus. Por que? Meu informante não sabe dizê-lo. Mas que importam as razões dessa atitude se cartas não mais seguem de ônibus. Se os moradores de nossos vilarejos distantes não mais têm o direito de viver em contacto com as cidades? Houve naturalmente protestos; também moradores das grandes cidades gostam de saber notícias de parentes longínquos e se os de lá nem vezes têm para reclamar, os daqui, por exemplo, fizeram protestos. Ao começo souberam que o correio ia restabelecer as viagens, mas depois os dias passaram e tudo ficou na mesma. O Ministro da Viação sabe disso?

Quando acontece um fato assim, tão estranho, tão incompreensível, está claro que qualquer pessoa honesta pensará que ele se processou sem conhecimento dos mais altos poderes. Será que o Ministro da Viação sabe disso? Se falarem em trens que substituíam os ônibus teremos desde logo a certeza de que atrás da proibição aos ônibus devem haver interesses muito escuros. Os trens que flagelo maior constituem eles quando se sabe que nossas estradas de ferro são senão as piores, das piores do mundo?

◆ O amigo que me deu esta informação estava tão triste, tão aborrecido, que desde logo me propus a vir protestar com ele e com todos os moradores das cidadezinhas de nosso interior até hoje servidas pelos ônibus para suas correspondências. Como explicar este feito? Como saberão agora os brasileiros perdidos por este interior, as últimas notícias, aquelas que ainda lhe chegavam com cheiro de alfozema anunciando nascimento, com um triste odor de flores secas quando lhe contavam mortes? Como poderão agora as mocinhas do interior saber se os namorados não estão perdidos para seus afetos? E as mães, como poderão viver sem notícias rápidas e detalhadas de seus filhos que vieram procurar na cidade grande conhecimentos e trabalho?

Por que neste país tão belo os dirigentes se esforçam em tornar a vida tão ruim e tão difícil? Façam o que quiserem, mas deixem ao menos que troquemos palavras que cheguem depressa com amigos e parentes que estão distantes.

ENEIDA

EXCLUSIVO



Tem cara de poucos amigos mas ^o vencer o obstáculo da aproximação é a amabilidade na pessoa. (Questão e vencer!) Seu "hobby" luta para o mal, quando as obrigações lhe permitem. O que não é fácil

O SALAZAR DE JÂNIO QUADROS

REVISTA DA SEMANA consegue entrevistar o Secretário da Fazenda do Estado de São Paulo, homem avesso a qualquer manifestação de publicidade individual ★ A recuperação das finanças bandeirantes e o seu sistema revolucionário de pôr as contas em dia ★ Pela primeira vez, em dezenas de anos, fornecedores recebem «à vista» mas têm de conceder descontos... ★ Administrar sem con-

ceder favores não agrada a todos mas não há outro caminho ★ A contribuição de São Paulo e os favores que recebe do Governo Federal ★ «Um devedor absolutamente pontual e que oferece garantias...» ★ A usina siderúrgica, o plano de eletrificação, as rodovias e taxas de gasolina ★ Como vê as figuras de Gudin e Whitaker ★ Fala o homem que não é político e a quem só interessam as cifras.

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA

♦ S. PAULO, julho —

VENHO a São Paulo com o propósito exclusivo de ouvir o homem a quem o governador Jânio Quadros, ao assumir o executivo estadual, confiou os destinos da Secretaria da Fazenda e de quem, nestes últimos tempos, em círculos familiarizados com as coisas de economia e finanças, tanto se vem falando. Quem é, afinal, esse cidadão ilustre mas desconhecido? indagará o leitor, porventura pouco versado na matéria. Eu lhe direi seu nome: Carlos Alberto de Carvalho Pinto, homem avesso a qualquer manifestação publicitária individual e com uma ojeriza antiga, pelo que me dizem, às atitudes demagógicas de qualquer natureza.

— E' o general Lott do Jânio Quadros, já ouvi dizer aqui bem perto. Enquanto outros preferem outra designação:

— O Carvalho Pinto? Mas é o Salazar do Jânio...

Lott ou Salazar, dêle venho recolhendo sempre impressões favoráveis, numa terra em que, de velha praxe, se dizem cobras e lagartos dos homens públicos. Este, parece querer fugir à regra, talvez porque — por exemplo — vem pagando em dia o funcionalismo e os fornecedores do Estado. Leio nos jornais que, depois de uma dezena de anos, São Paulo afundado em sucessivos baques financeiros, recupera suas cifras de maneira surpreendente e faz uma economia útil aos seus cofres, quando exige descontos aos fornecedores, para pagamento à vista.

★

Minha primeira visita ao edifício da rua Maria Paula resulta infrutífera: Nesse dia o homem procurado não comparece ao gabinete, retido em casa por violenta gripe. Um oficial de gabinete — depois venho a saber que é irmão do Secretário, o dr. Luís Carvalho Pinto — recebe-me cordial mas esquivo. Previne-me sobre as dificuldades que me vão ser defrontadas mas pede-me que volte no dia seguinte. Não é mais feliz a segunda tentativa, porque no dia seguinte, parcialmente refeito da gripe, já o Secretário pela madrugada empreendeu uma viagem a Campinas. E assim, por quarenta e oito horas, fico à disposição do sr. Carvalho Pinto, esperando um súbito regresso à capital.

Meu tempo não está sendo perdido porque o material para a reportagem começa a ser recolhido no campo de observações feito desde a entrada do edifício. No «hall», o balcão destinado às primeiras informações ao público, mostra um cartaz em que se adverte, em poucas

palavras, que assistem ao povo e aos funcionários, em partes iguais, direitos e obrigações. Quem pede uma informação em termos, educadamente, recebe-a sem demora. E no oitavo andar, na ante-sala do Secretário, dois outros cartazes situados à direita e à esquerda da mesa do oficial do gabinete, fazem novas elucidações. Um, em palavras incisivas, diz assim:

O sr. Secretário agradece toda colaboração de ordem administrativa, mas não atende a solicitações de interesse pessoal, de qualquer espécie. Pede e espera, assim, que os interessados se abstenham de formular pedidos em desacôrdo com essa orientação.

O outro não é menos corajoso:

O sr. Secretário, no próprio interesse de todos quantos tenham negócios a tratar, nesta secretaria, PEDE-LHES ENCARECIDAMENTE: a) que se dirijam diretamente aos funcionários competentes, só solicitando audiência neste gabinete, quando absolutamente indispensável a intervenção superior;

b) que limitem o quanto possível as suas exposições poupando tempo ao serviço público e colaborando, assim, para a solução dos inúmeros problemas afetos a esta Secretaria.

O HOMEM Carlos Alberto Carvalho Pinto, secretário da Fazenda do Estado de São Paulo, nasceu na capital bandeirante em 15 de março de 1910, sendo filho do sr. Virgílio de Carvalho Pinto e de dona Virgília Rodrigues Alves de Carvalho Pinto. E' casado e tem, do matrimônio, duas filhas (Lia e Lucila) e um filho (Ronald).

Obteve a primeira classificação no curso secundário e na Faculdade de Direito. Conquistou respectivamente os prêmios Antônio de Godoy e Rodrigues Alves. Na solenidade de sua formatura foi orador da turma (1931). Exerceu as funções de Consultor Jurídico dos Prefeitos Prestes Maia e Abraão Ribeiro. Afirma-se que seguiu a «escola Prestes Maia», no tocante à austeridade e dignidade no desempenho de suas funções públicas. Foi representante da Municipalidade de São Paulo em várias conferências financeiras, e exerceu por três vezes o cargo de Secretário das Finanças do Município (administrações Abraão Ribeiro, Cristiano das Neves e Jânio Quadros). E' professor catedrático de Ciências das Finanças na Faculdade de Direito da Universidade Católica de São Paulo. Exerceu as funções de Conselheiro do Instituto dos Advogados de São Paulo e da Ordem dos Advogados, Seção de São Paulo e atualmente é membro do Tribunal de Ética Profissional. Colabora em várias revistas econômicas e jurídicas, tendo publicado os seguintes trabalhos: «Hermenêutica das Leis Fiscais», «Discriminação de Rendas», «A Cláusula-ouro nos Serviços Públicos», «Reforma Tributária do Município», «Normas de Direito Financeiro» e «Contribuição de Melhoria».

E' homem de palavra fácil mas sem a exuberância loquaz tão habitual aos nossos homens públicos. Cingiu-se a responder concisa e prontamente, o nosso questionário, após a primeira leitura e ditando a palavra ao repórter, que as dactilografou. Não se deu ao trabalho de ler o que fôra escrito, preferindo confiar no repórter... ou no dactilógrafo.

O Salazar de Jânio

Convenhamos que depois de tomar conhecimento desses recados escritos, poucos se atreverão a importunar o «ditador das finanças ban-deirantes». Mas será uma entrevista, motivo de impertinência? Não constitui, até certo ponto, uma obrigação de qualquer administrador público, dar ao jornalista esclarecimentos sobre a sua técnica de trabalho? Quanto à minha obrigação, ela consiste em arrancar, de qualquer jeito, a reportagem. Foi para consegui-la que me desloquei do Rio e quanto aos obstáculos para arrancar a palavra de um homem pouco disposto a falar, já não me desencantam. Pelo contrário: valorizam mais e melhor a entrevista, uma vez alcançada. E por que não alcançá-la, se outro intuito que não o de levar ao conhecimento do público, a revelação de um administrador consciente de suas responsabilidades e de gestão eficiente, foi o que me trouxe a São Paulo?

★

Finalmente, a terceira tentativa deu certo. Já descobri que o Secretário da Fazenda é homem madrugador, com hora mais ou menos certa para iniciar o expediente — muito antes dos funcionários ocuparem suas mesas — mas sem hora para sair. Tarde da noite, não raro, ele se encontra debruçado sobre montanhas de papéis e quando lhe reclamam a presença, de casa, não raro mete a papelada na pasta — aquela grande pasta de couro negro da qual não se separa mesmo durante o expediente — e vai continuar o serão depois de jantar com a esposa e os filhos. Mas se o sr. Carvalho Pinto é dos que chegam cedo ao gabinete, quero mostrar-lhe que um repórter disposto a fazê-lo falar, pode ser ainda mais madrugador. Quando ele dá entrada no edifício, já vai encontrar-me a postos, paciente e resignado, porque o regresso ao Rio será feito só quando a entrevista estiver no bolso. Dispensa-me s.s. alguns minutos — muito poucos, vai prevenindo — antes de iniciar o expediente. E munido das laudas do questionário, pela primeira vez passa por sobre as mesmas, seus olhos de lince, perscrutadores e analistas:

— Devo dizer-lhe que não responderei absolutamente a nada sobre política... Não sou po-

lítico, não entendo de política e minha função é esta que está vendo...

— Nem são os motivos políticos, por demais pueris, que me trazem à sua presença — respondendo. Há mais e melhor a conversar quando encontramos um homem que está realizando a sua obra...

Carvalho Pinto sorri, pela primeira vez, meneia a cabeça e parece não acreditar muito no que lhe digo:

— Creia que ainda não acertei com as razões exatas que o trouxeram à minha presença — retruca.

Faço ver ao meu interlocutor que a REVISTA DA SEMANA tem o direito de dar a conhecer, ao país, a existência de um homem da sua tempera, pelo que sei, devotado de alma e coração à tarefa patriótica de ajudar a salvar as finanças deste país tão escasso de homens públicos dessa fibra. E ele:

— Nesse caso, deixe-me dizer-lhe que está sobrestimando sobremaneira a minha pessoa e o meu trabalho. Nada demais venho realizando, mas apenas o que é de meu dever. Não sei por que deva ser o alvo das atenções da REVISTA, quando não sou o «assunto» que o senhor imagina...

Depois resolve-se a responder o questionário. Surpreende-me que o faça de imediato, sem solicitar horas ou dias para a redação das respostas, como é de praxe.

— Pois então, vamos ao que importa. Tem papel e lápis para anotar ou vai guardar de cabeça?

Compreendo a responsabilidade que vai recair sobre minha cabeça e receio pela reprodução fidelíssima da palavra do sr. Carvalho Pinto. Solicito uma máquina de escrever e algumas laudas de papel.

— Mas não vamos demorar muito? — indaga. Não disponho de tempo...

— Pode responder à vontade — insisto de minha parte. Confio mais na minha agilidade de dactilógrafo na anotação mental das suas respostas...

E assim foi. Sem maiores delongas, ouvindo, uma por uma, as perguntas que o repórter ia lendo, o sr. Carvalho Pinto prontamente as satisfaz, precisas, claras, sem retificações nem intervalos para meditação. Tudo como se houvesse, antecipadamente, tomado conhecimento da matéria e tivesse as respostas adrede preparadas. A verdade, porém, é que o questionário lhe foi apresentado, minutos antes.

Concluída a tarefa, servido o café, houve ainda alguns minutos para uma rápida palestra, pois o meu entrevistado não quis, sequer, ouvir a leitura do que havia ditado. Lembro-me das definições que a seu respeito chegaram ao meu conhecimento, e, quando faço alusão ao «Salazar de Jânio Quadros», s.s. não esconde um sorriso de satisfação:

— De fato sou dos que nutrem uma grande admiração por esse homem. Tenho acompanhado a sua obra na recuperação financeira e nos demais aspectos da vida portuguesa... E' realmente honroso para mim, muito lisonjeiro, que associem o seu ao meu nome... embora me pareça tudo isso exagerado.

E a conversa estende-se, mais um pouco, sobre a figura do Presidente do Conselho de Ministros de Portugal. Quando informo ao sr. Carvalho Pinto que o conheço pessoalmente, seu interesse é maior:

— E como é ele assim, visto de perto? Creio que teria muito prazer em conhecê-lo, em travar contacto pessoal com ele...

Estende-se em outras considerações que não escondem — quem sabe — um estudo mais acurado da personalidade de Salazar. Um discípulo do homem de estado português? Não chego a afirmar tanto, mas anotei do meu entrevistado, estas palavras muito expressivas:

— Ele é hoje uma figura estudada universalmente e a quem todos os países rendem um tributo de justa homenagem. Bom seria que realizássemos obra idêntica...

★

Mas os poucos minutos prometidos, multiplicaram-se por muitos outros. Auxiliares de gabinete entram e saem solicitando informações. Os telefones tocam. O expediente de rotina começa, lá fora, e não me cabe o direito de tomar mais tempo, tão precioso, de quem tanto o racional, em benefício da coisa pública. Um autógrafa para os leitores da REVISTA, quem sabe se para algum estudo grafológico, rápidas palavras de despedida, e está cumprida a missão.

A entrevista aparentemente impossível, guarda-se no bolso. Saio do edifício da rua Maria Paula com um pressentimento: O de que o nome de Carvalho Pinto ainda há de ser bastante pular, não só em S. Paulo, mas em todo o Brasil.

A primeira entrevista por ele concedida, pormenorizada, aqui está

— Em sua opinião o processo de administrar rigorosamente, tem melhor consequência, é mais favorável perante as massas eleitorais do que o tradicional sistema brasileiro de governar liberalmente, concedendo favores, relevando a cobrança de tributos e criando cargos para amigos?

A obra de recuperação administrativa e financeira levada a efeito pelo Governador Jânio Quadros constitui a melhor contribuição de São Paulo para a solução dos magnos problemas que hoje afligem a nossa Pátria.

Carvalho Pinto

Terminada a conversa, o sr. Carvalho Pinto redigiu algumas linhas, de próprio punho, para documentar a entrevista. E — quem sabe! — para algum estudo grafológico do leitor mais curioso...

— E' verdade que não sendo político, não posso sentir a reação das massas eleitorais. Reconheço, entretanto, que para se fazer um trabalho sem resultados imediatistas, mas de profundidade e visando um objetivo prático, real e patriótico, é o melhor. — Quanto ao reconhecimento ele virá a seu tempo nem se pode agir com os olhos voltados exclusivamente para ele. — E' certo que uma administração de austeridade pode contrariar interesses e portanto não agradará a todos, mas as consequências dessa atitude, desaparecem com o tempo.

— Quais as primeiras impressões que teve logo após tomar posse do cargo?

— Tive apenas a confirmação do que já considerava e nada me surpreendeu pois havia formulado uma conclusão pessoal depois de detidos estudos, ou seja, que em face do estado extremamente grave de suas finanças, São Paulo iria defrontar-se com uma situação delicadíssima e de ameaçadores aspectos, em face das conjunturas do país. E foi essa a situação que realmente encontrei.

— Decorrido este primeiro período de trabalho, quais as suas impressões atuais?

— As impressões confirmam também o que previa — que, embora a situação financeira seja a que já foi exposta, com todos os agravos que a realidade me ofereceu, ela poderia — e poderá — ser enfrentada e resolvida desde que se façam prevalecer os três pontos básicos para um fiel desempenho de tão delicada tarefa: administrar com bom senso, independência política e espírito cívico. Essas conclusões são ainda o fruto da minha passagem administrativa pela Secretaria de Finanças, em três gestões da Prefeitura (Abraão Ribeiro, Cristiano das Neves e a do próprio governador Jânio Quadros).

— Que pensa da referência feita habitualmente em certos setores, segundo a qual, não é possível realizar uma obra de recuperação administrativa dentro do organismo político atual?

— De fato, dentro do organismo político atual e diante das conjunturas políticas da nação, essa obra de recuperação administrativa não é fácil. — Contudo, as dificuldades não chegam a ser invencíveis, e os resultados alcançados pela administração Jânio Quadros parecem demonstrar a sua exequibilidade.

— Como sente a atuação do Legislativo em face dos problemas da Secretaria?

— O órgão legislativo naturalmente é muito mais sensível às conveniências políticas, e, nessas condições, encara às vezes seus problemas sob aspectos casuísticos limitados no tempo e no espaço. — Tal orientação, evidentemente, traz sérias dificuldades à execução de um plano mais amplo, elaborado em termos mais macroscópicos. — Com relação ao Legislativo do Estado, posso afirmar que, a despeito de divergências ocorridas com relação a certos problemas, de uma forma geral tem trazido a sua colaboração ao trabalho executado nesta Secretaria, inclusive por intermédio dos representantes da oposição.

— Que diz a respeito de certas referências segundo as quais São Paulo é, ao mesmo tempo, o Estado que mais produz em favor da nação mas é também o que mais solicita, direta ou indiretamente, do Governo Federal, através do Ministério da Fazenda, Banco do Brasil, café, etc.?

— Não considero procedente essa suposição. — A contribuição de São Paulo em favor da nação, através dos impostos, dos recursos cambiais, e da própria produção agrícola e industrial, demonstra exatamente o contrário. — O Estado procura contribuir assim para a grandeza do país, e os favores que recebe do Governo Federal são praticamente nulos como se poderá verificar no próprio orçamento da República, relativamente às aplicações em nosso Estado. — A contribuição de São Paulo, entretanto, é a realiza com a maior satisfação e certo de que se encontra em crescimento de um progresso homogêneo, em relação a todo o país.

— Qual a posição atual do Banco do Estado de São Paulo, ou melhor, do Governo Paulista em face do Banco do Brasil?

— A posição de um devedor absolutamente pontual e que oferece garantias efetivas para o resgate do débito encontrado pelo atual governo, e objeto de simples consolidação sem qualquer suprimento adicional. — A esse respeito cumpre assinalar que a despeito de todas as dificuldades encontradas, São Paulo está vivendo à custa de sua própria economia, sem qualquer gravame ou ônus para o Banco do Brasil.

— Reputa de fundamental interesse para São Paulo que o Ministério da Fazenda e o Banco do Brasil sejam exercidos por paulistas? Há resultados práticos dessa praxe em favor do Estado?

— Absolutamente. — Reputo de fundamental interesse para São Paulo, e para o Brasil, que o Ministério e o Banco sejam ocupados por homens de competência, de visão e que conheçam em toda a plenitude, os problemas que afetam o país, e que por vezes se evidenciam com maior agudeza no Estado de São Paulo. — Isto não quer dizer entretanto que os referidos titulares devam ser paulistas. — E a história nos aponta filhos de outros Estados na categoria dos maiores Ministros e Presidentes que o Brasil tem tido.

— Que perspectiva se oferece ao sr. José Maria Alkmin no Ministério da Fazenda diante da conjuntura que vivemos?

— A perspectiva de realizar uma obra extraordinária se encontrar elementos para deter a inflação e restabelecer o crédito. — A despeito das dificuldades evidentes, a meu ver o país apresenta condições para uma segura recuperação econômico-financeira. — Dois males essenciais a meu ver reclamam um combate denodado e efetivo — o empreguismo e a inflação. — O domínio dos mesmos poderia conduzir o Ministro da Fazenda a uma posição de especial relevo da nossa história financeira.

— Se tudo correr normalmente, que situação prevê para as finanças e a economia paulistas no fim dos quatro anos do governo Jânio Quadros?

— Uma situação de pleno equilíbrio e de excepcional vitalidade em condições de permitir ao futuro governo prosseguir com eficiência na grande obra de recuperação que o governo Jânio Quadros vem levando a efeito.

— O regime de controle de despesas sacrificou os empreendimentos do governo do Estado? Até que ponto e em que termos?

— De forma alguma. — Não se adotou o regime de compressão cega de despesas mas sim de verdadeira seleção das mesmas. — Nesse sentido, a política financeira se orientou na redução das despesas puramente instrumentais, tais como as de pessoal, material permanente e de consumo, etc. — Em benefício, porém, das aplicações que constituem a finalidade essencial do Estado. — Assim é que não faltaram e não faltam recursos nos setores de interesse à energia elétrica, às comunicações rodoviárias e ferroviárias, ao saneamento e melhoria das condições de vida do interior do Estado, à produção agrícola e à educação. — Na verdade se poderia dizer que não houve uma compressão de despesas, mas uma seleção das despesas.



O Salazar de Jânio Quadros e seu irmão, dr. Luís Carvalho Pinto, um de seus «braços-direitos» na Secretaria.

— Como vê a grande usina siderúrgica projetada para São Paulo?

— Será mais um instrumento para o progresso do Brasil completando a ação de Volta Redonda.

— E o plano de eletrificação? Acredita que seja concretizado?

— Com toda segurança. — Quatro usinas já se encontram em plena e acelerada execução e os recursos foram já instituídos. — Estão sendo religiosamente reservados para a execução do problema.

— E quanto a rodovias? E a taxa de gasolina?

— Em matéria de rodovias, está o governo dando início a um programa que prevê a pavimentação de mais de dois mil quilômetros de estradas de rodagem. — Esse é um setor que tem merecido absoluta prioridade e a execução de tão dilatado programa se opera com os recursos próprios do Estado, e com a colaboração da Caixa Econômica Estadual, à qual para tal efeito tem sacrificado a aplicação de interesses secundários, em benefício da economia e do interior do Estado.

— Que destino prevê para a grande produção industrial de São Paulo? Consumo no país? Exportação? Que nos diz sobre as condições da rede nacional de comunicações? E as condições para a exportação?

— Prevê-se um destino de interesse à economia do país, suprimindo os reclamos dos centros consumidores e poupando a consumação das nossas escassas divisas. — É evidente que a situação do mercado interno depende da manutenção e do crescimento do poder aquisitivo do povo, e a esse respeito mais uma vez o problema da inflação se apresenta como um dos de maior gravidade e que reclamam corajosas soluções.

— Como vê as figuras de Eugênio Gudim e Whitaker, economistas e financistas? Como aprecia a atuação dos dois à frente do Ministério da Fazenda?

— São dois grandes homens aos quais muito deve o país. — Com relação ao Ministro Whitaker, foi profundamente lamentável que contingências já bastante conhecidas o impedissem de levar a efeito uma reforma que poderia constituir a verdadeira redenção econômica para o país.

— Poderia resumir para os nossos leitores um quadro econômico-financeiro de São Paulo?

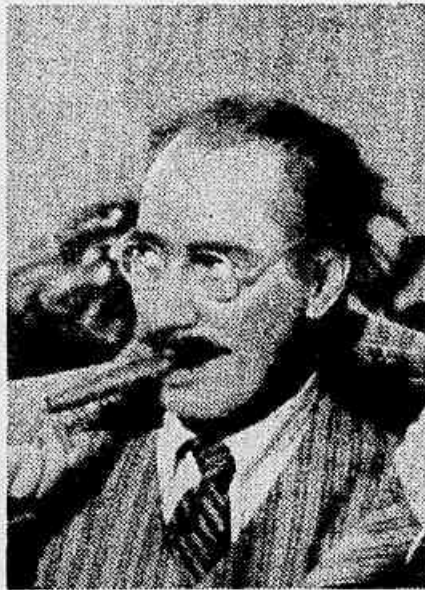
— São Paulo encontrava-se sob a opressão de uma dívida flutuante avultada, que, nos termos divulgados por um dos recentes exemplares da Conjuntura Econômica, atingia a nada menos que quarenta por cento da dívida flutuante tomada de todos os Estados, todos os municípios e do próprio Governo da República. — Essa dívida, na maior parte, estava vencida e sem possibilidades de resgate imediato, por ocasião da posse do governador Jânio Quadros. — Por outro lado, os déficits orçamentários eram elevados atingindo no triênio anterior à atual administração, a quarenta por cento do valor do orçamento. — A percentagem do déficit quanto ao primeiro exercício da atual administração, já pôde ser reduzida a 15,4 por cento. — E espera-se conquistar o equilíbrio orçamentário ainda no próximo exercício. — Com relação aos débitos em atraso, podemos informar que o Estado já se encontra rigorosamente em dia com todos os seus fornecedores, empreiteiros, credores por sentença judiciária e municípios do interior.



GARY COOPER
Quer filmar o Quixote



CALHERN
Morreu completamente



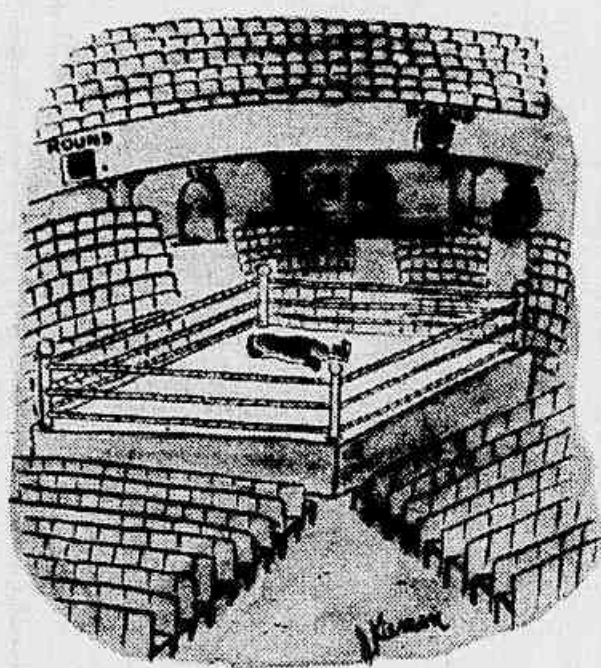
GROUCHO
Já tem bigode



PHILIP
Príncipe Padrão O



SOFIA
Ah! se eu te pego



KEMAN (Jours de France)

O PRIMAZ da Polônia, cardeal Stefan Wyszyński (não confundir com Vishinsky), que é atualmente mantido prêso em sua residência, recebeu a proposta de abandonar a Polônia, partindo para Roma imediatamente, contanto que não mais retornasse a seu país de origem. Recusou.

GARY COOPER pretende retirar-se, brevemente, das atividades cinematográficas. Antes, deseja interpretar, como fecho de ouro da carreira, o «Dom Quixote» na tela. Recordar-se que o grande cantor russo Chaliapin filmou o «Dom Quixote», há mais de vinte e cinco anos.

ERNEST HEMINGWAY parece que brigou com os produtores norte-americanos que pretendiam filmar sua novela «O Velho e o Mar». O romancista não mais partirá para o Peru, em busca de um espadarte-gigante, o qual, como devem saber, desempenha papel importante no decorrer do livro. Aliás, o velho pescador cubano que serviu a Hemingway de modelo para protagonista da história, move-lhe, presentemente, uma ação judiciária, exigindo-lhe o pagamento de uma fabulosa soma...

PASSOU QUASE em brancas nuvens, entre nós, a morte, aos 61 anos, do ator Louis Calhern, ocorrida no Japão. Calhern tomou parte em quase 70 filmes.

COM O CASAMENTO de Violetta Elvin, o mundo do «ballet» perdeu uma de suas maiores bailarinas, de vez que a inglesa (de origem russa) manifestou sua decisão inabalável de abandonar o palco.

«A SOMBRINHA é um atributo de elegância feminina». Com esse lema, os proprietários de lojas na Iugoslávia estão desenvolvendo intensa campanha, a fim de melhorarem suas vendas daqueles utensílios, cujo uso vinha decaindo, em todo o país, havia anos.

SEGUNDO DECLARAÇÕES do chefe do F.B.I., Edgar Howar, de cada três delinquentes deti-

A SEMANA INTERNACIONAIS

dos, ano passado, nos Estados Unidos, dois eram menores de 18 anos. Precocidade.

DEPOIS de sua grave enfermidade, o Papa Pio XII vai passando bem de saúde. Basta dizer que engordou, nos últimos seis meses, nada menos de dez quilos.

SEGUNDO FAMOSO filólogo americano, o vocabulário das mulheres se resume, em geral, em somente 750 palavras. Mas com essas 750 palavras, elas conseguem o que os homens não alcançam com 7.500 que fôssem... As palavras mais utilizadas pelas senhoras e senhoritas de todos os recantos do mundo devem ser: «Compra», «dá», «automóvel», «cinema», etc., etc.

QUATRO JOGADORES de «poker», nos Estados Unidos, passaram três dias seguidos às voltas com seus «fives». Foi quando um deles levantou-se e disse: «É melhor parar; já deve ser hora do almoço...»

GROUCHO MARX, para a secretária, que lhe anunciava «estar lá fora um homem, com um bigode, que queria tratar de negócios»: «Nada feito, diga-lhe que já tenho um».

PHILIP, MARIDO de Elizabeth, Rainha da Inglaterra, será nomeado «Príncipe do Commonwealth», assim que realizar uma longa viagem através da Austrália, Ascensão, Ceilão e outros locais da Comunidade Britânica de Nações.

ANDA ENCRENCADO o filme sobre a vida do famoso pintor italiano Amedeo Modigliani, morto em 1920. Isso porque um dos diretores queria que o principal papel feminino fôsse interpretado por Sophia Loren. Ao que o outro retrucou: «Trata-se da vida de Modigliani, e não da de Modiglianette...»

HENRI-GEORGES CLOUZOT, famoso cineasta francês, há algum tempo se dedica à pintura. Picasso, seu grande amigo, é quem vem orientando Clouzot, juntamente com o famoso Georges Braque.

EM POZNAN, estourou uma revolta contra o domínio russo da Polônia; revolta que encontrou ecos, imediatamente, até no Tibete. O que estará acontecendo por detrás da cortina de ferro?

O PRIMEIRO avião a jato espanhol é o «Sae-ta». Acaba de ser construído, por Messerschmidt.

A semaninha

— A rebelião na Argélia foi inspirada pela liga árabe...
Mas qualquer «liga» inspira rebelião... (os cavalheiros que o digam!)

— Quarenta pessoas mortas sob os escombros de um Mercado, na Índia.
E... acabaram vendendo lá as suas vidas!

— O partido comunista do Canadá está desconcertado com declarações relativas a Stalin...
Por aqui, o caso muda de figura: quando a «cana» dá, qualquer declaração é concertada!

— O Senado de Washington rejeitou uma emenda ao projeto de lei de ajuda ao estrangeiro...
Apoiado! Todos nós bem sabemos: primeiro nós, depois nós e... ainda nós!

— O sr. Benedito Rangel, o homem que provou aos padeiros que podiam vender o quilo de pão a Cr\$ 4,00, prova, também, que a carne fresca pode ser vendida por menos dez cruzeiros em quilo! (dos jornais).

Apenas provo uma vez,
Dito e feito, feito e dito:
O feijão irá p'ra três!
— Mas... «será o Benedito?»

Minha atitude comove...
Daqui sustento e repito:
A banha p'ra dezenove!
— Mas... «será o Benedito?»

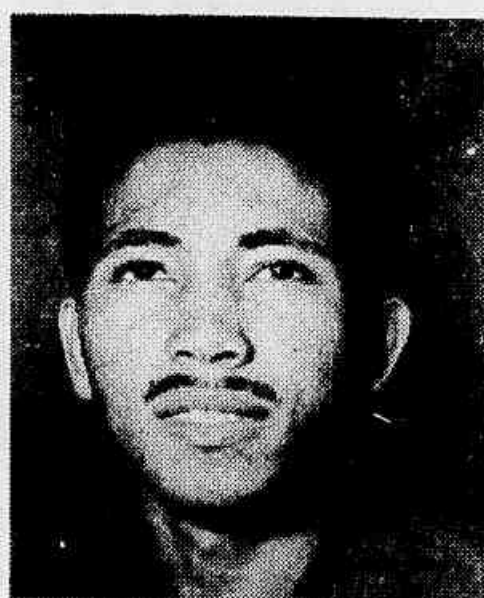
Como eu, não há nenhum...
E aqui vos deixo escrito:
O bonde volta p'ra um!
— Mas... «será o Benedito?»

Vendo passar uma amiga,
Lhe perguntei, muito aflito:
— Por favor, você me diga,
Quem será o Benedito?!

SANTOS ALVES



RAQUEL
Adeus, Ilha



FERREIRA
Pôs o Viola no saco



CÔRTEZ
Tem gato na tuba



JÂNIO
O londrino



CYRO DOS ANJOS
Caricaturou Benedito?

EM REVISTA

NACIONAIS

PARA-QUEDISTAS do Exército aprisionaram diversos policiais, em Caxias. O incidente prometia tornar-se mais sério ainda, quando as autoridades deram-lhe um ponto final.

O **AVIÃO** QUE conduzia a delegação do Flamengo ao Peru, um «Constellation», ao sobrevoar o rio Paraná, teve um de seus motores avariado. Voltava ao Rio, quando o segundo motor parou. Procurou imediatamente um campo de pouso, e terminaram por baixar em Bauru, felizmente sem qualquer consequência mais grave. Mas que o susto foi grande, foi mesmo.

AMAURI, QUÍPER do Botafogo, que andou mettendo o braço num jogador espanhol, e que por tal motivo, ficara prêso em Barcelona, voltou ao Rio, afinal. Enquanto isso, nossos bons amigos uruguaios, após agredirem o árbitro Frederico Lopes, já estão em casa, muito bem obrigados...

APÓS VÁRIOS anos de permanência em Governador, a escritora Raquel de Queiroz resolveu transferir-se para o Norte, para o seu Ceará longínquo e sempre presente. Rio, agora, só de passagem, e assim mesmo em caso especial. A ilha está inconsolável.

FANATISMO é o dêsse Antônio Ferreira de Jesus, que agora, depois de peregrinar durante anos a fio através de tôdas as varas cíveis do Rio, saltando de cartório em cartório, e gastando uma verdadeira montanha de selos e de requerimentos, conseguiu mudar seu nome para Antônio Ferreira do Mengo. Inútil dizer o timê do anjinho...

O **ACONTECIMENTO** literário é o aparecimento do romance «Montanha», de Cyro dos Anjos, escritor mineiro que há muito não publicava livros. O caso é que em «Montanha», buscou Cyro dos Anjos retratar a vida política do Brasil, nos últimos vinte e cinco anos. Muitos observadores já tentaram identificar em Pedro Gabriel o político mineiro Benedito Valladares, em Mingo, João Goulart, em Agenor, Ademar de Barros, em Hermeto, Milton Campos, e assim por diante. O romancista, mineiro, não confirma, nem desmente. E o livro vai vendendo...

O **FERIADO** comemorativo da autonomia do Distrito Federal foi muito mal recebido por determinados círculos industriais e comerciais. Mas que houve, houve de fato. E ninguém se queixou.

TUTSI BERTRAND, que concorreu ao Concurso de Miss TV, e depois ao Miss Distrito Federal, era até bem pouco recepcionista da VARI-G. Agora, a loura Tutsi parece que vai deixar aquelas funções. O motivo ainda não foi conhecido.

NO **MUSEU** de Arte Moderna, exposição de «Tapeçarias Abstratas». O «vernissage», como sempre, acontecimento de grande proeminência artística e social.

QUE ESTARÁ acontecendo para os lados do coronel Menezes Côrtes, antigo chefe de Polícia, antes do 11 de novembro? As notícias a seu respeito são controvertidas e inquietantes.

VAN JAJA, até então apenas poeta (como se fôra ser pouco, ser apenas poeta...) vai muito em breve lançar sua primeira peça como autor teatral. E' êle quem diz: «Estou prestes a me fazer no mar do original brasileiro. Dentro em pouco me inaugurarei autor nacional de teatro».

HOUE QUEBRA-QUEBRA, novamente. Dessa vez, o alvo das manifestações populares foram os trens dos subúrbios. O povo anda cheio, quase tão cheio quanto os próprios trens, em hora de movimento...

O **CORPO DE BOMBEIROS** comemorou seu primeiro centenário a dois de julho. Todo um extenso programa de festividades foi executado. O Presidente da República esteve presente.

A **PRIMEIRO** de julho corrente, a população do Brasil acaba de atingir a casa dos sessenta milhões de habitantes. E', assim, o nosso país a nação latina mais populosa do mundo. O Estado mais populoso é São Paulo, com dez milhões de habitantes — aproximadamente, a população da Holanda.

NOVA LINHA, entre Rio de Janeiro e Chicago, deverá ser inaugurada a 25 de agosto pela «Real-Aerovias», que para êsse fim já adquiriu seis imensos aviões DC-6.

JÂNIO QUADROS voltou da Europa, onde passou cerca de mês e meio, em busca de saúde, e de contratos comerciais entre São Paulo e a Europa. Aquela veio como foi, mas parece que alguns contratos foram firmados.

O **TREINADOR** Gentil Cardoso, do Bonsucesso, está a merecer severa punição, pelo que fêz há pouco, na excursão de seu clube pela América Central. O gordo técnico, fazendo-se passar por juiz, apitou um encontro de seus próprios pupilos, marcando um pênalti a seu favor, pênalti que foi convertido, e deu a vitória ao Bonsucesso. Atitudes como essa desmoralizam ainda mais nosso renome, já tão atingido por aventuras de toda sorte, políticas, econômicas, esportivas, etc., etc.

FOI GRANDIOSA a recepção que Porto Alegre tributou a Maria José Cardoso, Miss Rio Grande do Sul e Miss Brasil. A menina, que nasceu em Santa Catarina, deverá partir muito em breve para Long Beach.

BRASIL E ITÁLIA novamente se encontraram, agora, porém, no Maracanã, em revanche aos 3 a 0 inflingidos aos nacionais pelos italianos. O time brasileiro dispunha de vários elementos novos, além dos medalhões de sempre. Flávio Costa afirmou, ainda na Itália, que, no Rio, os brasileiros venceriam facilmente. E venceram por 2 tentos a 0, tentos de Ferreira e Canário. A renda foi de quase 3.800.000 cruzeiros.

DE SETE EM SETE

São João em Barcelona, festejado à maneira dos nossos vizinhos uruguaios, pela rapaziada batuta e afiada do meu Botafogo, que só faz bonito na estranja. — E o dia da promulgação da autonomia do Distrito Federal, por sua vez comemorado com um feriado que não era, mas devia ser, porém deixou de ser porque não estava muito certo... (Coisas da época, meninos) — Enquanto ali adiante, em Buenos Aires, o Patrimônio Nacional entra na herança de 150 milhões de pesos de bens móveis e imóveis que mestre Perón não pôde levar consigo. — E o pai da «Morte do Caieteiro Viajante» que passou a ser «mr. Marilyn Monroe», enquanto a curvilínea encontra em Arthur Miller um novo Pigmalão, como sempre acontece em casos tais... — Doutor Jânio chega de viagem, dá um contra sole-ne na política dos governadores que se vinha esboçando, e o doutor Jango também voltou, mas direto aos seus pagos. — Boa nova a presença de Sérgio Cardoso no Rio, pena que seja só por uma noite, para um programa de TV. Em São Paulo, «Hamlet» sempre em grande forma. — E circula um filme — «Suplício de uma saudade» — que faz lembrar os bons tempos dos dramalhões réstia-de-cebola. Jennifer Jones um portento na viúva eurasiana de um general nacionalista chinês. E o rapazinho William Holden, subindo, subindo que nem balão (ou cruzeiro). — Magnífica a recepção em Lisboa, Porto e Coimbra, dispensada à Rainha das Associações Portuguesas. A jovem até que está fazendo bonita figura junto à heróica rapaziada lusa. — E os soldados do fogo, comemorando cem anos em fardamento vermelho e branco, de bigodes «à moda» e fazendo heróicas demonstrações. Festejado o primeiro centenário, a turma saiu para o segundo, com vontade. Mas o atropelamento simulado quase provocou desmaios... — Petróleo em S. João da Barra, nas terras do Cabo de São Tomé... — Dois militares porten-nhos pedem asilo à Embaixada do Brasil em Buenos Aires. — Continuam as ruas esburacadas, provocando acidentes por vezes fatais. E o deputado Tenório Cavalcanti, recolhido a uma casa de saúde, com os nervos em pandarecos: «Estou sofrendo de cólera aguda». Sabe lá o que é isso?

FEDELE

Novela de ANTÔNIO FOGAZZARO

Ilustração de RAMÓN

ESTOU para lhe soprar essa pedra, disse-me, naquela noite inolvidável, primeiro de agosto de 1884, o general Trézel, agarrando com os dedos um de meus pobres peões. Mais atenção, por favor!

— Cheque! respondeu por mim a senhorita Prima, tocando-me o braço com seu leque. E depois, com a caneta em punho, prosseguiu:

— Vamos, dite: *Eu, quando te vejo, experimento uma sensação que não sei explicar... O que vem depois?*

— Perdão, general, disse, após ter feito avançar um peão do acaso... *E digo que nada sinto, e que nada é...*

— Filipe, por favor, fique quieto, exclamou a senhorita Prima, dirigindo-se ao irmão, que ao piano tentava executar alguns compassos de uma velha ária de Stradella.

Continuei a ditar à jovem as palavras da antiga canção que tanto agradara aos hóspedes inteligentes e distintos do hotel Brocco, em Milão.

Cerram-se meus lábios
Se te vou falar.
Digo: «O que se passa?»

Aqui, a memória traiu-me. A senhorita Prima, suas amiguinhas, e mais alguns jovens que se encontravam no recinto, todos ávidos por aprender a letra da canção, para depois tartamudeá-la no banheiro, mostraram-se desolados. Os versos, porém, não me acudiam à memória de modo nenhum, e assim, só fazia repetir, com um ar meio cretino, tomando o jeito mais sentimental que me era possível:

Cerram-se meus lábios
Se te vou falar...

— «O que se passa»... repetiu dona Luisa Trézel com ar malicioso, mas também com sua elegância habitual. Quem sabe? O senhor Fogazzaro talvez pudesse pedir o verso que está faltando à sua Fiel...

Todos riram, o que me perturbou. Pus-me a jogar com grande atenção. Depois, como Filipe se tornara irritante a ciscar no piano, levantei-me, e fui indicar-lhe as notas iniciais da ária de Stradella.

— Para mim, chega, disse o general, que não chegara sequer a levantar o olhar do tabuleiro de xadrez, quando eu me levantara e me encaminhara na direção do piano e de seu executante.

— O senhor está aborrecido comigo, senhor Fogazzaro?

Era a mulher do general. Respondi-lhe que absolutamente; porém, que as alusões à pessoa que dona Luisa designava como minha Fiel me eram penosas e me desagradavam bastante. Era uma jovem senhora, chegada havia três dias, sem qualquer espécie de acompanhante, a San Bernardino. Ninguém a conhecia. Saudava a todos polidamente, mas jamais falava com

ninguém. Os hóspedes do hotel diziam que era veneziana. Sobre a ficha de cartolina que os desconhecidos são obrigados a preencher, em todos os hotéis, ela escrevera, em caligrafia caprichada, unicamente duas palavras:

Madame Fedele

Era loura. Não muito alta, porém, esbelta. Agradável, embora mais graciosa e delicada do que bela.

Afirmo que não saberia dizer qual a cor real de seus olhos. Talvez tivessem a nuance cambiante do mar, à beira do qual nasceu. Vestia sempre o mesmo costume cinzento, a mesma pele negra, as mesmas luvas de idêntica tonalidade. Saía tarde, para fazer um passeio solitário. Por volta das nove da noite, descia ao salão. Se alguém tocava ou cantava, deixava-se ficar longamente, em um canto afastado do piano e do grupo de pessoas; quando não havia música, terminado o café, levantava-se e se retirava.

Faziam-se comentários sobre suas origens, sobre seus costumes, sobre seu nome, Fedele, o qual proporciona habitualmente ao general Trézel a ilusão de que possuía espírito... Ocorreu-me certa ocasião tomar sua defesa, quando as senhoritas e senhoras ocupavam-se, no grande terraço, a esmiuçar a sua vida, avançando uma série de hipóteses maldosas. Por acaso, no mesmo momento em que eu a defendia, ela passava por nós, de volta de seu passeio costumeiro. Suas faces estavam coradas, mas ela não se dignou sequer a nos olhar. Aquele mesmo dia, porém, quando descia para o café, alguns amigos meus lhe surpreenderam certo olhar, a mim dirigido, em que viam algo assim como um reconhecimento. Ora, afinal de contas, o que eu desajava era tranquilidade.

— Que milagre, ela hoje desceu mais cedo! exclamou Felipe.

E, com efeito, mal eram oito horas, e já, no seu cantinho afastado, Madame Fedele se encontrava sentada.

— Penso que aguarda o início da música, acrescentou a senhorita Prima.

Tinham anunciado, na véspera, um concerto, por certo pianista cego que tinha fama de muito bom.

Um senhor, que estava de pé a meu lado, observando o jogo de bilhar que se efetuava pouco adiante, esclareceu que o artista não mais viria: tinha mandado avisar que, devido a uma indisposição estomacal, de seu ajudante, estava impossibilitado de tocar.

Nesse mesmo momento, alguém exclamou, do outro extremo do salão:

— Está nevando!

As mulheres levantaram-se soltando pequenas exclamações; os jogadores de bilhar deixaram os tacos, os de baralho abandonaram os naipes. Até mesmo o general Trézel, que prosseguia impassível diante do tabuleiro de xadrez, abandonou por momentos cavalos e tór-

res, e precipitou-se, com os demais, para o grande terraço. Não era todos os anos que se podia ver neve em agosto.

Para mim, porém, velho habitante dos Alpes, esse fenômeno não tinha muito interesse. Levantei-me, tranquilamente, e aproximei-me de uma janela.

Era realmente um espetáculo fantástico, uma festa noturna magnífica, que o vento gélido do Norte a neve ofereciam à lua e às estrelas. A lua aparecia ao longe, por sobre milhares de pinheiros eriçados de frio, no intervalo entre duas montanhas, ora límpida, ora encoberta por uma linda cerração. Para dizer a verdade, não se podia dizer que nevasse. Tratava-se, antes, da neve das montanhas altas, espalhada pelo vento, e que vinha atingir o vale onde estava situado o hotel.

— Perdão, senhor Fogazzaro, disse-me, com acento veneziano, uma voz trêmula. Hoje não haverá mais o concerto?

Virei-me, surpreso.

— Desculpe-me se o incomodo, prosseguiu Madame Fedele. Sei, porém, que somos quase concidadãos.

Eu estava menos surpreso com a sua pergunta inesperada do que com a estranha e profunda emoção que eu lhe adivinhava na voz, e que contrastava com a simplicidade de palavras que me dirigia. Depois, o meu querido dialeto, que ela empregara para me chamar por meu próprio nome, atraía-me irresistivelmente para aquela jovem mulher. Atração que a cativava igualmente, por motivos que eu ainda ignorava.

— É verdade. Temo que hoje não haja concerto. Ouvi dizer que o pianista se desculpou de não poder vir, alegando doença, em seu acompanhante.

— Mas então ele não virá mais tocar, algum outro dia?

Seus olhos belíssimos pareceram-me maiores, em tal momento, sua voz, mais trêmula.

— Não sei, em realidade.

Pensei que devia acrescentar algo, por cortesia:

— A senhora deve gostar muito de música, não?

Não me respondeu. Olhou para fora, para a neve e a lua. Decorreram alguns momentos, antes que voltasse a falar.

— O acompanhante, disse o senhor?

— Bem, um senhor, que me informou do fato, disse o acompanhante; contudo, acho que se enganou: trata-se de uma moça.

Ela apoiou o rosto contra a moldura da janela, como que para melhor ver a paisagem lá fora; em realidade, buscava esconder-me seu rosto. E prosseguiu, com voz ainda mais sumida e emocionada:

— Estou aqui sem amigos, sem ninguém. O senhor pensará mal de mim?... Não, o senhor não. Sei que o senhor não me julga como os outros. E depois, disseram-me que o senhor também é pai. E isto...

Ela falava em tom tão humilde!

— Por favor, senhora. Se posso auxiliá-la em alguma coisa...

Já os pensionários voltavam do espetáculo da neve, correndo, falando alto, alegres por terem presenciado a primeira geada. O general mal entrou logo me procurou, com os olhos, a fim de terminarmos a infundável partida de xadrez. Separamo-nos rapidamente. Pouco depois, o dono do hotel veio apresentar as desculpas do senhor Zuane, o pianista. Ao mesmo tempo, Brocco informou-nos também a deplorável situação do músico, que, sem esse concerto, onde ganharia algum dinheiro, não poderia pagar a mensalidade do miserável hotel em que se hospedara. As mulheres, tomadas de súbita compaixão, pediram-me que fôsse buscá-lo. Um aluno do Conservatório de Milão, rapaz jovem e brilhante, ofereceu-se para ser seu acompanhante.

Partimos logo, o jovem e eu, cheios de zelo. Zuane, o pianista cego, recebeu-nos com uma delicadeza cheia de dignidade, como um rei



em exílio, e tudo em um italiano fluente, que a cada instante me recordava minha cidade natal. Era ao mesmo tempo cômico e trágico ouvir êsse homem discorrer com tanta dignidade sem ver seus interlocutores, acompanhando seu discurso com gestos largos, que se encolhiam, tímidos, cada vez que suas mãos tocavam as abas do chapéu coberto de neve de meu companheiro. Escutamos a tosse da senhorita Zuane, no aposento contíguo, por cuja porta fluía uma luz fraca, supérflua para a jovem Zuane e insuficiente para nós. A jovem nos implorou, no mesmo dialeto lânguido, que viéssemos apanhar a lâmpada. Sua voz me comoveu. Depois, quando me aproximei de seu leito, julguei quase rever o rosto delicado de Madame Fedele.

— Eu vos peço por meu pai, senhores. Vejo que sois bons...

Depois levantou a cabeça do travesseiro, e me fez sinal para que me aproximasse:

— Perdoe-me, senhor, mas conhecerá acaso uma jovem veneziana que se parece comigo?

— Sim, há uma moça no hotel que a recorda muitíssimo.

— Por favor, não deixe que ela fale a meu pai. É uma súplica que lhe faço, pelo amor de Deus. Diga-lhe que o faça, por amor de Lisette!

(Cont. no próximo número)

SÔBRE FOGAZZARO

♦ Antônio Fogazzaro, nascido em 1842, em Vicenze, foi um dos escritores italianos mais conhecidos e conceituados do século passado. Foi a princípio poeta, e só estreou em livro aos 34 anos, com «Miranda». Foi porém como romancista que se salientou, e por êsse ângulo é conhecido e citado. Suas obras principais são «Um Santo», o célebre «Piccolo Mondo Antico», o «Piccolo Mondo Moderno» e «O Mistério do Poeta».



O ENIGMÁTICO

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

♦ Kapitza, célebre físico russo, filho de um general czarista, volta à União Soviética, para um conclave, e dali não sai nunca mais, primeiro, porque não o deixavam, e depois, porque resolvera ficar definitivamente. Ali, certa noite, é chamado por Stalin para «jogar xadrez». O convite é bem outro, porém: trata-se de pesquisar, para a União Soviética, o campo da física atômica e nuclear. Pelas inúmeras prisões russas, Kapitza vai recrutando os técnicos de que precisará. Já dispõe de uma vasta e seleta equipe, de que é o chefe e o principal responsável.



PLEASE YOUR PAPERS, SIR! INTERROGUEI-O EM INGLÊS. E LÁ SE IA POR TERRA O INCÓGNITO...

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone e Ed. Pierre Horay

(Continuação do número anterior)

A

22 de julho de 1937, Kapitza está de volta a Moscou. A rádio oficial saúda seu «retorno das férias», férias durante as quais ele parece «ter escalado o «Elbrous», no Cáucaso». Cita-se o exemplo do «corpo são em mente sã», que é Kapitza. Foi sem dúvida para evitar aborrecimentos de explicações demoradas que se evita contar que, nessas «férias», Kapitza teve dois dedos do pé gelados. Entrementes, em Moscou, não se dormia: o caminho estava já preparado.

KAPITZA, APRENDIZ DE FEITICEIRO

— Que pensa o senhor da telepatia? Acredita nela, caro senhor cientista?

Fôra Lady Ruthford quem submetera a questão a Kapitza, havia muito. Seu marido costumava reunir, bimensalmente, seus colaboradores.

Lady Ruthford e seu marido apreciam Kapitza. A conversa do emigrado russo é deveras cativante, e as mulheres sabem que dança bem, embora raramente o faça. Aquela tarde, como de costume, Kapitza sentia-se deslocado naquele meio. Respeitado por seus colegas, por seu imenso saber, é também pouco querido, e de boa vontade é deixado a parte. É um homem solitário, duplamente exilado, do ponto de vista político e do social.

COM A BÓCA NA BOTIJA...

Lady Ruthford busca distrair Kapitza, tenta tirá-lo de seu habitual isolamento. A questão é algo esquisita. Um astrônomo não é um astrólogo, e um físico, naturalmente, terá muito pouco que ver com as relações sobrenaturais entre as almas. Seria bem fácil a Kapitza contornar, com um dito espirituoso, a pergunta.

Um dos convidados, porém, acrescenta, piscando, maliciosamente, os olhos para os demais:

KAPITZA

— Estou certo de que o senhor é capaz de ler os nossos pensamentos! Prove-nos do que é capaz!

Espera-se uma resposta jocosa do russo. Mais tarde, sir Ruthford narrara tal cena, em uma carta a seu amigo Ioffe:

— «Com homem tão notável, é preciso estar sempre preparado para qualquer tipo de surpresa. A pergunta inocente de minha mulher, nada soube Kapitza responder. Enrubescou profundamente, como um escolar que é apanhado com a boca na botija...»

Muito tempo depois da morte de lord Ruthford, o professor Ioffe contou o incidente à sua moda. Com efeito, Kapitza tinha sido surpreendido em flagrante: pois, voluntariamente ou não, tinha o físico freqüentemente recorrido à telepatia.

Foi por volta de 1930 que Kapitza recebeu, em Londres, a visita de um emissário de Stalin, o falso campeão de tênis Ivanstky. Depois, segundo emissário: certo Berens, que para o futuro será um dos mais altos dignatários do N.K.V.D.: Serge Redens. A Rússia necessita de Kapitza, filho de general czarista ou não. Necessita do sábio que, graças a seu mestre Abram Ioffe, fez uma estréia por todos os títulos brilhante no mundo científico, mas que fez essa estréia sob os auspícios de Ruthford. De 1924 a 1932, Kapitza trabalha no «Magnetic Research Cavendish Laboratory», de que é, desde 1928, o chefe incontestado. O grande sábio britânico chama-o de «seu braço direito». Em fevereiro de 1934, é convidado pela Academia de Ciências Soviéticas para participar de um congresso na Rússia. Para ali se dirige, acompanhado da esposa, filha do antigo conselheiro de Estado Tchernosvitov, e essa chega a solicitar que se examinem os seus direitos de propriedade à herança paterna. Na Rússia encontra novamente a filha do matemático Krylov, amiga de infância, que terminará sendo sua segunda esposa.

O 25º MINUTO

A 15 de maio de 1935, inaugurava-se o famoso e super-luxuoso «metró» de Moscou. No meio das comemorações enormes, Stalin sabe que Ka-

pitza visitou a linha subterrânea, largamente pavimentada. É claro que o sábio é vigiado, mas de longe, discretamente. O governo está a par de todos os seus passos.

— Tragam-me Kapitza até cá — diz Stalin para o chefe de sua guarda — mas sem molestá-lo em um fio de cabelo.

O chefe da guarda (que é quem no momento escreve essa série de artigos) se vê assim a braços com delicada tarefa. Conheço Kapitza desde a Inglaterra. E sei muito e muito bem que não poderia jamais dirigir-lhe um convite para acompanhar-me até à presença de Stalin, sem que ele imediatamente protestasse. Por outro lado, não podia tocar em um fio de sua cabeça. E, se eu no momento hesitasse um pouco que fôsse, podia ter a certeza de que o próprio Kapitza me agrediria...

Encontrei-me com Kapitza, de acordo com meu plano original, na estação Sokolniki. Admirava ele uma parede inteiramente de mármore.

— Please, your papers, sir? (interroguei-o em inglês).

E lá se ia por terra o incógnito do ilustre visitante, que a princípio perturbou-se, para logo depois controlar-se. É claro que não trazia no momento seus documentos. O chefe da guarda denotou certa compreensão.

— Já sei quem poderá responder pela sua identidade, e ser seu fiador. Quer ter a bondade de me acompanhar?

— Insolente! Se pensas que...

— Ele não tem medo — disse-lhe eu. Ao passo que o senhor treme de pavor à simples idéia de vê-lo...

— Eu, medo? Repete a afronta, cachorro! Eu, ter pavor de teu irmão de raça?...

Abstive-me de dizer que todo mundo treme à simples enunciação do nome de Stalin. Não seria, aliás, necessário, pois Kapitza subitamente torna-se calmo. A multidão começa a acorrer, curiosa, e nada é tão desagradável a ele quanto a curiosidade pública...

Entramos afinal no Kremlin, discretamente. Kapitza atravessa uma porta, e súbito dá de rosto com Stalin. Parece não o ver, atraído por uma imensa estante, repleta de livros, ao fundo do gabinete.

— Retira-te, ordena-me Stalin.

Espanto-me. Tinha ordem de não deixar o ditador sozinho com quem quer que fôsse, até mesmo Molotov, presidente do Conselho. Quem sabe Kapitza tivesse em seu poder alguma arma, um canivete, talvez?

Eu não revistara Kapitza, e hesitava, assim, em cumprir as determinações de Stalin, quando a voz furiosa do ditador de novo se fez ouvir:

— Retira-te, não ouviste?

Obedeço, de má vontade. Antes de cruzar a soleira da porta, ainda tenho tempo de ver que Kapitza, desastrosamente, batera com a aba do paletó no retrato da mãe de Stalin, derrubando-o por terra...

Vinte e cinco minutos de angústia e expectativa. A sineta ecoa. Precipito-me para a porta... Os dois homens se apertam as mãos.

É claro que Kapitza não se deixara intimidar. O que se terá, então, passado naquele gabinete, nos vinte e cinco minutos em que nele ficaram a sós Stalin, ditador da Rússia, e Kapitza, durante o dia 15 de maio de 1935?

Vários dias depois, Kapitza instala-se no recém-construído Instituto de Pesquisas Científicas. Trabalha-se ali sob a orientação do professor Ioffe, que já fôra preceptor de Kapitza. Contrariamente a tudo quanto se vira até então, a casa de Kapitza é a maior, a mais bela, e a primeira a ser terminada. Está localizada bem próximo aos laboratórios, e uma guarda especial a protege contra possíveis sabotagens. Há quem fale que o governo está interessado em adquirir para Kapitza, na Inglaterra, um fabuloso equipamento científico, destinado às suas pesquisas.

MEDITAÇÃO NA BEIRA DO LAGO...

Que um sábio tome suas notas, é muito natural. Vivendo um período turbadíssimo da história, seus pensamentos, reunidos em forma de diário, podem ser, para seus contemporâneos ou sucessores, um documento de alto valor. É a essa vontade que por vezes assalta os grandes espíritos, de verter no papel suas reflexões, que devemos algumas das maiores obras primas de todos os tempos.

Porém, que um sábio, que um pesquisador do porte de Kapitza, escreva a altas personalidades carta que ele não envia nunca, em lugar de se entreter com essa correspondência valiosa, é esse um fato bastante característico do homem que nos ocupa. Será preciso talvez apontar-lhe a timidez, ou a solidão em que sempre viveu, para explicar o caso. Ou, quem sabe, é o orgulho que o impede de comunicar a outrem aquilo que certamente esse outrem jamais compreenderá?

Ioffe nos conta de várias cartas de Kapitza, dirigidas a importante personalidade estrangeira, e que não foram jamais enviadas. O velho físico foi testemunha ocular.

Estamos no dia 20 de julho de 1937. Kapitza, no decorrer de sua longa viagem de exploração ao mundo dos prisioneiros de Estado, passa por Tiflis, capital da Geórgia. Por coincidência, encontra-se com seu antigo professor, Ioffe, o mesmo que o ajudara a fugir à sanha dos revolucionários, que o conhecia tão bem.

(Continua no próximo número)

Por M. A. BIEW

Ilustração de LLAMPAYAS

É ASSIM A NOVA

PRINCESA MARGARET

por FRED DOERFLINGER

(Primeiro de uma série de quatro artigos)

EXCLUSIVIDADE para a REVISTA DA SEMANA, pelo I.N.S.



Faz apenas oito meses, a Princesa Margaret da Grã-Bretanha viveu aquela nota final melancólica de seu romance de amor com um cidadão plebeu e divorciado. Ao declarar «Decidi não contrair matrimônio com o Capitão de Grupo Peter Townsend», do torvelinho interior e das penas emocionais daqueles dias tristes, surgiu uma nova Princesa Margaret. Este é o primeiro de quatro artigos escritos por um veterano jornalista credenciado no Palácio de Buckingham, em que se descreve a mudança dramática ocorrida na vida particular e pública da Princesa e esclarecendo quem são os homens que, agora, lutam entre si pelo primeiro lugar nas suas afeições ao mesmo tempo que explica o sucedido com o «Esquecido» Capitão de Grupo Peter Townsend.



● LONDRES — (Junho — 56) —

A princesa Margaret, a «Rosa» silvestre da realeza britânica, admite que dois enamorados, quando separados, devem tratar de se «esquecer» mutuamente. E procurando esquecer seu grande amor, Margaret pleiteou e conseguiu a maior liberdade que já alcançou qualquer outra princesa britânica dos tempos modernos.

Sua nova personalidade está evidenciada desde as roupas que veste, até aos amigos com que passou a rodear-se, às festas a que comparece e às suas discretas mas bisbilhotadas incursões e correrias em público. Tudo isso dá muito o que falar, mas, pela primeira vez, se revela o que há de verdadeiro a respeito e onde, portanto, começa o fruto da imaginação.

Em uma tarde ainda recente, Billy Wallace, um rapaz alto e magro, favorito da casa real, por largo tempo, comprou três poltronas de 29 centavos na bilheteria do Charing Cross Theatre, que fica no coração turbulento e confuso do bairro teatral londrino.

Nessa noite, Wallace, Judy Montague e uma jovem pequenina, de grandes olhos azuis, cabelos castanhos abundantes e uma figurinha bem proporcionada, entraram discretamente no teatro. Sentaram-se na última fila observando com atenção o que se projetava na tela, um programa de desenhos animados e documentários, e, mais tarde, dali saíram, um de cada vez, com pequenos intervalos de minutos, no propósito inútil, é claro, de não serem reconhecidos.

Até então, as fórmulas protocolares sempre impunham que o teatro fôsse notificado, previamente, da visita tão ilustre, para que houvesse número suficiente de polícias a fim de conter os curiosos. Um certo número de automóveis, com o motorista em seu posto, ficava de sobre-aviso para transportar rapidamente a comitiva real antes que as portas do teatro deixassem sair o público.

Antes de entrar, Billy, Margaret e Judy haviam caminhado naturalmente pelas ruas barulhentas e cheias de gente, parando aqui e ali para observar as vitrinas dos grandes armazéns. Nos seus giros para fazer compras, Margaret rompeu outra velha tradição. Agora, sempre leva consigo o dinheiro suficiente para pa-

◆
DEPOIS DE TOWNSEND. Margaret da Inglaterra vai levando sua vida. Parece que já esqueceu o estranho aviador. É uma jovem cheia de vida, por quem o povo inglês começa a ter grande afeição. O Príncipe Encantado está custando.



Princesa Margaret

nas com quinze anos, de tão assídua naqueles centros, fez muitos repórteres indagar com uma pontinha de malícia:

— Não estará porventura a nossa princesa tresnoitando muito freqüentemente? Não estará dormindo tarde para a sua idade?

Agora ela prefere assistir teatro ou cinema e depois reúne algumas de suas amigas em seu apartamento particular de Clarence Houwe, ou nos aposentos de alguma amiga, como Sherman Douglas, filha do ex-embaixador dos E.E.U.U., Lewis Douglas. Uma festa recentemente celebrada em casa de Sherman, depois de uma visita à comédia musical «The Pajama Game», prolongou-se até às três da madrugada.

Margaret ainda fuma. Fuma, porém sem o freqüência de outrora, e já não emociona também o povo como no início, quando era a primeira princesa a fumar em público. Finalmente, trocou o champagne rosado de seus anos adolescentes, pelos cocktails adultos, os vinhos e os licores.

Muitos de seus velhos amigos estão hoje casados, e freqüentemente almoça com um deles, ajudando, sem constrangimento, a pôr a mesa ou a lavar os pratos. Os fins de semana, geralmente, ela os passa na intimidade, em companhia de algumas amizades íntimas.

Tudo o que se passa por detrás dos bastidores do teatro, continua a fascinar a princesa, mas abandonou a velha idéia, que tanto a dominou quando adolescente, de tomar parte ativa nas representações. Não faz muito tempo, compareceu aos ensaios da peça «Cranks», que ia ser apresentada em espetáculos de caridade, e chegou a dar alguns conselhos ao produtor da peça, John Cranko. Dois conhecidos atores do palco, que acabavam de brigar, estavam por acaso na fila dianteira àquela ocupada pela princesa.

— Vejo que estão olhando um ao outro, disse a princesa. Dois namorados, quando brigam de verdade, olham cada qual em direção oposta...

E com isso ela fez a reconciliação do casal de artistas.

Margaret foi sempre caprichosa em se vestir e muito a preocupa o que outros digam a seu respeito. Aos seis anos, fez esta pergunta a sua avó:

— Todo mundo está olhando para mim, não é, vovó?

E como a avó respondesse afirmativamente, ela decidiu enfrentar «todo mundo»... com novas liberdades em seus vestidos.

Aos dezoito anos, modelou um traje de Christian Dior que pareceu ao Rei e à Rainha, por demais «audacioso». E não deu confiança à opinião dos «velhos». Alguns anos mais tarde, quando sua irmã lhe fez uma observação sobre os sapatos que calçava, com abertura para os dedos, disse-lhe:

— Cuide você do seu Império e deixe que eu trate dos meus sapatos.

O decote considerado daquela vez como por demais «audacioso», foi substituído agora pelos vestidos sem alças ou ousados decotes de «toilettes» por demais sofisticadas. A imprensa britânica desorientou-se quando viu a coleção de estilos de penteados que a princesa passava a adotar, e que se chamavam: «La Bombe...», «Estilo Telefônico...», «Estilo Sorriso de Malerkov...» e assim por diante.

Seus sapatos são agora de saltos por demais altos. Em fevereiro último, o Instituto de Vestidos de Nova York citou Margaret como a segunda em sua lista anual de mulheres mais bem vestidas do mundo.

Mas o aspecto mais indicativo de sua nova independência e determinação de ser livre, está no assombroso vestido que usou nas últimas corridas de Hurst Park. Só mesmo uma senhora madura e sofisticada, consciente do seu gosto próprio, poderia usar um vestido que faria intrigar e causaria comoção entre os «experts», originando comentários deste gênero:

— Bonito, realmente... Encantador... mas... não se podem misturar sapatos e carteira de anta, com luvas de pele de bezerro... E o agasalho é por demais curto para ser um sobretudo ordinário, mas também é por demais comprido para ser um casaco três quartos...

Em que ficamos, afinal?

(Cont. no próximo número)

TOWNSEND, após seu romance com Margaret — romance terminado de maneira melancólica — parece manter estranhos projetos: dizem que vai solicitar demissão da R.A.F., e seguir para a América do Norte, a fim de tratar das diversas coudelaria de um grande magnata americano.

gar o que lhe apetece adquirir. Anteriormente, uma dama de companhia ia a seu lado e incumbia-se dessa trivial obrigação. Os hábitos mudaram depois que surgiu a nova princesa Margaret.

O grupo habitual de Margaret inclui, hoje, algumas caras novas. Até pouco tempo, as únicas pessoas a quem a princesa via com assiduidade, e que se freqüentavam entre si, eram aristocratas de sangue nobre ou fabulosa riqueza, gente conhecida de longos anos e já aprovada oficialmente pelo Palácio. Quando conheceu al-

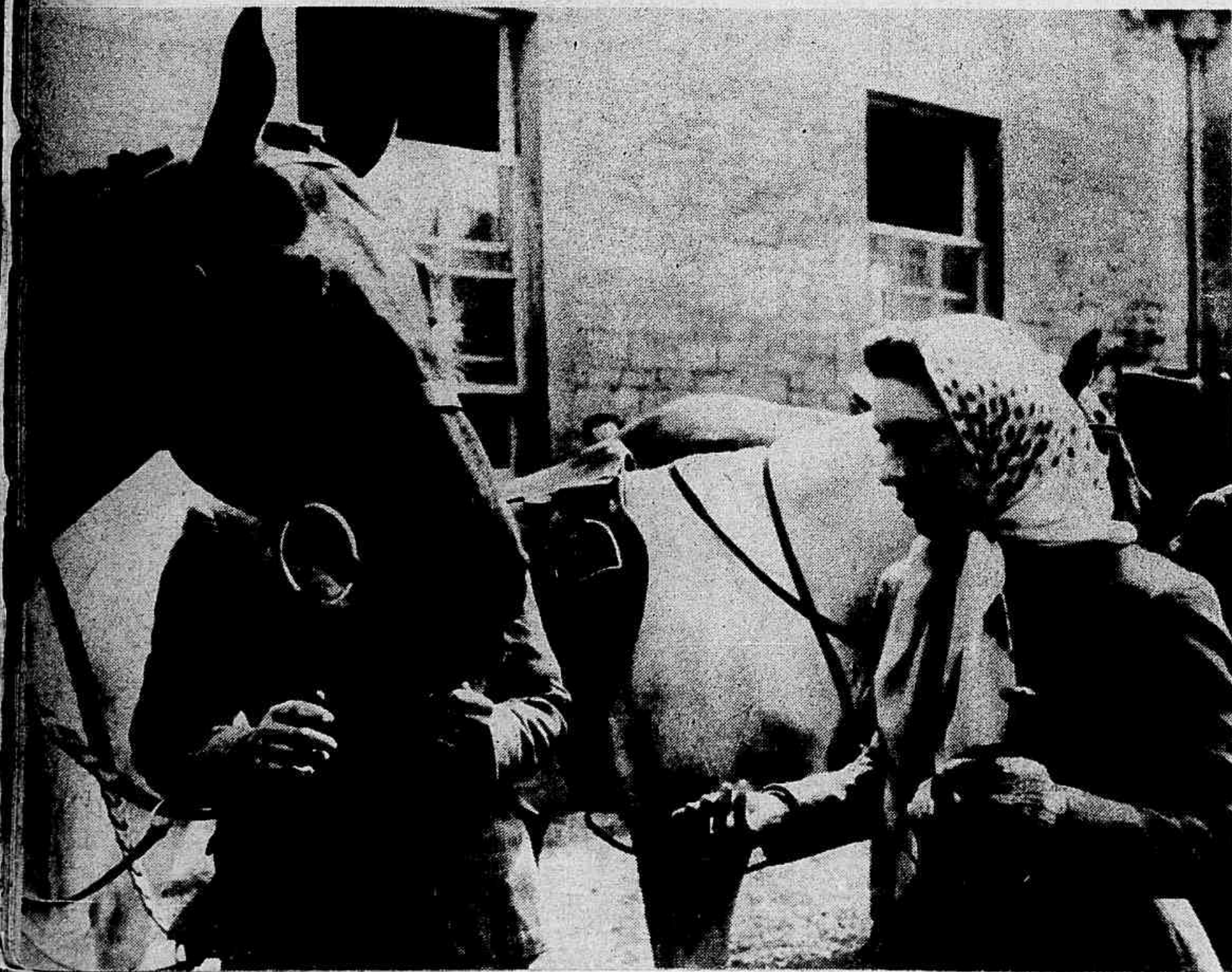
gumas outras pessoas em uma festa à qual assistiu de surpresa, Margaret fez questão de dizer aos anfitriões:

— Tive grande prazer e diverti-me bastante esta noite, ao conhecer algumas novas pessoas.

Nestes últimos meses, a princesa de vinte e cinco anos acrescentou à sua lista de relações algumas amigas de antecedentes menos impecáveis.

Já não vai com tanta freqüência aos clubes e cabarets, o que implica em uma grande transformação nos hábitos de uma jovem que ape-

NOS ESTÁBULOS de Badminton, a princesa Margaret oferece açúcar cãndi a seu cavalo favorito. Townsend e ela se conheceram num prado, convém salientar, assistindo a um Grande Prêmio. O amor pelos animais é um dos traços predominantes do caráter da princesa Margaret.



PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—«Heidenröslein» é um «lied» de:
 - Hugo Wolf?
 - Schumann?
 - Schubert?
- 2—«Gaspard de la Nuit» é um livro de:
 - Saluste du Bartac?
 - Aloysius Bertrand?
 - Chamisso?
- 3—A palavra «brote», usada no Nordeste, é de origem:
 - italiana?
 - holandesa?
 - francesa?
- 4—Paramaribo é a capital do:
 - Yemen?
 - Surinam?
 - Djibouti?
- 5—Pasárgada é uma antiga:
 - cidade grega?
 - persa?
 - assíria?
- 6—«Cão da Madrugada» é um livro de:
 - Eneida?
 - Cecília Meirelles?
 - Lúcia Miguel Pereira?
- 7—Jules Laforgue nasceu:
 - na França?
 - na Bélgica?
 - no Uruguai?
- 8—Em que ano o Acre passou a fazer parte do Brasil:
 - 1901?
 - 1909?
 - 1903?
- 9—Aviador e escritor, morreu durante a última guerra:
 - Mermoz?
 - D'Annunzio?
 - Saint-Exupéry?
- 10—«Senhor, fazei-me instrumento de vossa...» — assim começa a famosa oração de:
 - São Francisco de Sales?
 - de Assis?
 - Xavier?
- 11—Vinte e oito letras possui o alfabeto árabe; 14 chamam-se:
 - lunares?
 - nabateanas?
 - guturais?
- 12—«E's tu, alma divina, essa Madona», início de um poema de:
 - Castro Alves?
 - Álvares de Azevedo?
 - Gonçalves Dias?
- 13—A atual cidade de João Pessoa chamava-se, durante a ocupação holandesa da atual Paraíba:
 - Mauritsstad?
 - Frederikstad?
 - Nassau?
- 14—Wallis et Futuna é uma possessão:
 - italiana?
 - francesa?
 - árabe?
- 15—Labieno foi o pseudônimo literário de:
 - Rui Barbosa?
 - Clóvis Bevilacqua?
 - Lafayette Rodrigues Pereira?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Schubert; 2 — Aloysius Bertrand; 3 — holandesa; 4 — Surinam; 5 — persa; 6 — Eneida; 7 — Uruguai; 8 — 1903; 9 — Saint-Exupéry; 10 — São Francisco de Assis; 11 — lunares; 12 — Álvares de Azevedo; 13 — Frederikstad; 14 — francesa; 15 — Lafayette Rodrigues Pereira.

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador Gesteira*.

Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use *Regulador Gesteira*

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

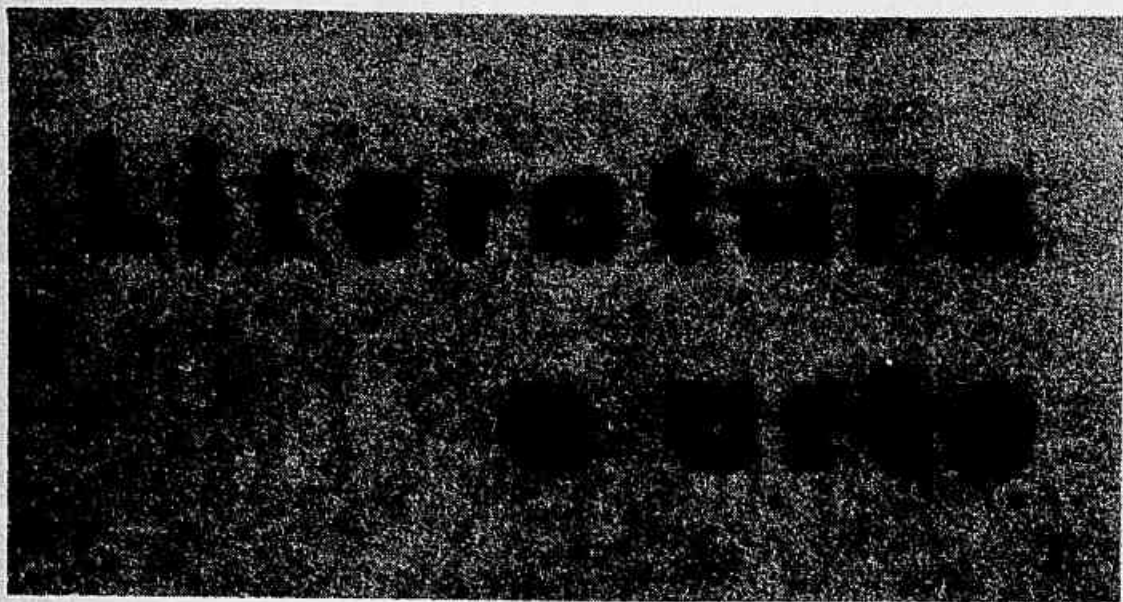
Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador Gesteira*



HOMENAGEADO O DR. JOSÉ MOACYR ANDRADE SOBRINHO

Um aspecto da assistência que compareceu ao gabinete do Dr. José Moacyr Andrade Sobrinho por motivo de seu aniversário natalício, vendo-se no primeiro plano, além do homenageado, Padre Barbosa Lima, Engenheiro Celso Suckow da Fonseca, Jornalista Córca Lopes e Dr. Moacyr Lamarca.



JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE



Meu Deus, estou só no mundo

*Meu Deus, estou só no mundo.
As gentes ganharam a paz das estátuas,
há um canto coral rolando nas memórias
na súbita quietude das coisas.
Mulheres surgidas
na placidez vegetal da oferta,
braços pregados na terra.
O temor em cada gesto
de ser o único,
o sem montes por viver,
o despojado de vozes claras,
o corpo na sala grande,
panos pendentes das paredes,
círios comendo silêncios.
Difícil, o amor,
a preservação da carícia virgem.
Só o ímpeto da entrega
impele a vontade golpeada.
Só Minas.
com pais, bots, cercas, tôrres, tios, riachos,
prepara o recebimento dos avisos,
acerta o encontro das gentes.*

ANTÔNIO OLINTO (Desenho de Maria Teresa)

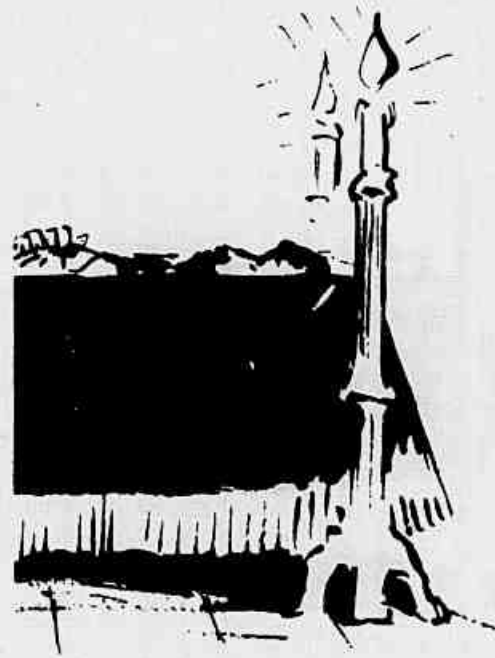
● LETRAS MUNDIAIS

Morreu WALTER DE LA MARE

♦ WALTER DE LA MARE, um dos maiores poetas de língua inglesa da atualidade, faleceu há algumas semanas, na Inglaterra, onde nasceu há 83 anos passados. Ele, que escreveu alguns dos mais belos poemas da língua, cheios de musicalidade e sensibilidade, foi, por muitos anos, estatístico da Standard Oil Co., sua obra sendo, pois, justamente o inverso de sua cupação.

Escreveu entre outros os seguintes livros: «Songs of Childhood» (1902), poemas para crianças; «The Listeners and other Poems» (1912), «Collected Poems» (1918), «The Connoisseur and Other Stories» (1926), e, ultimamente, um grande poema de fundo místico-filosófico: «The Traveller». Não foi, como vêem, somente poeta: foi também romancista e contista, e organizou Antologias da Poesia Britânica até hoje inigualadas.

No Brasil, De La Mare nunca foi muito conhecido. Ultimamente, porém, o ensaísta Eugênio Gomes, especializado na Literatura Inglesa contemporânea, dedicou-lhe um ensaio, na coletânea «D.H. Lawrence e Outros Ingleses». Ali, a par de apresentar o poeta aos brasileiros,



o antigo diretor da Biblioteca Nacional traduz vários de seus poemas para o português — tarefa difícil, em verdade, pois a linguagem poética de Walter De La Mare, cheia de fantasmagoria e irrealdade, é dessas que não podem ser traduzidas senão com grandes estorvos.

Sobre essa linguagem, assim se manifestou Eugênio Gomes, em 1937: «O mundo em cujo âmbito a poesia de Walter De La Mare se agita molemente sonâmbulo é o mundo do irreal, povoado de fadas ou de fantasmas no qual o fantástico suprime a cada instante a lógica, e alarga indefinidamente os limites do sobrenatural».

● UM LIVRO

GEOGRAFIA DO BRASIL HOLANDÊS

♦ A BIBLIOGRAFIA existente em língua portuguesa sobre o domínio holandês de uma extensa região de nosso território é relativamente escassa, e de valor desigual. Acaba, porém, de ser reforçada com o excelente estudo de um de nossos mais sérios pesquisadores, o senhor Luís da Câmara Cascudo (1). Seu livro divide-se em duas partes, a inicial se estendendo pelas cento e quatro primeiras páginas do volume («Presença Holandesa no Nordeste do Brasil»), e a outra, ocupando o restante do estudo, em que se analisa, minuciosamente, a «Geografia do Brasil Holandês».

A maneira de atacar Cascudo um determinado assunto é objetiva, sem rodeios de retórica. Cascudo não é um artista, é um pesquisador. Por isso não se importa com a plasticidade da frase, com a beleza das imagens ou com a harmonia do todo. A primeira parte de seu trabalho, por exemplo, está dividida em vinte e dois capítulos. Na cabeça de cada um deles, Cascudo apresenta em linhas gerais, através de uma interrogativa o mais das vezes, o assunto de que irá ocupar-se. Veja-se o início do capítulo IX: «Houve influência batava na edificação pernambucana?». Seguem-se, após, o desenvolvimento do tema, e a conclusão. Simples, direto, prático.

O que se deduz da leitura da primeira parte do livro de Cascudo, é que o que levou os holandeses (os quais, aliás, pouco tinham de holandeses, visto como o grosso dos homens assim denominados eram de origem ale-

Conversa com RUTH MARIA CHAVES



♦ TIVEMOS há poucos dias o ensejo de conversar com a jovem Ruth Maria Chaves, cujo volume de estréia, «Roda, Pião!», lançado por «Jornal de Letras», constituiu um êxito completo. Inúmeros críticos se ocuparam dos versos simples e belos que compunham o pequeno livro, e todos tiveram para com o mesmo palavras de estímulo e admiração.

p — como nasceu a vocação poética?

r — ao contacto com as cantigas de roda da infância. Depois, foi aprimorada com a leitura dos grandes poetas, brasileiros e estrangeiros, êsses principalmente espanhóis. Tasso da Silveira, que foi meu professor, indicou-me a seguir o bom caminho.

p — quais seus poetas preferidos?

r — Cecília, Drummond, Bandeira e Vinicius, entre os veteranos, e João Cabral e Afonso Felix de Souza, entre os novos, no Brasil; lá fora, Garcia Lorca, Salinas, Aleixandri, Antônio Machado, Rosalia, Antônio Nobre, Prévert, Baudelaire, Rilke.

p — tem livros inéditos?

r — sim, «Presságio», que já é tentativa mais ampla, e «Cantigas de Rua», na mesma direção de «Roda, Pião!». Mas não pretendo publicá-los tão cedo.

p — você é uma das fundadoras do Clube dos XII, não?

r — sim, e também pertencço ao Clube de Poesia de Campos. Um e outro são instituições culturais jovens e sérias, que se destinam a difundir a boa poesia.

p — como professora de Português e Espanhol dos cursos clássico e científico do Sion e do Colégio São Fernando, como acha que seus alunos reagem diante da poesia moderna?

r — vejo, com alegria, que já se começa, no Brasil, ao menos entre os jovens, a compreender a poesia moderna. Ainda outro dia, tive o ensejo de verificar que, entre um soneto de Bilac e um poema de Bandeira, noventa por cento de minha turma optou pelo último, como sendo mais belo e mais «poesia». O que já é satisfatório, não?

mã, polaca, judaica, etc., constituindo verdadeira babel de aventureiros apátridas) a serem expulsos do Brasil, foi o desinteresse por eles demonstrado em exercer, entre nós, outras atividades que não as puramente mercantis. O holandês evitava o cruzamento com os naturais do país: em 24 anos de ocupação, apenas cerca de trinta casamentos foram realizados. O batabo não aderiu à alimentação da terra, ao contrário do português; não teve jamais, em suma, o ânimo de permanecer na terra como colono, mas de explorá-la como bom comerciante. Adotou, é verdade, política inteligente e mais humana, para com os índios, através da figura interessantíssima de Rabbe — mas para utilizá-los como uma espécie de exército mercenário, manobrado à vontade contra o desprezado lusitano. O cacique Jandui, amigo pessoal de Nassau — o escudo do Rio Grande do Norte, a Ema, é uma homenagem do príncipe a seu aliado (nandui quer dizer «ema», em tupi) — chegou a ganhar nome holandês, passando a ser denominado, nas crônicas da época, como «Jan Du Wy»...

De maneira geral, pode-se dizer que o que de ruim existiu, no domínio neerlandês do Brasil, foi devido à ganância da G.W.C., Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais; o que teve de bom aquele domínio, os Marcgrat, os Post, os Barleu e os Piso, a Nassau — o devemos. Verdadeiramente, a Holanda nunca esteve presente. De lá não nos veio o camponês sólido e eficiente, mas o soldado, quando não o comerciante. Como diz Cascudo muito bem «uma companhia comercial não pode construir se não armazéns, desembarcadouros, entrepostos, comboios». Não tratara de colonizar terras, mas, sugá-las. E foi o que fizeram, por quase cinco lustros, os «holandeses». Ao se retirarem, pouca coisa nos deixaram: no folclore, nada; duas palavras no léxico, BROTE, pequeno pão, e PIXILINGA, coisa inútil, sendo que a última já em desuso; mesmo os olhos azuis, os cabelos louros e a pele clara de tantos nortistas e nordestinos

“JHERONIMUS BOSCH”

● DENTRO DE MAIS algumas semanas, meu prezado amigo Simeão Leal estará apresentando, na Coleção Letras e Artes, de seu Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, o ensaio «Jheronimus Bosch», de minha autoria. Que me conste, é o primeiro a ser escrito, na América do Sul, sobre o famoso pintor holandês do século XV. Em língua portuguesa é o segundo, pois o crítico luso Armando Vieira Santos em 1953 fez publicar um trabalho sobre a «Tentação de Santo Antônio», conservada no Museu das Janelas Verdes, em Lisboa. Sei que muitas pessoas irão estranhar o ter eu escolhido para tema, ao invés de algum personagem notório da História das Artes, o vulto ainda obscuro do mestre de 's Hertogenbosch. Pura questão de temperamento. Se escolhi Bosch em lugar de um Ticiano, é que a um Valéry, por exemplo, antepenho Lautréamont.

Meu trabalho é honesto: fi-lo em aproximadamente três anos, reescrevendo-o quatro vezes, até adquirir a forma sob a qual aparecerá. Tive a preocupação de defrontar-me pessoalmente com o maior número possível de telas boschianas, em museus de Madrid, Lisboa, Paris, Bruxelas, 's Hertogenbosch e Franckfurt. Não digo que o resultado presente me satisfaça integralmente: não tendo cessado de estudar a figura de Jheronimus Bosch durante todo o tempo em que meu livro esteve sendo impresso, já agora possuo novos conhecimentos e compreendo determinados ângulos de sua personalidade e obra, ângulos e conhecimentos que me escapavam dantes. Algum dia reescrevê-lo-ei, se puder, e se quiserem.

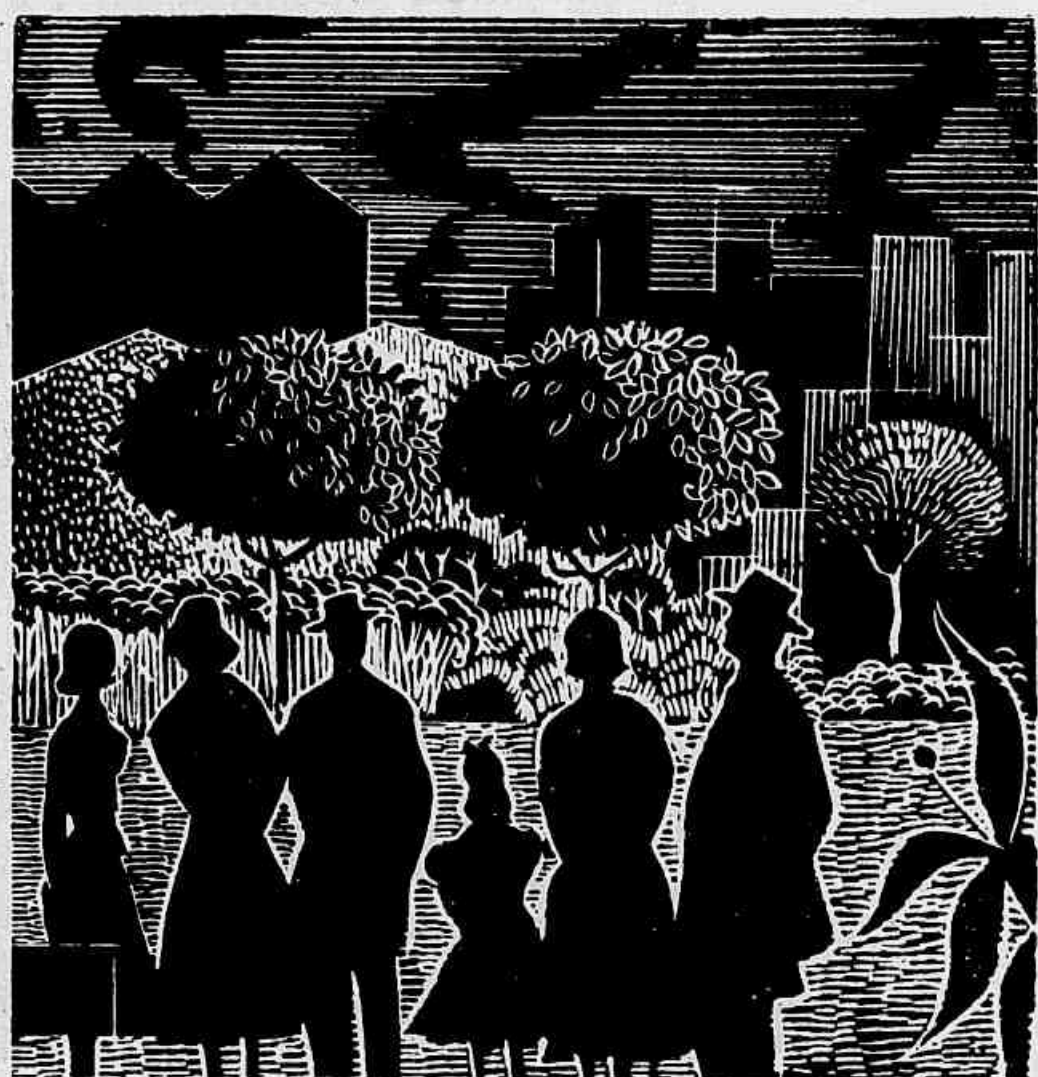
Meu livro é fruto da admiração, direi mesmo do amor. Creio não ser possível qualquer tentativa de interpretação, sem o auxílio de um entranhado amor ao vulto, ou à coisa, que se busca interpretar. Dediquei-o a duas pessoas: a Santa Rosa, que o julgou digno de publicação, e a Augusto Meyer, que incentivou-me a concluí-lo, num momento em que, à beira do desânimo, não me dispunha a fazê-lo. A mais duas pessoas, porém, sou grato, e muito: a Max Antônio Gutmann Bicho, da Escola Nacional de Belas Artes, que me apresentou ao crítico e pintor Santa Rosa, e ao próprio Simeão Leal, sem o qual meu original, datilografado, amarelecera, inutilmente, no fundo de uma gaveta.

não constituem necessariamente, segundo Cascudo, atestado de ascendência holandesa: também os portugueses que se estabeleceram na região, provenientes de Douro e Minho, os possuíam.

Na segunda parte do volume, é então estudada a «Geografia do Brasil Holandês». E estudada erudita e minuciosamente, com aqueles «requintes e vagares de miniaturista» de que fala Cascudo, ao referir-se aos suplicios impostos pelos índios de Jandui, instigados pelo sanguinário Rabbe, aos habitantes de Cunhaú. Capítulos são dedicados a cada um dos Estados em que a presença do holandês se fez sentir: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão. A alguns capítulos existem adendas: o episódio do «Boi Voador» de Nassau é contado ao fim do capítulo sobre Pernambuco, e um mapa descrevendo Natal em 1633 completa o relativo ao Rio Grande do Norte. Ao fim do volume aparece o célebre mapa de Marcgrat, até bem pouco tempo, usado ainda com proveito pela nossa Marinha.

Por sua importância para o conhecimento da contribuição holandesa ao desenvolvimento do Nordeste, e mormente para o conhecimento da geografia do Brasil holandês, o livro de Luís da Câmara Cascudo, torna-se desde já indispensável ao estudioso, ao lado dos de José Antônio Gonçalves de Melo Neto e de Hermann Watjen.

(1) — Luís da Câmara Cascudo: «Geografia do Brasil Holandês». Rio de Janeiro, 1956. Livraria José Olympio Editôra. Coleção Documentos Brasileiros, volume 79. 303 páginas.



SOROCABA e SÃO ROQUE

60 VIAGENS POR DIA!

das 6,00 às 22 hs.
cada meia hora

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

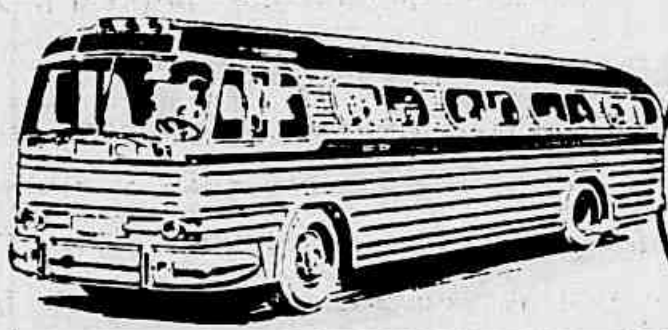
Rua Senador Queirós, 85 - Fones 34.2399 e 36-6402
Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

SOROCABA

Rua Mons. João Soares, 221 - 235 - Fone 654



VÁ PELO MELHOR!



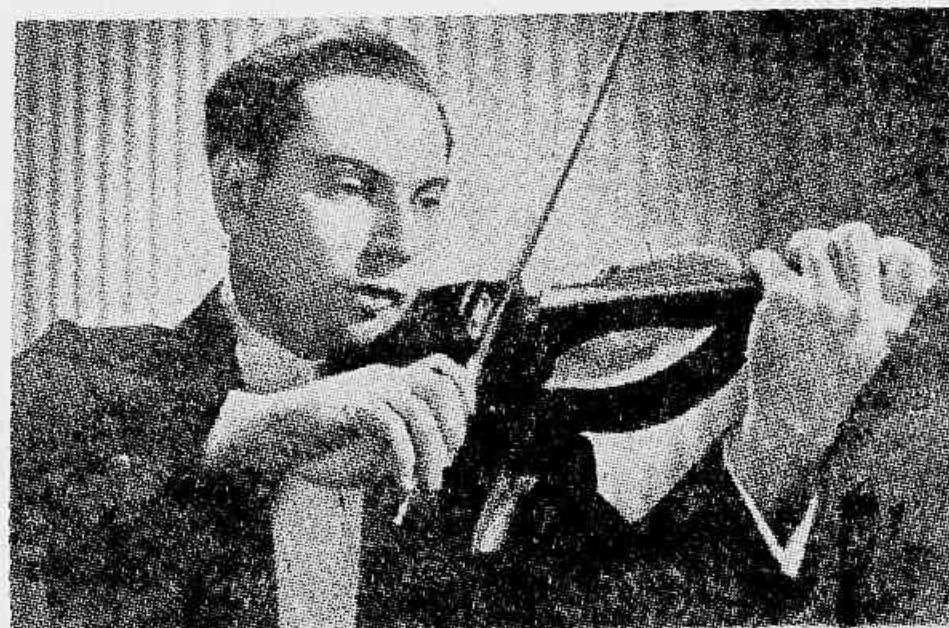
EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda

AZASO - EB-8

MÚSICA

BOLIVAR COSTA



ISAAC STERN

♦ Um conhecido crítico norte-americano, escrevendo a respeito de Isaac Stern, aventurou-se a considerar esse violinista como uma verdadeira síntese de extensão e profundidade. Adotando um método crítico essencialmente comparativo, afirmava que Stern possuía a técnica de Jascha Heifetz, a sonoridade de Mischa Elmann, o temperamento comunicativo de Fritz Kreisler e o passionalismo de Yehude Menuhim. E' evidente que o referido colunista teve intenção de glorificar o violinista, e por isso fez o inventário das qualidades artísticas do mesmo, sem perceber que estava votando pela sua falta de personalidade e de estilo. Longe de se assemelhar a uma «coletânea», a arte de Isaac Stern possui uma feição incontestavelmente pessoal, própria, muito embora não seja absolutamente inconfundível como a de Yhude Menuhim. Aproxima-se da de Heifetz pelo tecnicismo, mas compará-la com a de Kreisler seria chamá-la de extrovertida e agressiva.

Ainda há pouco tivemos a oportunidade de ouvir Isaac Stern, no Teatro Municipal, sob o patrocínio da ABC e da PRO-ARTE, na execução de um programa cuja densidade não poderia deixar de revelar todas as suas facetas. Não nos impressionou a interpretação do «Adágio e Fuga da Sonata em Sol Menor» de Bach, em que pese a sua perfeição e versatilidade. O mesmo podemos dizer da «Sonata em Ré Maior» de Haendel. Na «Sonata N° 3, em Ré Menor» de Brahms houve maior realismo de expressão. A rapidez e a sutileza do arco despediam frases tão cantantes e precisas que nada, absolutamente nada, deixavam a desejar. Saliente-se, sobretudo, o quarto movimento (o Presto Agitado) que consideramos o ponto alto do recital. Depois do intervalo deu-nos um Prokofieff (Sonata em Ré maior, opus 94) de extraordinário valor emotivo, demonstrando um alto grau de compreensão do autor em execução. Não obstante o pequeno incidente que houve quando ainda tocava o «Moderato» (partiu-se uma corda), o que provocou o riso do próprio Stern, nenhuma das obras anteriormente interpretadas revestiu-se de tanta unidade e causou melhor impressão. No movimento final — Allegro con brio — a demonstração das possibilidades técnicas do recitalista atingiu um nível inesperado, quando o toque fez-se mais puro e ganhou muito em expressividade.

«Nigun», a belíssima e sempre benvinda peça de Bloch foi o primeiro dos três pequenos números complementares do programa; à sua execução cheia de calor e emotividade deve Stern a maior soma de aplausos recebidos na noite. Seguiram-se a interessante fantasia do nosso Luis Cosme, «Mãe d'Água Cantar», e a «Polonaise Brilhante, N° 2» de Wieniawski.

Noticiário

Teve lugar, a 26 de junho passado, no Salão Leopoldo Miguez, da Escola Nacional de Música, o concerto em homenagem a Henrique Osvaldo e Alberto Nepomuceno. O executante foi o pianista J. Otaviano.

Acham-se reabertas as inscrições para os cursos destinados à organização da Orquestra Infantil do Teatro Municipal. Os referidos cursos funcionarão na sala da Banda Lusitana, na Praça 11 de junho.

♦ O pianista Rudolf Firkusny, deu seu único recital público no Rio de Janeiro, com o seguinte programa: Sonata em dó menor de Haydn; Sonata opus 109, em mi maior de Beethoven; Estudos sinfônicos de Schumann; Lenda de Caboclo, de Heitor Villa-Lobos; Furlant, de Smetana; Noturno opus 62, em mi maior e três estudos de Chopin.

♦ A famosa bailarina Tamara Toumanova apresentou-se mais uma vez para o público carioca, ao lado do seu «partner» Wladimir Ouktomsky. Esta récita extra foi levada a efeito no Ginásio Gilberto Cardoso (Maracanãzinho), tendo contado com grande assistência. Constataram do programa «Sinfides», «Romeu e Julieta», «Galope Moderno», «Dom Quixote», «A Morte do Cisne» e «Batuque». O sucesso foi integral.



Após a disputa do Grande Prêmio Distrito Federal, o presidente do Jockey Club Brasileiro, dr. Mário de Azevedo Ribeiro, entre o presidente da Câmara Municipal, dr. Luís Paes Leme, e o prefeito Francisco Negrão de Lima, saúda os poderes municipais ali representados.

A HOMENAGEM DO JOCKEY CLUB AOS PODERES MUNICIPAIS

♦ O Jockey Club Brasileiro, com a realização, no mês de junho último, dos Grandes Prêmios Prefeitura Municipal e Distrito Federal, homenageou os poderes públicos municipais com um almoço e um «cock-tail», que foram servidos no Salão das Rosas do Hipódromo da Gávea. O prefeito carioca, embaixador Francisco Negrão de Lima, o seu secretário e altas autoridades do município, o presidente da Câmara Municipal, dr. Luís Paes Leme, e outros ilustres vereadores, bem como algumas destacadas figuras da administração e da política, honraram com sua presença aquelas duas reuniões. O Grande Prêmio Distrito Federal foi realçado com a vitória do nacional TIMÃO, criação e propriedade do casal dr. Peixoto de Castro, que se sagrou triplice-coroador.



Depois de corrido o G.P. Distrito Federal, no qual se sagrou triplice-coroador o nacional TIMÃO, seus criadores e proprietários, o casal Peixoto de Castro, recebem os cumprimentos, ao champagne, do presidente Mário de Azevedo Ribeiro, do prefeito Negrão de Lima e outras pessoas gradas.



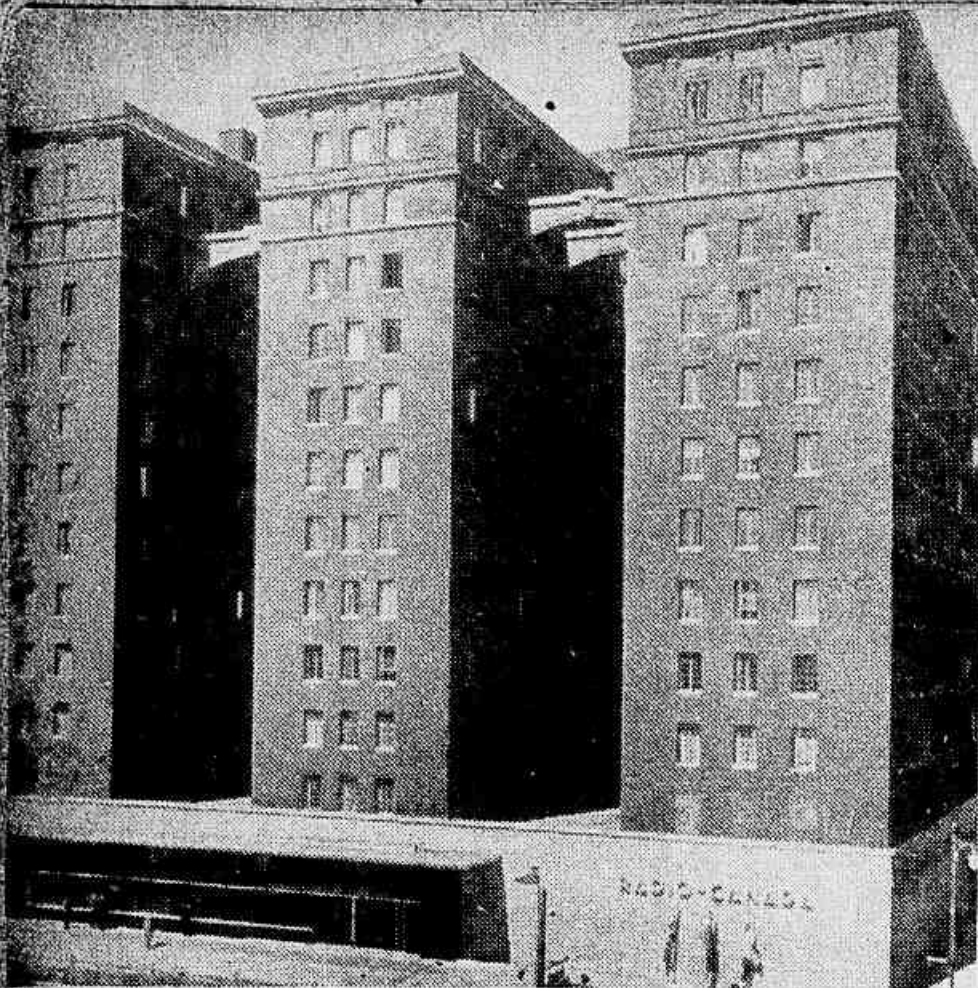
O presidente da Câmara Municipal do Distrito Federal, dr. Luís Paes Leme, entre os drs. Mário Ribeiro e F.E. Paula Machado, respectivamente presidente e 1º vice-presidente do Jockey Club.



Na tarde do G.P. Distrito Federal, a senhora e senhorita dr. Adayr Eiras de Araújo e a senhora dr. Plínio Pinheiro Guimarães, na Tribuna de Honra do Hipódromo Brasileiro.



Num dos intervalos das carreiras do Hipódromo da Gávea, as senhoras brigadeiro Armando Trompowsky e embaixador Vitor Cunha, com o dr. Alberto Paiva Garcia, diretor do Jockey Club.



NESTE CONJUNTO funcionam os estúdios de Rádio e de Televisão do Canadá. A televisão foi inaugurada em 1953.

os países em matéria de televisão — menos os Estados Unidos — pois conta com 33 estações emissoras e apenas uma área de 500 milhas quadradas (num total de 3 milhões e 800 mil!) não é alcançada por elas, e, finalmente, está ainda na vanguarda quanto à proporção de habitantes que possui aparelhos de televisão. Quando se trata de televisão no Canadá, é justo salientar o seguinte fato: o total de telespectadores de 28 estações canadenses é menor do que o total de uma única emissora de Nova York ou do sul da Inglaterra.

A rede nacional difunde vários programas norte-americanos que muito agradam aos canadenses e ainda trazem renda apreciável à rede nacional. Quanto às realizações no campo da televisão, o Canadá está colocado em segundo lugar entre todos os países. Montreal e Toronto são, depois de Nova York e Hollywood, os terceiro e quarto centros de produção da América e os quarto e quinto do globo. Quanto às realizações em língua francesa, a cidade de Montreal está em primeiro lugar sobre todas as cidades da terra.

No decurso destes três anos a televisão adquiriu lugar de destaque na economia do país. Anualmente ela acarreta, na parte de transmissão e na de recepção, uma despesa de mate-

— cooperando, também, nas realizações dos centros regionais que são Halifax, Ottawa, Winnipeg e Vancouver. A sociedade mantém, deste modo, as estações que servem estas regiões, assim como as outras 25 estações particulares, às quais ela fornece programas separados. A Rádio Canadá conta, por conseguinte, com o concurso das estações particulares a fim de atender, por seus programas nacionais e estrangeiros, às diversas regiões do país. As estações particulares recebem, desse modo, da rede nacional, e a título gratuito, um número apreciável de programas que lhes trazem, muitas vezes, vantagens monetárias, em virtude da parte comercial que neles se inclui. Foi graças ao fato de poder contar com os programas distribuídos pela rede nacional que muitas emissoras particulares conseguiram estabelecer equilíbrio em seus orçamentos. Todas as estações, desde o sul de Ontário até Quebec, contam com programas distribuídos pela rede nacional, diretamente, através de micro-ondas, que lhes permitem transmissões simultâneas e de boa qualidade.

As outras, dezenove estações do país recebem, pelo contrário, em películas, alguns programas que a rede nacional registra, por meio de aparelhos eletrônicos, no momento da primeira difusão. Essas películas são remetidas

A TELEVISÃO NO CANADÁ

♦ MONTREAL — Junho de 1956. — A televisão foi inaugurada no Canadá em 1952. Uma estação de Montreal e outra de Toronto começaram, naquela época, a difundir programas curtos, de pequena duração. Nesse tempo já contava o Canadá com perto de 180.000 aparelhos de recepção. A televisão canadense tinha muitos obstáculos a vencer: em primeiro lugar a população pouco numerosa para uma grande extensão territorial, o custo da realização dos programas, a sua montagem e, em segundo lugar, o duplo esforço que requerem o bilinguismo oficial e o fato de os canadenses terem se acostumado às luxuosas produções americanas oferecidas no Canadá, sem despesas para o país e em condições excepcionais. A despeito de todas essas dificuldades, ficou decidido que o Canadá deveria produzir a sua própria televisão, utilizando, também, as produções estrangeiras.

Depois de três anos o Canadá já conta com dois milhões de aparelhos receptores e a rede nacional atinge a quatro quintos da população. Presentemente o Canadá está à frente de todos

os países em matéria de televisão — menos os Estados Unidos — pois conta com 33 estações emissoras e apenas uma área de 500 milhas quadradas (num total de 3 milhões e 800 mil!) não é alcançada por elas, e, finalmente, está ainda na vanguarda quanto à proporção de habitantes que possui aparelhos de televisão. Quando se trata de televisão no Canadá, é justo salientar o seguinte fato: o total de telespectadores de 28 estações canadenses é menor do que o total de uma única emissora de Nova York ou do sul da Inglaterra.

No terreno da televisão o Canadá obteve alguns suprimentos com a finalidade especial de preencher as seguintes lacunas: 1º — assegurar o funcionamento das estações principais e realizar programas que satisfaçam as necessidades nacionais; 2º — a teledifusão desses programas por todo o país e mais aqueles recebidos do estrangeiro. A Sociedade Rádio Canadá se encarrega das realizações dos principais centros de produção de programas: Toronto e Montreal,

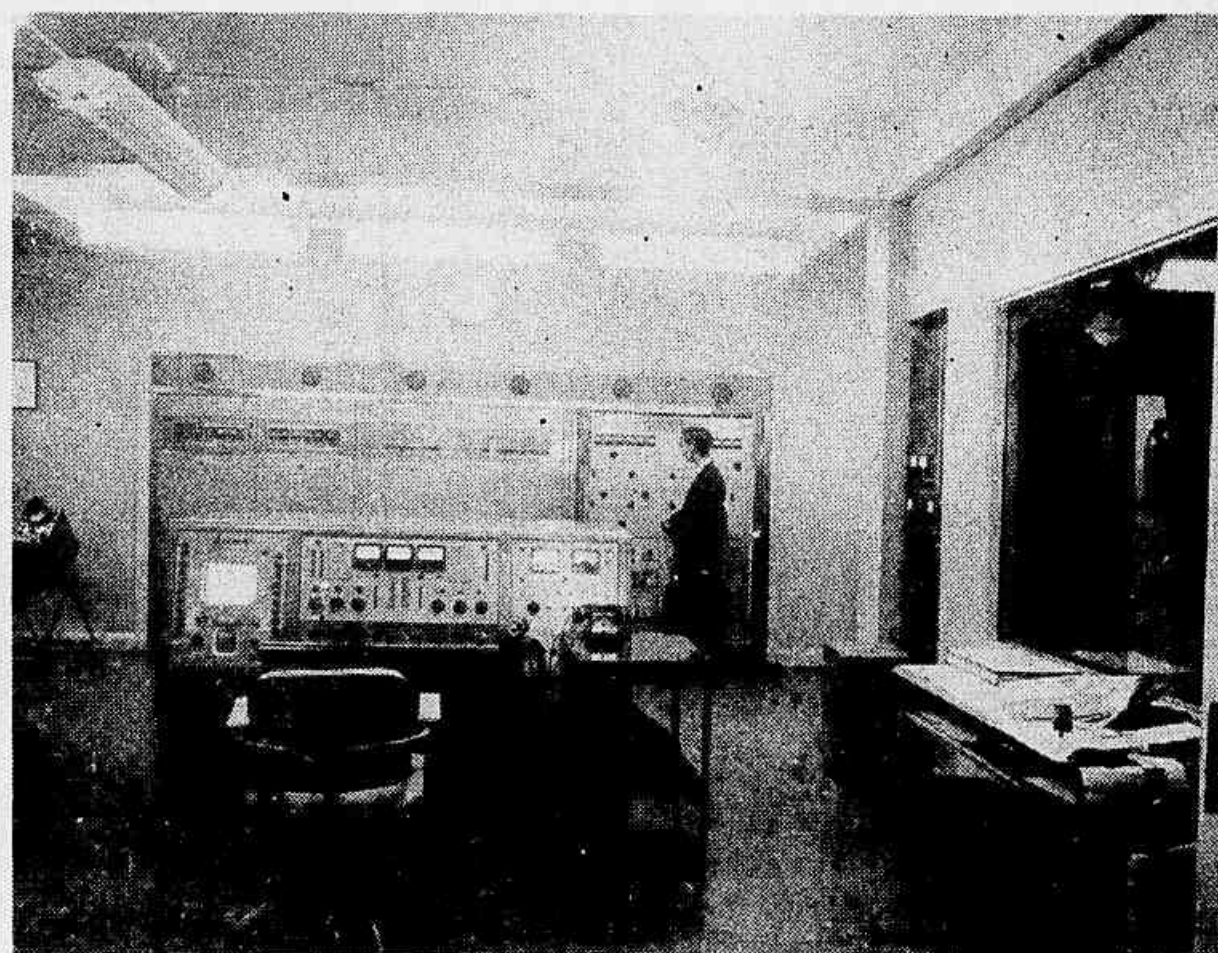
por via aérea e utilizadas durante a semana. As emissões filmo-gravadas dão lugar a um gigantesco empreendimento no Canadá. Esse trabalho representa o consumo anual de doze mil quilômetros de películas. Enquanto isso a Rádio Canadá vai estendendo os seus contactos. No decurso deste ano ela alcançará Winnipeg, depois o resto das Províncias e as Províncias Marítimas em 1957 e, finalmente, em 1958, a Costa do Pacífico. A cobertura ficará, assim, assegurada de um litoral a outro, nova importante etapa na história das comunicações no Canadá.

A rede nacional tira sua renda da publicidade e de uma espécie de direito de acesso, constituído por uma taxa de 15 por cento sobre o preço de atacado de um aparelho de televisão. Assim, a Sociedade Rádio Canadá, para satisfazer a seus encargos, se utiliza das receitas que lhe proporcionam seus espectadores de televisão, e também das que provêm de suas operações comerciais, e de suas subsidiárias.

(Continua na página 58)



AS TRANSMISSÕES da Rádio Canadá são aguardadas por um público numeroso e exigente, todas as noites. Eis o elenco permanente ensaiando, antes de uma transmissão.



EIS A SALA de controle da TV-Rádio Canadá, uma das mais modernas do mundo. A tela de projeção, à esquerda, permite que o operador possa acomodar o seu próprio trabalho.

PRÊMIOS SEM LIMITE

SPECTATOR

● A TV, através das suas emissoras cariocas, tem passado por determinadas fases em sua programação. Há alguns meses atrás, eram as apresentações teatrais que despertavam toda a atenção dos dirigentes de programas. Elementos dos mais destacados dos nossos palcos foram contratados para aparecer ante o video e, com a competição estabelecida entre as TV-Rio e Tupi, quem saiu ganhando foi o telespectador que teve oportunidade de presenciar a magníficos espetáculos, vividos por Paulo Autran, Cacilda Becker, Tônia Carrero, Henriete Morineau e muitos outros nomes de cartaz.

Embora as apresentações teatrais continuem sendo oferecidas com frequência e ainda em muito boa qualidade através da TV, no momento são os programas que oferecem a disputa de valiosos prêmios os que vêm merecendo a atenção não só dos organizadores das programações como também dos espectadores, pois, nos tempos atuais, bastante difíceis para quase todos, uma soma em dinheiro, por vezes vultosa, ganha em apenas alguns minutos, não é nada desprezível. A TV-Tupi, a pioneira das apresentações do gênero, com a sua "Grande Pergunta", vem de lançar outras atrações como o "Boliche" e agora "O céu é o limite", programa que de há muito vinha sendo exibido com sucesso em São Paulo e que é apresentado em vários países, sempre com as mesmas características, isto é, enquanto o candidato o desejar, a sua oportunidade para concorrer aos prêmios, não tem limite.

J. Silvestre tem conseguido, através da sua simpatia e do interesse que desperta o concurso, emocionar os telespectadores, a cada nova apresentação de "O céu é o limite". Todos aguardam com ansiedade a ocasião em que surge ante às câmaras o já conhecido professor Otávio de Medeiros, candidato que vem concorrendo aos prêmios desde a primeira apresentação do programa, tendo conquistado o público pela simplicidade e espontaneidade com que sobe ao palco para dar as suas respostas.

A TV-Rio também concede aos tevendo oportunidade de concorrerem a grandes quantias, através do seu "Responda ao Rei da Voz" atração lançada por Heber de Bóscoli, pouco antes de morrer. Esse espetáculo, no entanto, não é dos mais bem organizados. Talvez pela inexperience dos mestres de cerimônia que o conduzem, nem sempre as apresentações dão-se obedecendo a sequência desejada; vez por outra ocorrem pequenas interrupções que no entanto poderão ser facilmente evitadas.

Como se vê, é grande o interesse despertado por essas atrações. A torcida dos telespectadores por esse ou aquele candidato já se faz de semana em semana e, vez por outra, entre o público se estabelecem dúvidas quanto a saber se determinado candidato tem realmente a capacidade que demonstra ou se está havendo alguma proteção para que ele alcance os prêmios que arrebatou. Todo esse movimento serve para evidenciar a vitória certa que alcançam junto ao espectador todas as apresentações que oferecem algo de novidade e os programas realmente bem apresentados. É preciso apenas não deixar que esse interesse junto ao público decaia, através da diminuição da boa qualidade dos programas...

Vamos melhorar?

A falta de orquestra na TV-Tupi tem prejudicado em muito as atrações dessa emissora, principalmente os "shows" em que aparece Virgínia Lane. A vedeta tem que gravar com antecedência os números que apresenta, e, em geral esse processo não é nada favorável, pois torna-se difícil para Virgínia dançar e acompanhar com o movimento dos lábios o que canta na gravação. Além do mais, o câro que grava com ela, é em geral composto por diversas vozes, inclusive masculinas o que absolutamente não agrada quando da apresentação do "show", uma vez que aí exibem-se apenas "girls" que somente dançam, sem cantar absolutamente nada. A TV-Tupi, enquanto não reorganizar a sua orquestra, deve procurar apresentar de maneira diferente os "shows" de Virgínia Lane.

des, uma vez que se apresenta ao público lendo os textos dos anúncios e pondo em funcionamento toda aquela série de instrumentos barulhentos: buzinas, campainhas, etc., que caracterizam os seus programas radiofônicos, mas que, na TV, ficam completamente deslocados das apresentações. A TV vive da imagem: é preciso, pois, valorizá-la o mais possível, e, portanto, causam bastante aborrecimento aos espectadores os programas lidos e também os demasiadamente barulhentos. Vamos melhorar?

Continua predominando entre os locutores das nossas emissoras de TV, durante entrevistas ou qualquer outra atividade que executem ante às câmaras, o excesso do emprêgo do "gostariamos".

Isso acaba por cansar ao espectador. Por que não dirigir diretamente as perguntas aos entrevistados, em lugar de introduzi-las sempre com o "gostariamos"?

GRAU DEZ:

Para o "Conjunto Farroupilha", formado por um grupo de rapazes e moças gaúchos o que tem se apresentado com frequência através do Canal 6, cantando e por vezes dançando números brasileiros e internacionais, sempre com agrado.

Para "Ciranda ao redor do mundo" que

em cada domingo conduz os telespectadores da Tupi a uma viagem a determinado país. Essas apresentações, divulgando principalmente as músicas típicas da região tratada, oferecem também oportunidade ao público para o conhecimento de algumas paisagens e indumentárias típicas.

Essa é mais uma boa produção de Jacy Campos.



Elizete Cardoso, nova atração da TV-Rio, quando da sua estréia de "Aonde nos leva a canção"

Para "Recreio musical", atração infantil da TV-Rio. Meninos e meninas têm oportunidade de desenvolver e exibir os seus dotes artísticos além de aprenderem a confeccionar, com as próprias mãos e utilizando os mais simples e diversos materiais, brinquedos de todos os tipos.

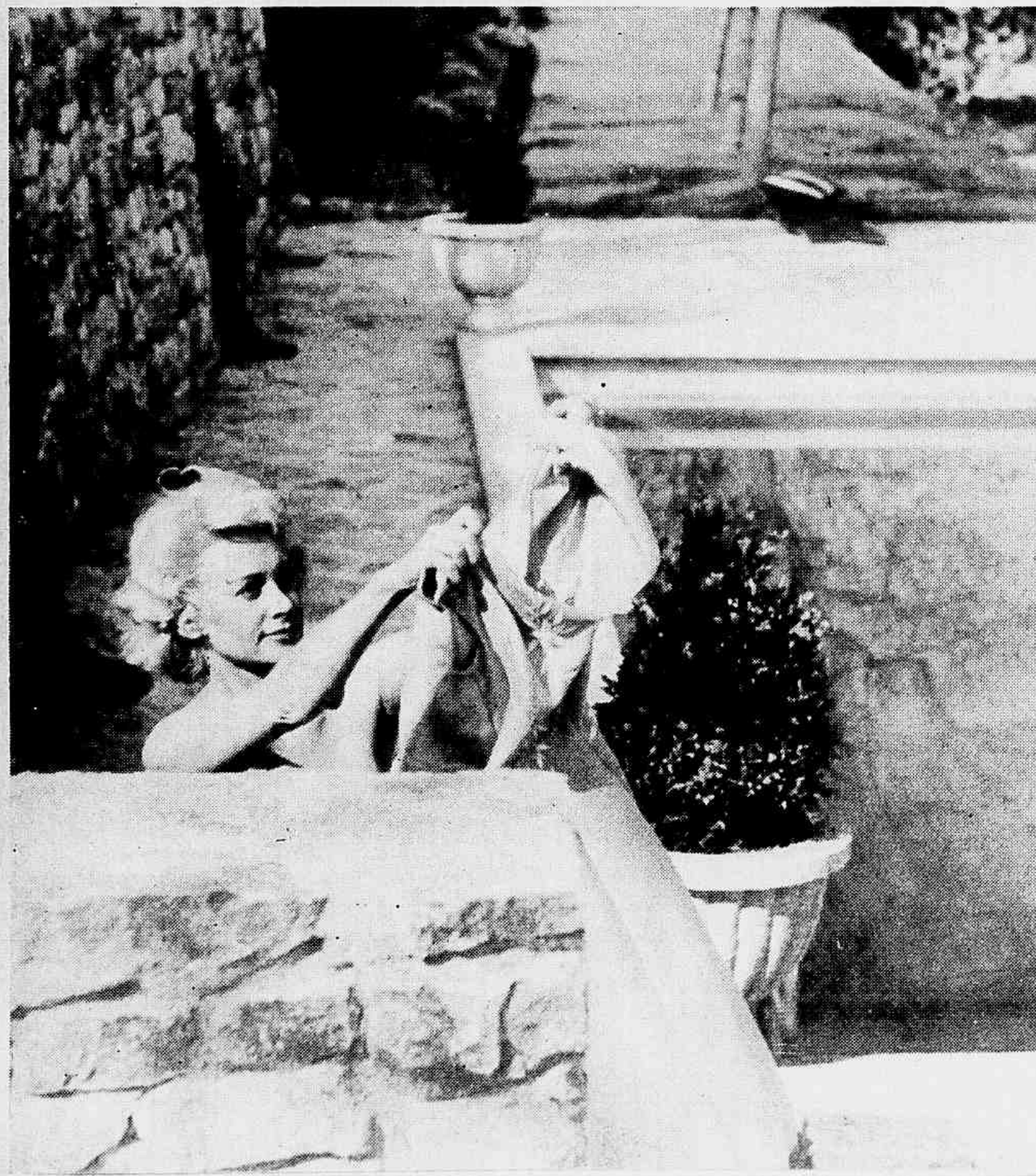
As aulas são ministradas por professora especializada, parece-nos apenas que, enquanto os brinquedos são elaborados, o que geralmente leva algum tempo, a professora deveria dar maiores explicações, não só para facilitar a execução por aqueles que acompanham a sua aula de casa, como também para distrair as crianças que permanecem no estúdio à sua volta e que acabam por tornar-se irrequietas com a demora.



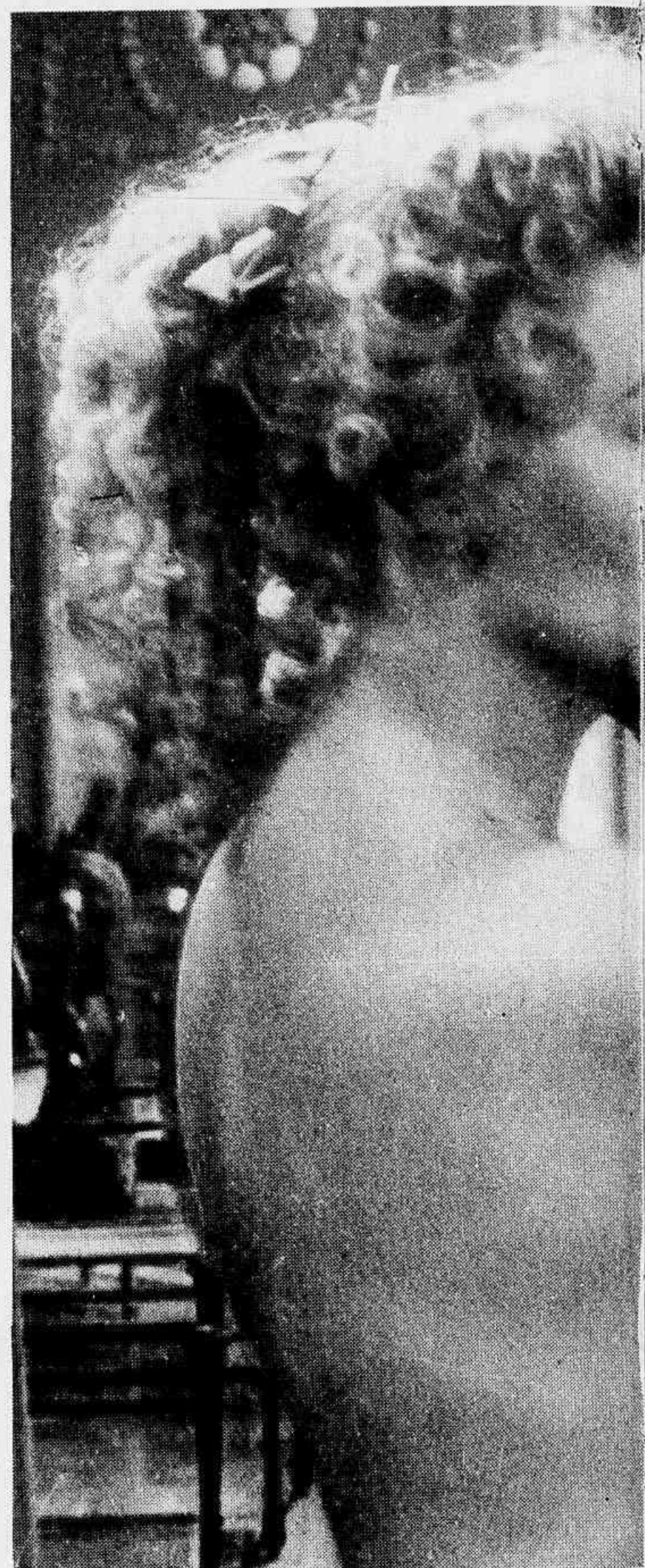
Flagrante de uma das transmissões de "Justiça à polícia", que a TV-Rio vem apresentando. Ali estão José Acrísio, o criador do programa, o comissário Raul Fonseca e um técnico da polícia.



MARTINE SE DESPEDE COM A MESMA NATURALIDADE COM QUE OUTRAS TIRAM AS LUVAS



MARTINE CAROL



«CAROLINE CHERIE», QUE OS BRASILEIROS

DESDE 1943 — ano de seu primeiro filme — até aos dias que correm, o prestígio de Martine Carol como atriz cinematográfica só tem feito aumentar. E, provavelmente, aumentará ainda mais, de vez que a loura estréla francesa não faz muito foi contratada por Hollywood para ali fazer uma série de filmes em cinemascope e em technicolor. Como Martine atingiu a essas culminâncias, partindo do modesto con-

DOZE ANOS (SEGUIDOS) DE NUDEZ



VIRAM COM O NOME DE «CAPHICHOS DE CAROLINA». FOI SEM DÚVIDA UM DOS MAIORES EXITOS DE MARTINE. ISSO POR DOIS MOTIVOS.

vento de Saint Geneviève, em Neully, é história que vale a pena ser contada.

Nascida em 1923, seus pais eram abastados, e por conseguinte, Martine (que então usava seu verdadeiro nome, Maryse Mourer) não conheceu, como tantas outras celebridades do cinema, a necessidade. Com nove anos, após uma infância tranqüila, é enviada para o convento de Neully, de onde tem de retirar-se em breve, devido a contratempos

de saúde. Ali se revelara igualmente péssima aluna, embora demonstrasse grande queda para o desenho. Resolveram então seus pais aproveitar-lhe o talento, desde esse ângulo, proporcionando-lhe professores competentes. Aos quinze anos, Martine está em Paris, trabalhando como desenhista num grande atelier. É ali que uma colega lhe pergunta:

— Martine, você é bonita demais para ficar aqui. Porque não faz cinema?

A conversa ficou sem resposta até 1940, aproximadamente, quando vem a conhecer um grupo de jovens, rapazes e moças, que levam à cena peças de Racine e de Shakespeare, Musset e Steinbeck. Martine junta-se a eles, e logo após começa a estudar, seriamente, sob a orientação do grande René Simon. Ali vai encontrá-la o diretor Henri Georges Clouzot, que lhe afirma a queima roupa, certa tarde:

Malícia, plástica e talento formam a arte de Martine Carol.



JACQUE FOI QUEM DIRIGIU (SI TOUS LES GARS DU MONDE...) O ÚLTIMO FILME DA ESPÓSA.

MARTINE CAROL, que há dois anos se casou com Christian Jacque, está agora realizando, em volta do mundo, a lua de mel que os inúmeros afazeres vinham sempre protelando. Já esteve no Japão, na China, na Turquia, em Israel... Prepara-se para visitar o Brasil, o que deverá acontecer dentro de breves dias, por cerca de uma semana.

CHRISTIAN JACQUE CASOU-SE COM MARTINE EM 1954. FIZERAM VÁRIOS FILMES JUNTOS.



EMBORA SAIBA, COMO NINGUÉM, POSAR EM

— Você é o tipo ideal para o filme que pretendo rodar: «La Chatte».

O filme, em realidade, não chegou a ser concluído, por dificuldades financeiras (era o tempo da ocupação alemã). Mas Clouzot apresentou Maryse — que já então se chamava Martine Carol — a vários outros produtores, um dos quais, em 1943, a aproveitou em «La Ferme aux Loups», num papel sem grande importância. Seguiram-se vários outros filmes, sempre nêles desempenhando Martine papéis secundários, até que o talento e a admirável plástica da loura artista foram melhor aproveitados. Será então a época de «Amantes de Verona», dirigido por Cayatte



TRAJES DE EVA. MARTINE É EXCELENTE ESPÓSA E ÓTIMA DONA DE CASA. GOSTA MUITO DE CACHORRO E DE CUIDAR DE SUAS PLANTAS.

«Amôres de Carolina», «Essas Mulheres», «Lucrécia Borgia», etc., etc.

Foi justamente quando terminou as filmagens de «Essas Mulheres», que Martine Carol se casou com o próprio diretor da película, Christian Jacque, o qual, aliás, já a dirigira em vários outros filmes. Jacque, cuja filmografia abrange nada menos de 38 filmes, desde «Bidon d'Or», em 1930, até ao recém-terminado «Si tous les gars du monde...», é considerado um dos maiores cineastas da França.

O êxito de Martine Carol, não há como negá-lo, é devido em grande parte às suas

formas realmente extraordinárias, que a atriz não se cansa de expor, em cada filme, quase, de que participa. Possui porém talento, um talento malicioso, cheio de «sex-appeal», que é a delícia não só do público, como também das bilheterias de todo o mundo... E pensar-se que, no início de sua carreira, a então «starlet» Martine Carol tentara afogar-se no Sena, levada por uma paixão incorrespondida pelo ator Georges Marshall...

Por falar em Martine e em Christian Jacque, esses dois conhecidos nomes do cinema francês brevemente visitarão o Brasil, a passeio, ou melhor, em viagem de núpcias. Parece incrível, mas desde que se casaram, em

julho de 1954, os dois pretendiam efetuar uma viagem em volta ao mundo. Agora, Christian achou o tempo ideal para fazê-la, coincidindo o término das suas filmagens de «Si tous les gars du monde...» com as férias de Martine. E é desta maneira que, dentro de mais uma ou duas semanas, poderá o público carioca travar conhecimento com a fabulosa Caroline, conhecimento não mais através da tela de um cinema, mas pessoal, de carne e osso, face a face. E de se esperar que ninguém terá uma decepção. Martine é tão encantadora, pessoalmente, como em seus filmes. Quem não acreditar, é só dar uma espiada. (Fotos França Filmes).



POR ESSE MUNDO DE DEUS

MAURIZIO JARVIS, estudante de Ioga, submete-se a difícil prova: numa cama de pregos, e tendo outra camada de pregos sobre o peito, sustenta o peso dessas três graciosas jovens. Que sanduíche indigesto!



O TÍTULO de Mãe Americana 1956 foi outorgado à senhora Jane Pritchard, de 67 anos, residente em Detroit. Ela adotou, no decurso de sua vida, 28 filhos de pais divorciados, ao lado de seu único filho, Dale.



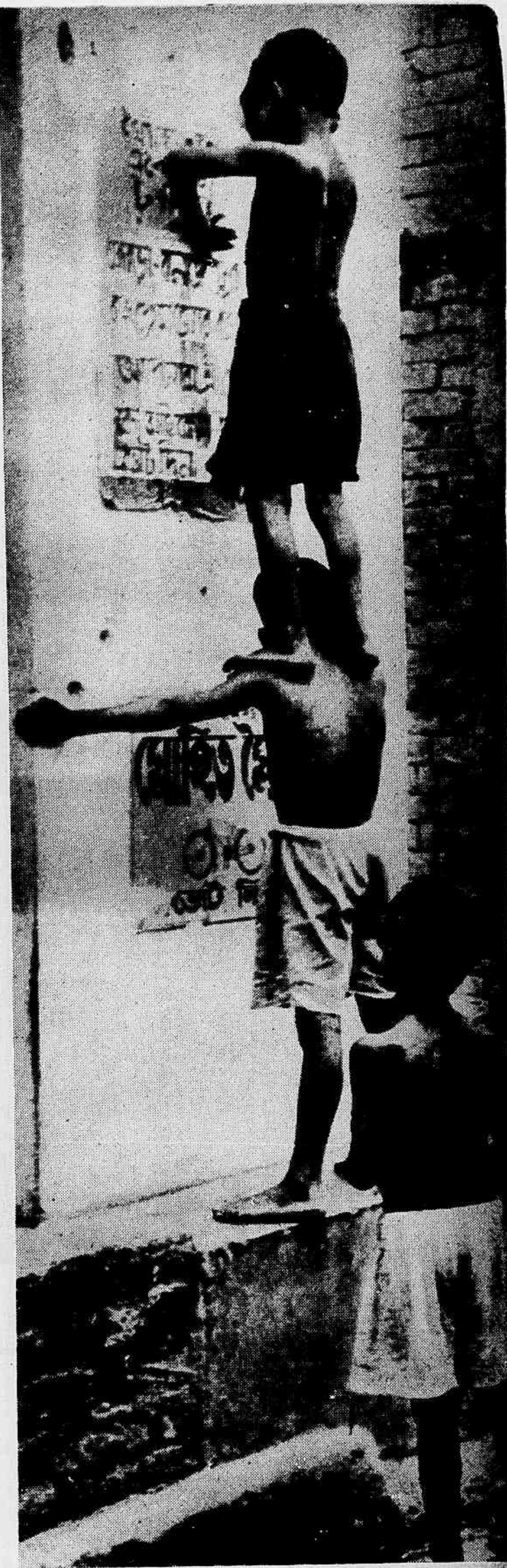
GERALD BRODERSON, fotógrafo profissional, casou-se há pouco, tendo escolhido como local das bodas a cidade de Rhyolite, que só tem 9 habitantes. Foi um casamento que reuniu todos os moradores do lugarejo.



POR MAIS que o progresso tenha invadido o Japão, que é hoje uma das nações mais modernas do globo, os costumes tradicionais persistem ainda: essas 2 sacerdotisas celebram uma dança sagrada, no templo de Kasuga.



TRAGÉDIA entre leões, eis como poderia chamar-se o episódio há pouco ocorrido num circo romano, quando um dos quadrúpedes que tomavam parte num número arrojado, enciumado matou um de seus ferozes companheiros, sob o olhar aterrorizado do domador, e da numerosa assistência.



ACONTECEU DURANTE a recente campanha eleitoral levada a efeito em Calcutá, na Índia: êsses três garotos, para colarem os cartazes de um candidato, a trôco de algumas moedas, organizaram uma escada humana ultra-original.

O SOPRANO Camelia del Valle está acionando por perdas e danos o doutor Mc Kopp, de Nova York, que, submetendo-a a uma operação cirúrgica, enfiou-lhe tremendamente o nariz, como se pode deduzir das fotos. A jovem quer uma indenização de 600 milhões de libras. Nariz caro...

DEUTSCHE EXPORT-U. IMPORTGESELLSCHAFT FEINMECHANIK OPTIK M.B.H.



A posse desta máquina permite dominar qualquer situação, desde o campo da telefotografia até ao da microfotografia; tanto para reportagens como para fins técnicos e científicos, a Praktica FX-2 se apresenta, pelas suas vantagens técnicas, como a máquina fotográfica para filmes pequenos útil para todos — e para muitas oportunidades. É dotada de obturador de cortina 1/2 - 1/500 seg., prisma de inversão adaptável para imagem clara e não-invertida sobre o vidro despolido, objetivas de primeira classe, sincronização para "flash" e tubos intermediários para fotografias de perto.

Nosso representante, a firma **IRMÃOS KRYSS**

Avenida Ipiranga, 795 - 14.º andar, salas 1402/3 - São Paulo

fornecerá prazerosamente qualquer informação

DEUTSCHE EXPORT - UND IMPORTGESELLSCHAFT FEINMECHANIK - OPTIK m. b. H.

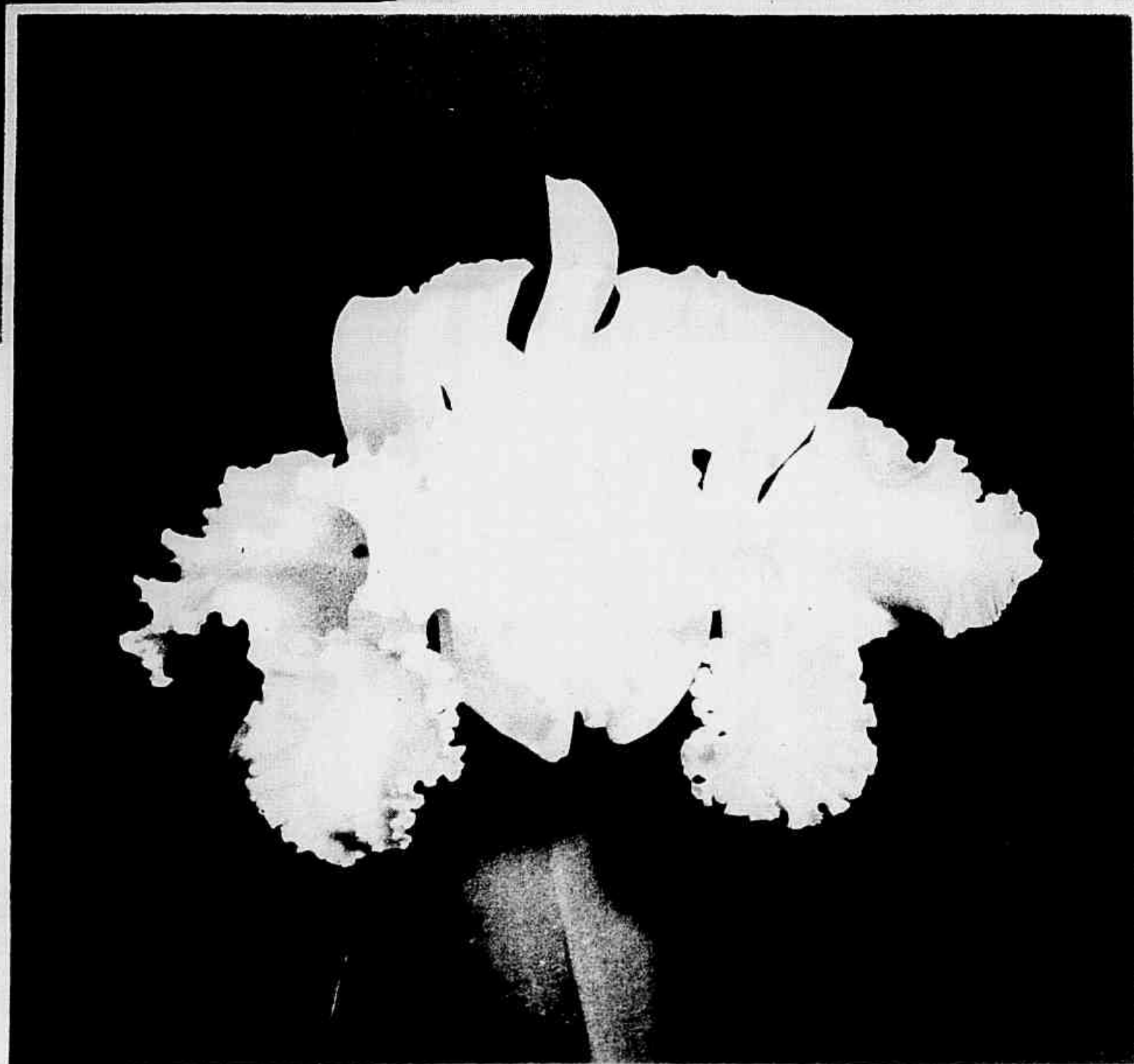
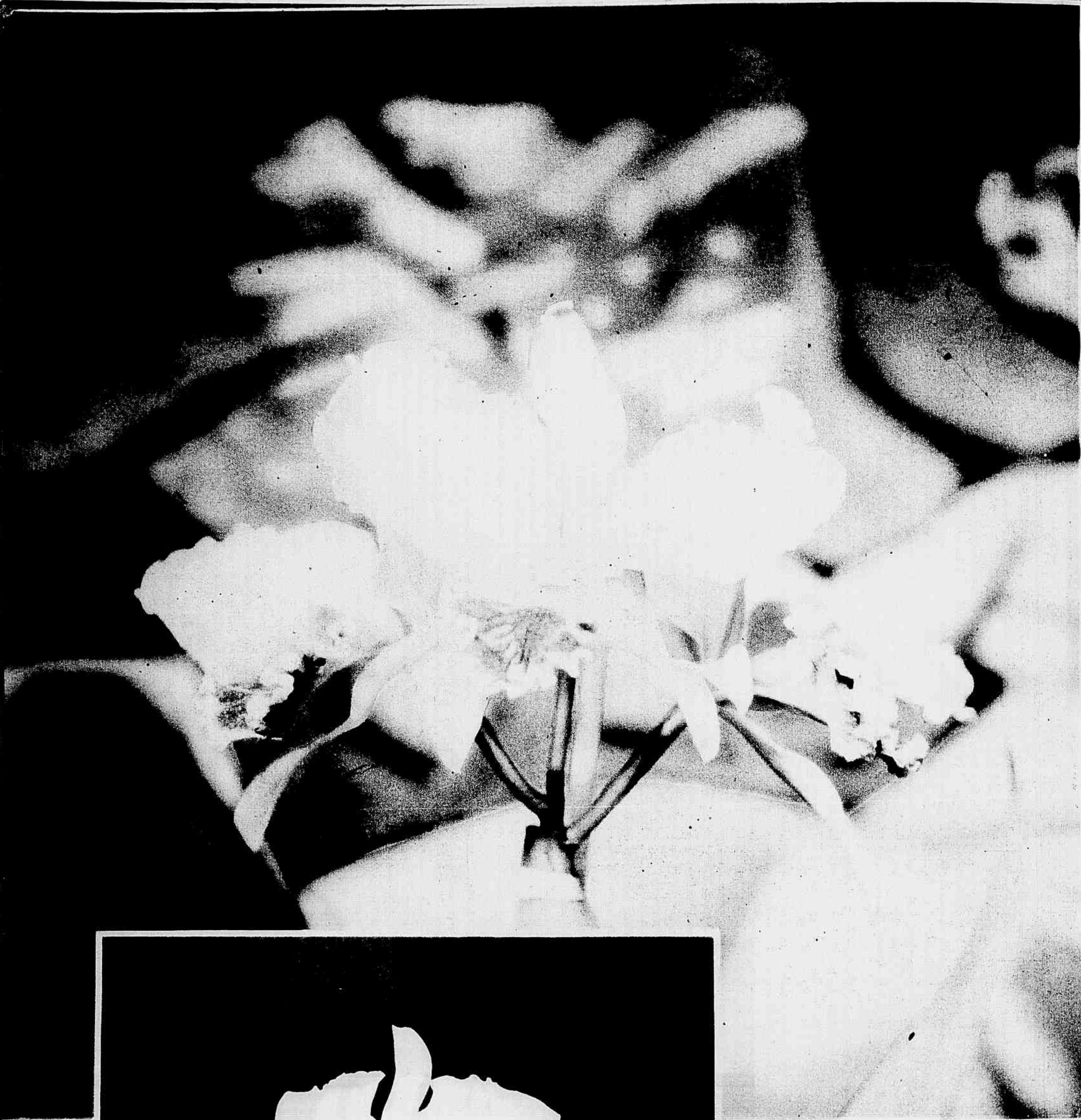
BERLIN C 2 - SCHICKLERSTR. 5-7 - REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ



ESSE VALIOSO espécime, exposto pelo senhor A. F. Martinelli, foi um dos pontos altos da mostra de orquídeas

ORQUÍDEA, a flor “bem”

A EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ORQUIDÓFILOS APRESENTOU
ALGUNS DOS MELHORES CULTIVADORES NACIONAIS ★ O BRASIL JÁ ESTÁ AO LADO DA EUROPA
EM TUDO O QUE SE REFERE AO CULTIVO DÊSSES BELOS E DISPENDIOSOS PARASITAS



ESPÉCIE TÍPICA das caatingas nordestinas é a «*Cattleya Autumnalis*», apresentada pelo sr. Roll Altenburg.

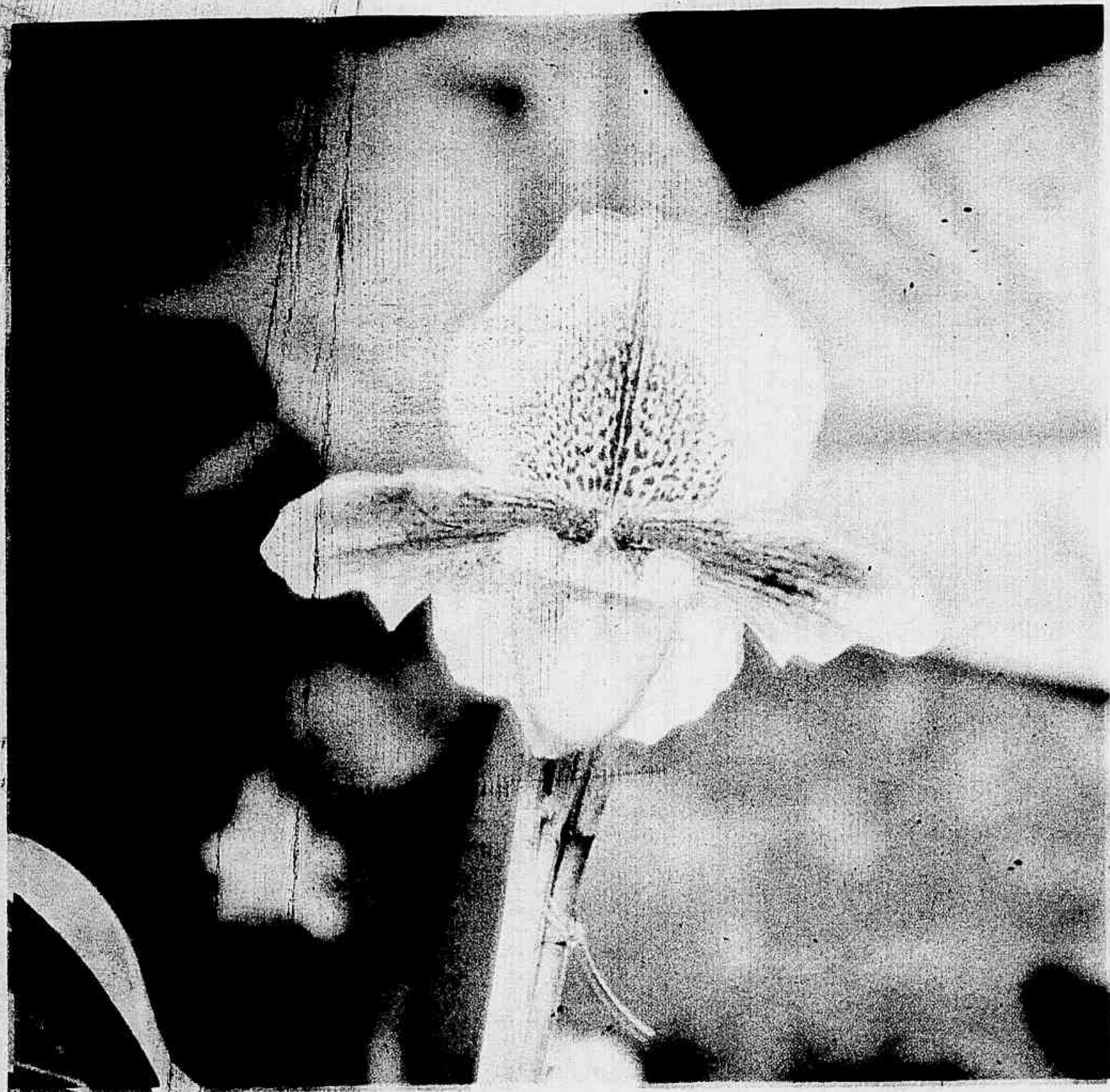
ESSA PEÇA, de propriedade do senhor Guilherme Guinle conquistou Medalha de Ouro. É um exemplar raríssimo.



O ORQUIDÁRIO BINOT, da cidade de Petrópolis, fêz-se representar na exposição, com peças da beleza desta.

Orquídea

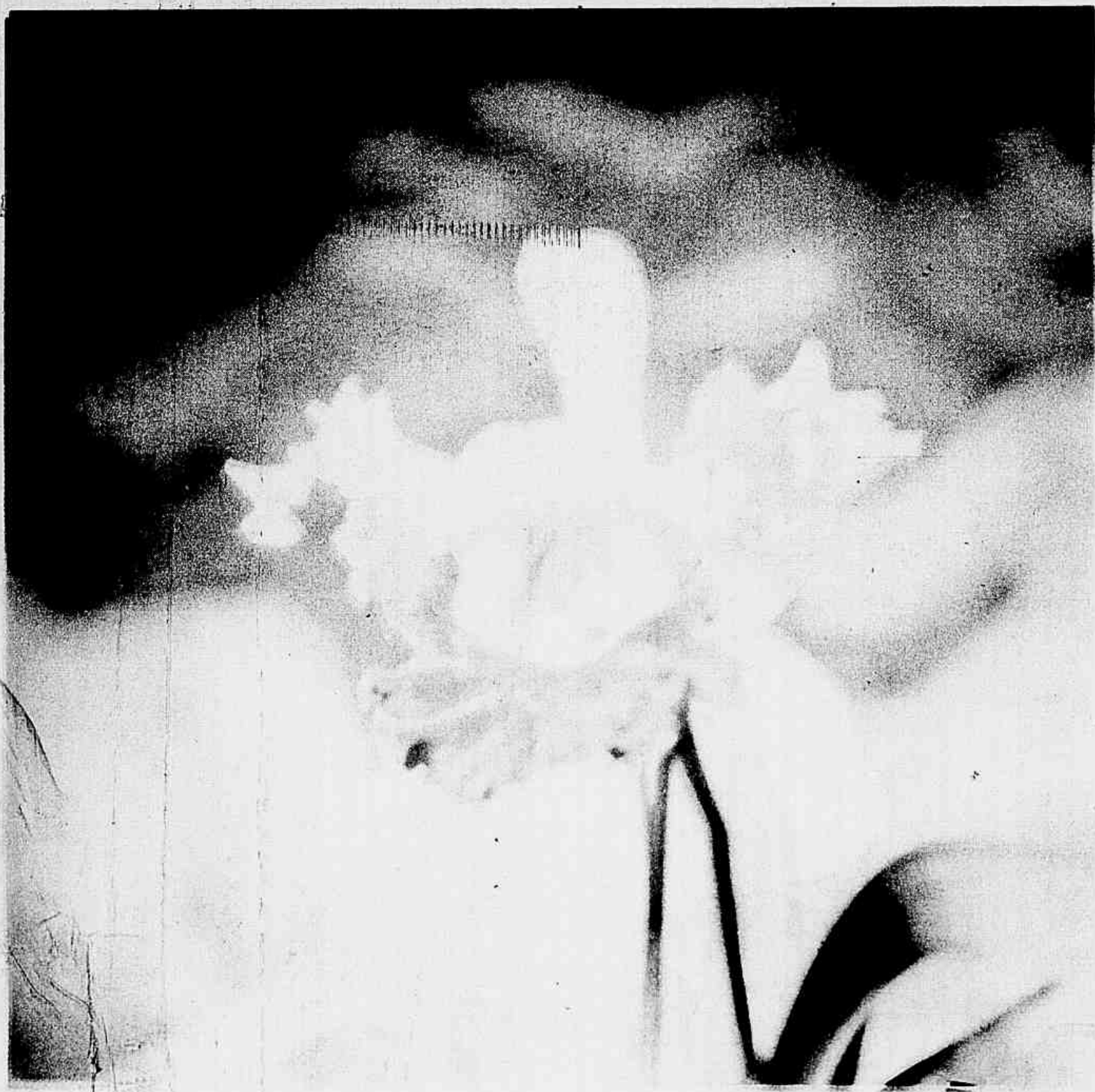
A SOCIEDADE Brasileira de Orquidófilos, fundada há mais de dezoito anos, e que reúne, no Brasil, todos aqueles que se dedicam ao ingrato e dispendioso mister de cultivar orquídeas, organizou há tempos uma interessantíssima Exposição, destinada a difundir, entre o grande público, o gosto por êsses parasitas de beleza inextinguível. Já contamos, no Brasil, com orquidários que nada ficam a dever aos estrangeiros, e nossos grandes expositores, que se chamam Guilherme Guinle, Roll Altenburg, A. P. Martinelli, e tantos outros, fariam boa figura em qualquer mostra internacional. Típica dos climas tropicais, era natural que no Brasil, país cuja temperatura se presta às maravilhas para a sua floração, a orquídea encontrasse uma região ideal para proliferar. Talvez não haja, no mundo, outro país onde existam tantas espécies, nem tão belas, nem tão valiosas. No entanto, é relativamente recente o gosto dos brasileiros pelas orquídeas. Na Europa, mormente na Inglaterra, na Bélgica, na França e na Alemanha,



TAMBÉM Medalha de Ouro foi esse exemplar, pertencente ao orquidário do sr. Roll Altenburg.

Orquídea

existem infinidades de sociedades de orquidófilos, cada qual com sua revista especializada. Porque, mais do que um passatempo, o cultivo de orquídeas é já hoje em dia uma ciência, com regras fixas e invioláveis. Ainda há dois e meio séculos atrás, o grande naturalista Lineu mencionava somente uma centena de espécimes diferentes de orquídeas; hoje, c o n h e c e m - s e aproximadamente três mil, e novas espécies vão sendo obtidas a cada dia, pelo enxerto de exemplares de comprovada beleza. Os orquidófilos brasileiros, com a exposição organizada pela Sociedade Brasileira de Orquidófilos, vieram mais uma vez demonstrar que, nesse ramo da floricultura, caminhamos a passos largos, encontrandonos lado a lado com os maiores das Américas e da Europa.



DE MARICÁ veio essa peça, cultivada pelo senhor Hugo Ferras Pôrto. Seu nome, «Le Hermani».

— Por que preciso fazer um Seguro de Vida ?

Será
êste
o seu caso ?

O sr. Joaquim Alves da Silva é sócio da firma Silva & Castro, cujo futuro o preocupa seriamente, com interrogações para as quais não encontra resposta. Que acontecerá se falecer o seu sócio? Deverá admitir os filhos dêle no negócio? Deverá adquirir sua parte na firma? Será melhor admitir novo sócio?



- Se êste é o seu caso

o Sr. deve fazer o
seu Seguro de Vida:

- 1** **PORQUE**, com o falecimento do seu sócio, haverá a dissolução legal da firma;
- 2** **PORQUE** o Sr. Silva terá que optar por uma destas três soluções: a) liquidar a firma e pagar aos herdeiros do sócio falecido a parte que lhes couber; b) fazer um acôrdo com os herdeiros do sócio falecido a fim de que êles participem da firma, o que permitirá a continuação do negócio; c) adquirir a parte do sócio falecido e continuar com o negócio;

- 3** **PORQUE** somente o Seguro de Vida permitirá a realização da terceira solução, porquanto propicia o numerário indispensável à aquisição da parte do sócio falecido. Neste caso o Seguro de Vida deverá ser completado com a assinatura, entre os sócios, de um instrumento particular em que se ajustem os seguintes pontos: a) os prêmios do seguro serão pagos pela firma; b) em caso de falecimento de um dos sócios, o sobrevivente utilizará o capital do seguro para reembolsar os herdeiros do sócio falecido da importância que lhes couber no ativo da firma.

A' SUL AMERICA - Caixa Postal 971 - Rio de Janeiro

Desejando conhecer outros detalhes da organização "SUL AMERICA",
peço enviar-me publicações sobre o assunto.

Nome
Data do Nasc.: dia mês.....ano.....
Profissão..... Casado?.....Filhos?.....
Rua N.º..... Bairro.....
Cidade..... Estado.....



O Seguro de Vida
é a **Solução Ideal e Imediata**
do seu problema

Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA
FUNDADA EM 1895

O REI VAGABUNDO

O S guardas imediatamente cumpriram a ordem real. Luís olhou irônicamente em volta, procurando por Thibault, mas os olhos espertos de René tinham logo visto que o soberano acabara de guardar, após dobrá-la, a carta contendo a lista dos fiéis à causa burgúndia, em Paris. Assim, tomando pelo braço o atônito Thibault, empurrou-o para a rua e desapareceu na escuridão, antes que quem quer que fosse pudesse esboçar o mínimo gesto de reação. Quando os soldados quiseram deter os dois traidores, era já tarde, pois eles tinham desaparecido sem deixar sinal.

Apresentando-se ao Duque de Borgonha, disse-lhe Thibault que Luís resolvera lutar, muito embora seu general em chefe, Chabannes, lhe tivesse confiado que as forças com que contava, muito inferiores em número e em qualidade, seriam facilmente batidas.

— Já foi decretado o estado de sítio.

— E por quanto tempo poderá Paris resistir?

— Por tempo indeterminado, respondeu Thibault. Os campos são férteis.

Olhando através da janela de sua sala de reuniões, algumas horas depois, Luís XI percebeu que Paris estava rodeada por um anel de fogo. Cada campo e cada sítio, cada fazenda e cada posto agrícola estava em chamas. Não deixava de ser uma vitória para a casa de Borgonha.

— É uma verdadeira calamidade, Sire, susurrou Chabannes.

— Apenas quer dizer que teremos de lutar contando unicamente com os cereais de que já dispomos, afirmou o soberano, com uma confiança a traduzir-se na voz, confiança que ele no íntimo não sentia.

Nesse momento, chegou a seus ouvidos o ruído da voz de Catarina, através da janela entreaberta. Enquanto sorria veladamente, Luís XI sentiu que uma idéia estava a despontar em seu cérebro. Com Paris sitiada, e com os víveres quase todos perdidos pelo incêndio, o rei compreendia que só poderia salvar a cidade se contasse com o apoio do povo parisiense — e era só com o que não contava. Fechando a janela, alguns segundos após, já tinha delineado na cabeça todo um plano que, acreditava, daria excelentes resultados. Encaminhou-se devagar para o jardim. Tomando Catarina pela mão, perguntou-lhe, seriamente, olhando-a nos olhos, se estaria disposta a aceitar, pelo bem de sua pátria, um espôso que ele lhe destinava, sem protestos ou delongas.

— Se é pelo bem da França...

A voz de Catarina era trêmula, ao formular essas palavras. Pois, apesar de aquiescer no plano do soberano, já estava de certo modo comprometida com Thibault. Por isso mesmo, Luís XI, que parecia ler-lhe os pensamentos, acrescentou:

— Thibault traiu seu rei e sua pátria. E contou-lhe todo o episódio da taverna.

— Ele foi morto? perguntou Catarina, em voz trêmula.

— Traição é quase morte, mas ele ainda vive.

x x x

François Villon e seus amigos estavam na masmorra, cantando os últimos versos do poeta, que diziam respeito justamente ao rei Luís XI e às suas ridículas aventuras, quando um arauto real, penetrando no espaçoso ambiente, anunciou, em voz tronitroante, capaz de encobrir a mais alta gargalhada que sua majestade o rei estava lá fora, e esperava silêncio para penetrar.

— Você me confunde, disse Luís, aproximando-se de Villon. Sei que existem dois Villons: o patriota, e o mau cidadão. Que espécie de homem tenho agora diante de mim?

— Com um patriota, Sire. Não tenho nenhum amor pela causa da Burgúndia.

Villon encarava o rei, e em seu rosto a honestidade se estampava.

— E também nenhum amor por Luís, não? perguntou o rei, sorrindo ferozmente.

Depois, ordenando a seus guardas que levassem o poeta para outra cela, onde ficasse sozinho, e recomendando que o **tratassem bem** e o trouxessem no dia seguinte à sua presença. Em seguida, retirou-se.

«Tratar bem» queria dizer, na maneira irônica de dizer do nobre, meter o prisioneiro na mais infecta das masmorras, tratando-o a pão e água por diversos dias. Este era o modo de corrigir aqueles que ofendiam pessoalmente o rei ou algum membro de sua família.

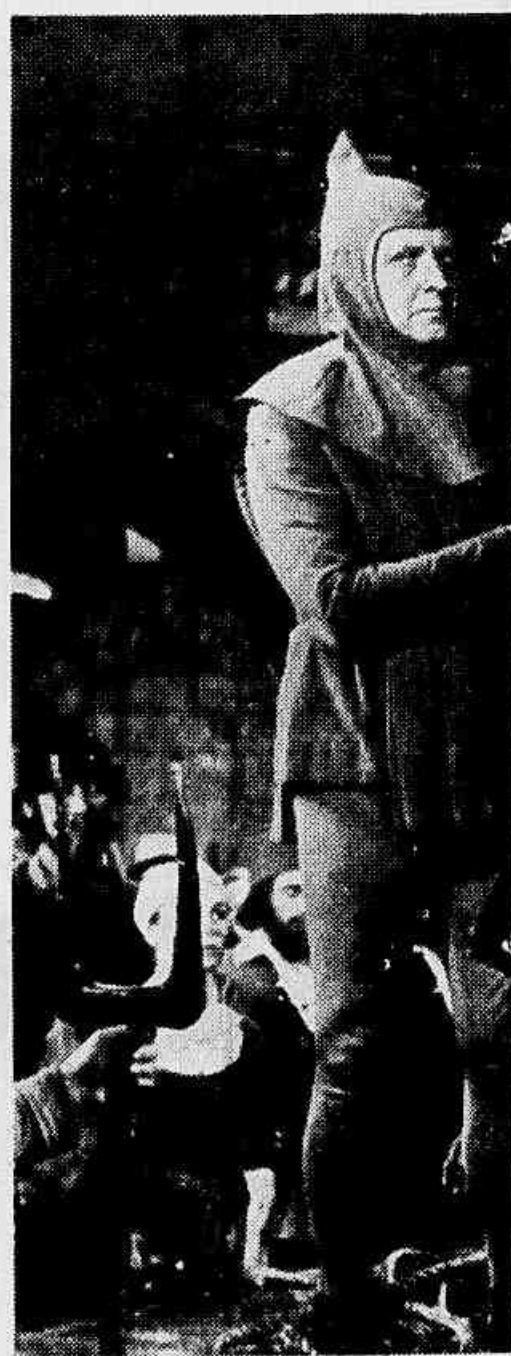
Ao ouvir aquelas palavras, Huguette lançou-se, imediatamente, aos pés do soberano:

— Piedade, senhor! Seus versos não podem ser tão ofensivos!...

— Minha filha, ou você está tremendamente apaixonada pelo vagabundo, ou então não prestou atenção nas estrofes que cantava.

Na manhã seguinte, na solitária, cuja única janela dava para um pátio onde se viam inúmeras forças, cada uma exibindo o vulto dependurado de um morto, Villon novamente recebeu a visita de Luís, que lhe deu direito para escolher um dos dois males:

— Ou você será imediatamente enforcado, ou então poderá viver até que os burgúndios se retirem, batidos.



ENTRE IR PARA A FÔRÇA OU VESTIR A TÚNICA DE OFICIAL COMANDANTE DE PARIS, TALVEZ DESPOSAR CA

Tomando o poeta pelo braço, saiu a levá-lo, por entre uma multidão de guardas armados até os dentes.

— Os burgúndios têm na nobreza um poderoso aliado. Eu apenas conto com o povo, e mesmo esse não me estima. Porém, a você ele estima, percebeu?

— Sim, e eu lhes aconselharei a que salvem as próprias peles...

— Bem, sinto muito que sua teimosia vá impedir que os planos de amor de Catarina a seu respeito se cumpram, acrescentou o rei, distraidamente.

Villon estacou.

— Não acredito que uma dama como Catarina pudesse nutrir planos sentimentais a meu respeito, um poeta vagabundo, um mísero pássaro de gaiola...

— Sim, mas isso certamente há de mudar, quando ela reparar que espécie de oficial comandante você poderá vir a ser.

— Oficial comandante?!

— Sim, de Paris, para lutar em meu nome contra a casa de Burgúndia.

O poeta vacilou por instantes e depois exclamou:

— Faça-me um favor: mande enforcar-me logo!...

O rei sorriu, cheio de ironia.

— Não só você, como todos os seus amigos, irão criar mófo, nas minhas masmorras. Como oficial comandante da cidade de Paris, porém, você poderá salvá-los.

Tomando uma atitude séria, Luís XI falou, com voz compassada:

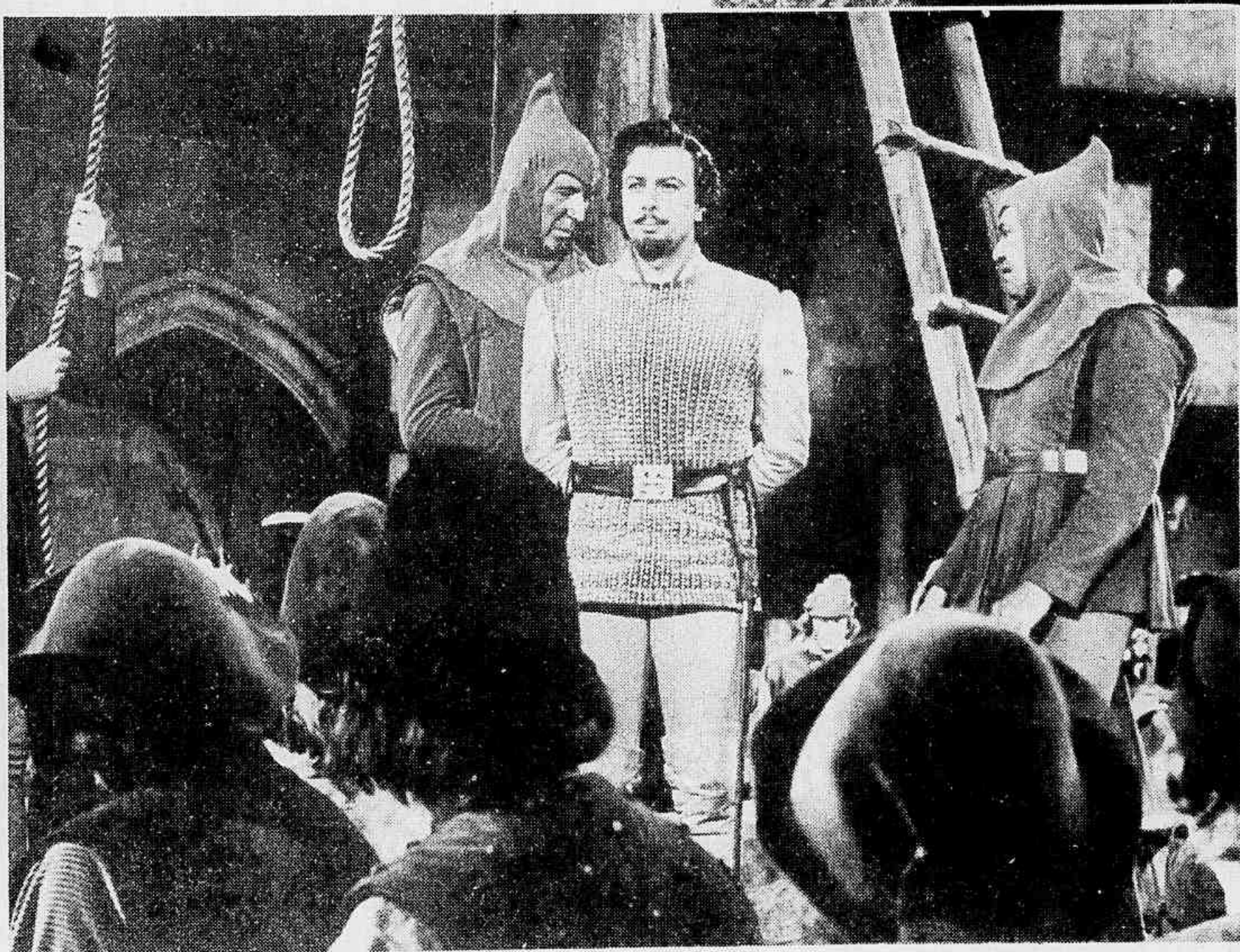
— E' o destino da própria França que está em suas mãos.

François Villon não pôde mais resistir: poderia salvar seus amigos da prisão, demonstrar o seu patriotismo e ao mesmo tempo (quem sabe?) casar-se com a adorável Catarina.

— Aceito!

Pouco depois, sob o nome suposto de Conde François de Montcorbier, e com roupas magníficas, Luís apresentava o poeta a Catarina, a qual apenas notou vaga semelhança entre o rosto do nobre e o do vagabundo que a interpelara, havia alguns dias, à porta de um templo. O disfarçado vagabundo, àquela mesma noite, pensou que facilmente conquistaria o coração da jovem, ao beijar, àquela mesma noite seus lábios, durante um passeio pelo jardim

(Continua na página 44)



CATARINA E SALVAR A FRANÇA, VILLON OPTOU PELA ÚLTIMA HIPÓTESE.

(THE VAGABOND KING)

CAPITULO II

ELENCO

Catarina de Vauxcelles	Kathryn Grayson
François Villon	Oreste
Huguette	Rita Moreno
Tristan	Sir Cedric Gibbons
Rei Luís XI	Walter Hampden
Thibault	Leslie Nielsen
René	William Prince
Ferrebourg	Jack Lord
Jacques	Billy Wine
e outros.	

(Paramount)

Diretor — Michael Curtis

Baseado na Opereta de Rudolf Friml.

Cortesia de «PICTURE SHOW» & «FILM PICTORIAL»

A qualquer hora
do dia
ou da noite
a

RÁDIO RECORD

de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1 000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

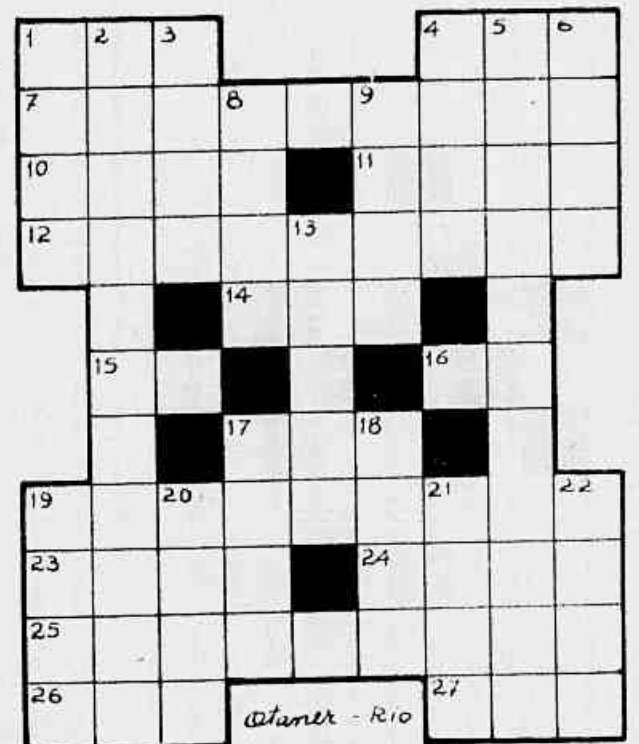
Record

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 127

PARA VETERANOS

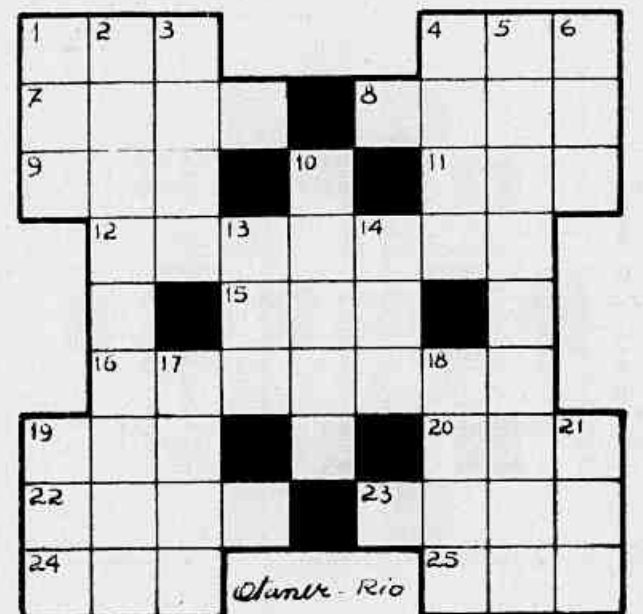
HORIZONTAIS: — 1. Peixe marítimo do Brasil — 4. Nome de homem — 7. Petrificações em forma de estrela de certos polípos radiados — 10. Mamífero da família dos Dasipodídeos — 11. Tecido próprio para estofamento — 12. Lameiro — 14. Sacerdote budista — 15. Vigésima letra do alfabeto gótico — 16. Moeda romana de cobre — 17. Corda com que uma embarcação reboca outra — 19. Tulipa rajada de vermelho — 23. Chinês — 24. Larápio — 25. Aumentaram as forças — 26. Espécie de sapato — 27. Circo.



VERTICAIS: — 1. Deus tenício — 2. Pessoa feia (pl.) — 3. Joeiram — 4. Privei de ação — 5. Significar — 6. Gênero de insetos hemípteros homópteros da família dos Fulgorídeos — 8. Temporadas — 9. Atingirei — 13. Animação — 17. Tributo grande respeito — 18. Triste — 19. Que estala — 20. Espécie de nêspira — 21. Palmeira da Amazônia — 22. Gênero de insetos rincóloros, espécie de gorgulho oriental.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Designação geral dos vegetais — 4. À casa — 7. Engano — 8. Leito — 9. Verme que aparece em feridas de animais — 11. Contudo, porém — 12. Tornar irmão — 15. Unidade das medidas agrárias — 16. Relativo ao coração — 19. Conceder — 20. Seguiam — 22. Cóleras — 23. Reside — 24. Rio da Suíça — 25. Condimento.





AS "BANDEIRAS"

EDUARDO TOURINHO

♦ Eram as BANDEIRAS — na definição de Capistrano de Abreu — «partidas de homens empenhados em prender e escravizar o gentio indígena. O nome provém, talvez, do costume tupiniquim referido por Anchieta de levantar-se uma bandeira em sinal de guerra».

Com características militares e constituídas de portugueses, mamelucos e índios mansos, organizavam-se por finta ou peditório. Nelas, podiam guerrear «filhos de quatorze anos arriba, escravos usando espingardas, espadas, estacadas e mais armas». Representavam a superioridade do arcabuz e da couraça de algodão contra a lança, o tacape e o arco e flechas. Deixavam aparatosamente o ponto de origem e — com escrivães, sacerdotes, juizes — por pouco ou por muito tempo, embrenhavam-se nas selvas...

Organizando-as à própria custa, os chefes tornavam-se senhores dos pupilos de homens ousados e cruéis que — de mosquete e casaco de couro estufado — lançavam-se à sangrenta aventura da preda de índios, sob um duro regime e uma rígida disciplina. Abastecida de pólvora, balas, machados, cordas, algum sal e minguada carga de mantimentos avançava a coluna floresta a dentro na ânsia de escravizar o silvícola e, depois, vendê-lo nos povoados.

x x x

Em primeiro de setembro de 1585, a Câmara da Vila de S. Paulo — por que a terra estivesse em penúria, faltassem escravos para os rudes trabalhos da lavoura e, ainda, sob ameaça de hostilidades por parte dos índios — representou ao Capitão-Mor Jerônimo Leitão sobre a necessidade da guerra contra Carijós e Tupiniquins. Já as Câmaras de Santos e de São Vicente haviam feito o mesmo no mês anterior.

E a guerra foi desencadeada...

Pelas margens do Anhebi — o Tieté — estendiam-se os Tupiniquins por trezentas aldeias, que contavam trinta mil habitantes. E o selvagem sumiu, batido pelo Capitão-Mor e sua gente. Depois — entre 1592 e 1599 — Alonso Sardinha, Jorge Correia e João do Prado nova guerra de extermínio empreenderam contra os índios do Jeticai — o Rio Grande de hoje — repelindo-os para as brenhas...

Nos anos de 1601-2, os paulistas chegaram a Sabará.

Admite-se que Sebastião Marinho tenha penetrado em Goiás no ano de 1592. E — dez anos depois — as aldeias de Paraupaba, no alto Araguaia, foram devastadas pela expedição de Manuel Barreto e de Manuel Prêto.

Dotam de 1620, os ataques dos BANDEIRANTES paulistas às Missões jesuíticas do Guaíra, do Ivaí e do Tibagi. Chefiou-os Antônio Raposo Tavares e — além de Manuel Prêto — nêles figuraram Frederico de Melo,

Antônio Bicudo, Simão Álvares e Manuel Morato... Deixou-nos o heróico padre Montoya uma confrangedora descrição dêsses assaltos.

x x x

Foram, porém, os BANDEIRANTES que — despovoando o Brasil de então — dilataram, ao norte e ao sul, seus limites geográficos e devassaram seu imenso território.

Os paulistas, sob favoráveis condições e os baianos — seus êmulos nessa epopéia — **num terreno dos mais ingratos**. E' que os rios que serviam as colunas saídas da Bahia — o Doce, o Jequitinhonha, o Paraguaçu, o São Francisco — pelas **corredeiras** e cataratas, tornavam a penetração muito mais difícil. Ao sul, os cursos de água — embora com acidentes semelhantes — derivam da montanha para o litoral e se tornavam um fácil conduto. Num clima benigno, não tinha o homem de atravessar **desertões** petrificados por constantes implacáveis canículas.

x x x

Deixou-nos mestre Capistrano de Abreu — historiador do Brasil dos séculos XVI e XVIII — um roteiro dos BANDEIRANTES.

Ligando o Paraná ao Paraguai e — depois — pelo Guaporé, o Madeira, o Tapajoz e o Tocantins, chegaram os paulistas ao Amazonas. Do Paraíba ao S. Francisco e ao Parnaíba e ao Itapicuru, atingiram o Piauí e o Maranhão. Após ligarem o S. Francisco, o Doce e o Paraíba ao Parnaíba do Sul, transpuseram a Serra dos Órgãos e chegaram até a Guanabara. Entre a Serra do Mar e o Paraná — atravessando o Uruguai — penetraram, finalmente, no Rio Grande do Sul. Os baianos ligaram o S. Francisco ao Tocantins e, ligando-o ainda ao Parnaíba, chegaram ao Maranhão — atravessando o Itapicuru. Do Serro e Minas Novas — pela chamada terra do ouro — procuraram o Rio de Janeiro. A corrente de Pernambuco — próxima da orla litorânea — foi do Capibaribe a Serra de Ibiapaba. Os maranhenses moveram-se do Itapicuru até o Parnaíba e o S. Francisco. Do Parnaíba fluíram na direção de Ibiapaba. Os da Amazônia, finalmente, através do Madeira encontraram os paulistas. Foram até o Javari e ocuparam a Guiana.

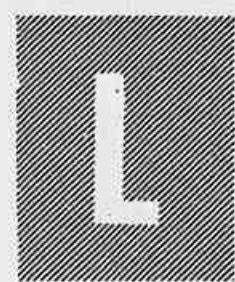
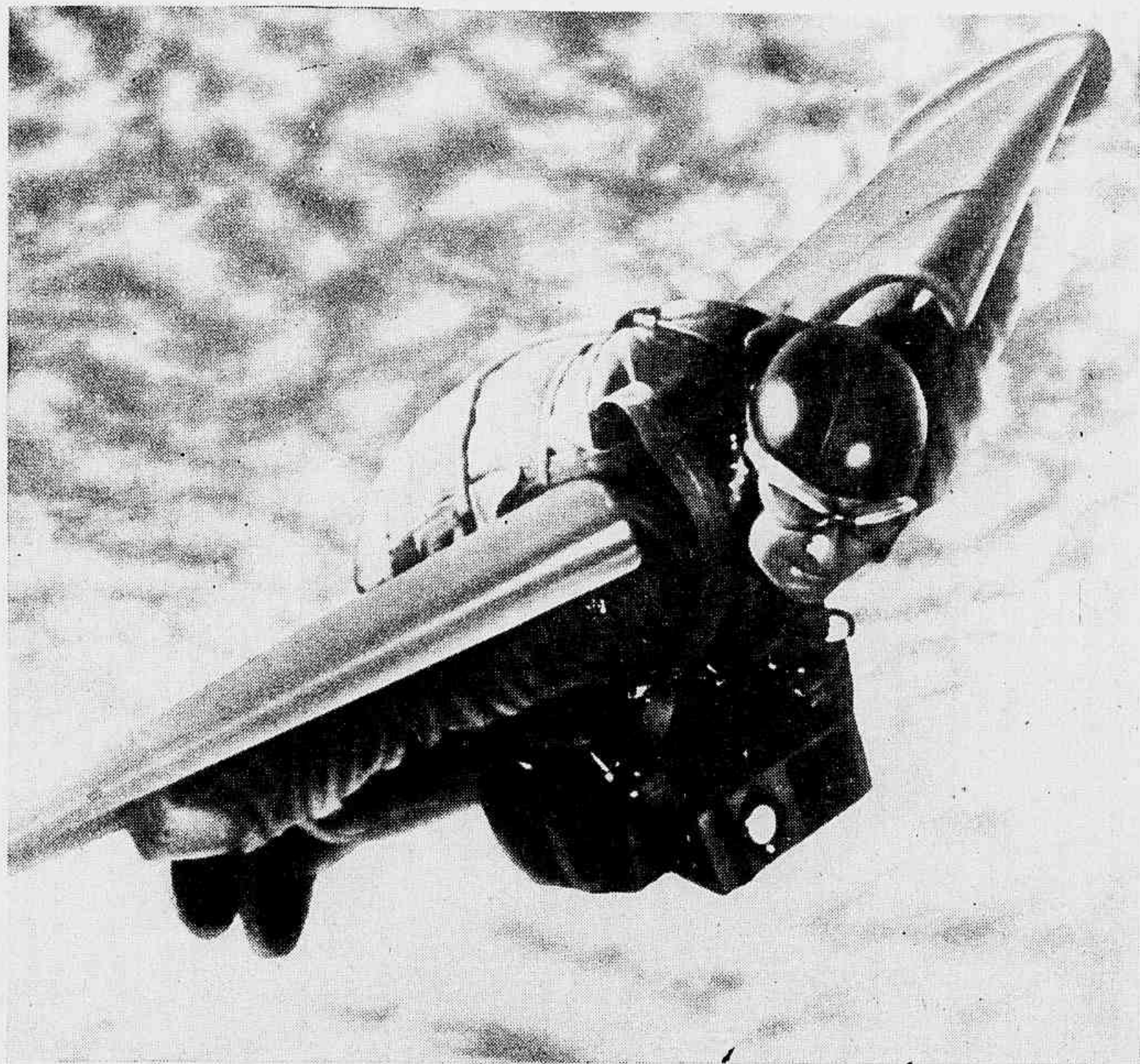
x x x

Contratados para as **Conquistas**, êsses BANDEIRANTES desapiedados prestaram, depois, à terra diversos serviços. Em fins do século XVII — na Bahia — guerrearão os paulistas as tribos confederadas próximas dos Aimorés. E estabeleceram **Fazendas**, como Rodrigues de Arzão e Bayão Parente, no vale do Paraguaçu. No S. Francisco montaram **Currais** Domingos Jorge Velho, Moraes Navarro e Matias Cardoso de Almeida. Assim foram os BANDEIRANTES...

0 homem - pássaro



DA PORTA aberta do avião, momentos antes de lançar-se ao espaço, Leo Valentim contempla a planície inglesa, contra a qual iria espatifar-se.



EO Valentim, conhecido aeronauta francês, o qual, munido de frágeis asas de madeira, costumava saltar de grandes alturas e vir, como um pássaro, planando até ao solo, encontrou a morte — horrível — quando, há dois meses, se exibiu perante cem mil espectadores, em Liverpool, na Inglaterra. Ao saltar do avião, seu corpo se chocou contra a fuselagem, partindo-se então as asas. De uma altura de três mil metros, Leo (que efetuava seu salto número 701) precipitou-se ao solo, tendo morte imediata. Havia dezoito meses que não realizava nenhum salto, e tencionava retirar-se de suas atividades, após essa exibição. A morte foi mais veloz que o homem pássaro. (Fotos Paris-Match e Jours de France.)

ÍCARO PERDE AS ASAS

LEO EFETUARA, antes, diversos vôos com suas frágeis asas de madeira. Ia retirar-se das atividades, quando a morte o levou nos braços.



SEU CORPO caiu como um meteoro, à vista de mais de cem mil pessoas. A alma foi para o céu, «para o céu dos passarinhos», como diria o poeta Bandeira.

UM NOVO

tratamento

complexo injetável de alto valor
anti-anêmico, anti-tóxico e reconstituente
Injeções intra-musculares:
1 ou 2 ampólas diariamente.

YAKRITAMIN



fração solúvel de extrato hepático
concentrado com ácido fólico
triplofano, histidina e metionina
Caixas com 3 amp - 2cc.

INSTITUTO BIOLÓGICO do RIO de JANEIRO Ltda.
E/C: Rua Santa Luzia 799-13º - fone 22.0902 - Lab. Alam. São Boaventura 1027-111º



Aprenda facilmente HARMÔNICA

Pelo método do prof. A. SCHMOLL, prático, teórico, recreativo.
Adaptação para harmônica do célebre método de piano do mesmo autor,
adotado nos principais conservatórios de mais de 50 países, inclusive o
Brasil. O mais eficiente auxiliar do professor. A venda nas boas casas de
música em todo o Brasil, ou diretamente com os distribuidores, pelo serviço
de reembolso postal. MÉTODOS, ESTUDOS, MÚSICAS, LIVROS TÉCNICOS,
DIDÁTICOS, EDUCAÇÃO SEXUAL etc. Revendedores da Edição Saleciana
«LES». A Pedido enviamos listas.

Pedidos a «P R A T O» Distribuidora Littero Musical Ltda.
Caixa Postal 1037 - Rua Sud Mennucci 234 - S. Paulo

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 - Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 - Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO - End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



EM QUALQUER PONTO DO BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO
PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja
Assinante Deste Moderno Semanário e Esteja em
Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 14 E 20 DE JULHO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Querer o impossível é votar-se ao fracasso, diz uma das lâminas do Tarot. Na semana em pauta o leitor vai querer o impossível, habilitando-se, assim, a uma desilusão. Viva a realidade
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — O novo período não favorecerá suas pretensões e lhe fará difíceis as menores coisas. O melhor, no seu caso, é o alheamento das competições, até que passe o período de desajustamento astral.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O leitor deverá ser prevenido, muito precavido mesmo, na vigência da semana entrante, pois estará a pique de uma traição. A conjura será urdida mesmo entre os seus e, se vier a furo, o desaguisado será medonho.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — Os influxos planetários reinantes darão impaciência, um certo nervosismo prejudicial às relações, à vida em sociedade. Não faça visitas, pois, durante o período e se recuse a recebê-las.
- ★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Os três últimos dias da semana em foco serão muito bons para seus negócios e para os casos sentimentais. Os dias restantes não serão desfavoráveis, mas muito fracos para se tentar alguma coisa.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — As viagens por mar ou pelo ar não se aconselham na próxima semana e no caso do leitor. Prefira as estradas. Os dias 18 e 19 serão os mais ameaçadores. Para as atividades profissionais, a semana não será má.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — O leitor terá nos próximos sete dias um período de grandes favorabilidades planetárias. Aproveite a oportunidade para fazer um verdadeiro reajustamento nos seus negócios e na sua situação.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Não troque o dia pela noite e seja muito claro na manifestação do seu pensamento. Com subterfúgios nada conseguirá. A ronda será forte sobre o leitor, especialmente nos dias 12, 16 e 18.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — A semana não beneficiará a formação de sociedades comerciais, a assinatura de contratos e os negócios a prazo. O trabalho normal terá um rendimento médio. Nada de extraordinário será conseguido.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Os melhores influxos da semana cairão nos setores de concurso do horóscopo do leitor. Sua posição, pois, será muito boa na vida conjugal, ante os parentes e amigos e perante os professores e pessoas que possam orientá-lo.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Os quatro primeiros dias da semana serão de chance para o leitor. Poderá arriscar alguma coisa ou especular. Os dias restantes serão favoráveis, mas fracos.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — O leitor estará em boa forma, durante a semana, para empreender o que desejar. Aplique-se, de preferência, no que já estiver planejado, devidamente estudado. O êxito será mais seguro, assim.

OS NOMBES DA SEMANA

Julho, 14	— Paulo	— Tereza.
" 15	— Dagoberto	— Marília.
" 16	— Roque	— Lélia.
" 17	— Diógenes	— Sônia.
" 18	— Mauro	— Jaqueline.
" 19	— Durval	— Sandra.
" 20	— Samuel	— Judith.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Julho, 14	21° 59' 04"	(Signo do Câncer)
" 15	22° 56' 59"	" " "
" 16	23° 54' 13"	" " "
" 17	24° 51' 27"	" " "
" 18	25° 48' 42"	" " "
" 19	26° 45' 56"	" " "
" 20	27° 43' 11"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

QUE É UM EPISCOPAL?

Por W. NORMAN PITTENGER

Professor de Apologética Cristã no «General Theological Seminary». —

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press



CREDITAM os Episcopais em céu e inferno?

Também no Livro da Oração Comum estão contidos todos os ensinamentos dos Episcopais com relação à Vida, à Morte, ao Julgamento, ao céu e ao inferno. A morte marca o término da vida humana. O homem é julgado segundo o seu caráter, por um Deus «a quem todos os corações estão abertos, de quem são conhecidos todos os desejos, e não se podem ocultar segredos».

O céu é um estado no qual a visão de Deus é possível, no qual dá-se como que uma vida de íntima perfeição junto a Deus. O inferno é o contrário, é a ausência de Deus, é a perda da finalidade para a qual foi o homem feito.

Os Episcopais não acreditam na existência de um inferno digamos geográfico. Céu e inferno são apenas maneiras de ser. Quando os pecados cometidos não são mortalmente ofensivos a Deus, há a possibilidade de o homem vir a ser purificado, num lugar chamado «purgatório», e depois admitido no céu. Não, há porém, contundir o «Purgatório» dos Episcopais com a concepção comum do termo, que está comumente ligada a idéias de castigos e de sofrimentos materiais.

Por «ressurreição», a Igreja Episcopal quer significar não a revivificação do nosso corpo, após a morte, porém, a recriação, por Deus, da personalidade humana, com um «corpo espiritual», isto é, algo de apropriado à vida celestial.

A SALVAÇÃO

O que então significa para os Episcopais a salvação?

Os modernos crentes Episcopais entendem, pelo termo, «saúde ou integridade da vida». Quando se diz que uma alma está salva, quer-se significar que ela encontrou aquele sentido para o qual foi criada por Deus, e que ela está para todo o sempre arrancada ao pecado e à tentação. A salvação não diz respeito unicamente à vida futura do homem, mas também com sua vida presente. Não existe no homem uma saúde legítima, pois ele é por natureza doentivamente egoísta e orgulhoso; porém, pelo amor a Deus, ele se cura gradativamente de seus pecados, e passa a gravitar na esfera da saúde verdadeira, e da vida integral.

O CLERO

Possui a Igreja Episcopal um clero?

Sim. Existem três ordens de ministros, incluindo as chamadas «Ordens Sacras»: os bispos, os padres e os diáconos.

Dizem os manuais de instrução que a missão dos bispos é: «ser o chefe da Igreja; conferir os ordens sacras; e administrar a confirmação».

Compete aos padres «oficiar ao povo sob a sua jurisdição religiosa; pregar a palavra de Deus; batizar; celebrar a Santa Comunhão; pronunciar a absolvição, em nome de Deus».

O diácono assiste ao padre no serviço divino, e em outros afazeres. É um ministro em toda a significação da palavra, porém não possui os mesmos privilégios reservados aos padres e sobretudo aos bispos.

O padre é o representante ministerial de Cristo na igreja; também representa a comunidade leiga, formada por todos os que são batizados, junto a Deus.

Um ministro Episcopal jamais é denominado um pregador, pois esse é apenas um aspecto de sua atividade. Ele também celebra a Sagrada Comunhão. Absolve, ensina, é em suma o pastor de seu rebanho.

Os ministros Episcopais podem casar-se, se assim o desejarem. Devem fazer, no caso, «aquilo que julgarem melhor para servirem a Deus».

Existem monges e freiras na Igreja Episcopal?

Sim. Inúmeras ordens de freiras e de monges, tanto nos Estados Unidos como alhures, existem na Igreja Episcopal. Algumas são puramente contemplativas — isto é, dedicam-se à oração; outras, são mistas, quer dizer, oram e ensinam, por escritos, por palavras, por atos.

Esses homens e mulheres são obrigados aos votos de pobreza, castidade e de obediência. Não podem casar-se. Vivem em comunidades estabelecidas especialmente para proporcionarem uma vida comum de orações e de trabalhos.

O que significam as expressões Igreja «alta», «baixa» e «média»?

São palavras utilizadas para designarem paróquias, porém, são dúbias em sua expressão.

Uma Igreja «alta» é a que salienta o emprêgo do culto sacramental, o valor supremo da tradição católica. A «baixa» Igreja é aquela em que se exige um culto mais simples, valorizando, sobretudo, o evangelho e

os textos sagrados. A «média», enfim, é uma mistura de ambas, com tendência para as idéias liberais.

Tôdas essas Igrejas, porém, têm um ponto comum, que é a superestimação do Evangelho, a apresentação racional do cristianismo, e um culto apropriado. Os Episcopais apelam para as Escrituras, para a tradição e para a experiência, tanto quanto para a razão, e para a fé cristã.

O DIVÓRCIO

É permitido o divórcio entre os Episcopais?

Na América do Norte, os «canons», leis religiosas, não reconhecem o divórcio, porém, em certos casos, admitem a anulação — a declaração eclesiástica de que não houve casamento, por algum fator que o tenha tornado impossível.

Um bispo pode contudo conceder em certas ocasiões o divórcio. Também pode ministrar a Sagrada Comunhão a pessoas que sabem serem divorciadas e novamente casadas. É necessário porém que tais pessoas provem a sua boa fé, a sua intenção de levar uma vida cristã, e a constância do novo casamento.

LIMITAÇÃO DE FILHOS

A Comunidade Anglicana se pronunciou, numa conferência de bispos realizada em Lambeth, favorável aos métodos de limitação de filhos, dizendo que tais métodos, quando praticados com moderação, são toleráveis. Não há, porém, uma posição definida a respeito, muito embora muitas discussões sejam levadas a efeito, ainda hoje.

OUTROS PROBLEMAS

Julgam-se os Episcopais depositários da única fé verdadeira?

De modo algum. Sustentam eles que todos os que são batizados (seja o batismo o Episcopal ou outro qualquer) em nome da Santíssima Trindade são membros da Igreja de Cristo. Cristo é a cabeça da Igreja (que é chamada, no Novo Testamento, «O Corpo de Cristo»), e aqueles que pertencem a ela pelo batismo são seus membros. É necessária a confirmação ministrada por um bispo. É um rito sacramental pelo qual, acreditam os Episcopais, o Espírito Santo vem fortalecer o crente ainda mais. Mesmo aqueles que nunca foram batizados, mas que gostariam de sê-lo, ou de tê-lo sido, são considerados «salvos». A Igreja é o meio pelo qual Cristo procura realizar suas intenções de tornar os homens salvos do pecado e da morte eterna, por conseguinte. Os Episcopais sabem que são uma parte dessa Igreja; nunca disseram que são a parte inteira e única.

Como é governada a Igreja Episcopal?

Há várias espécies de governo, de acordo com cada país. Nos Estados Unidos, existem paróquias que elegem leigos para seus representantes na congregação; dioceses, que realizam Convenções, onde o bispo é escolhido, juntamente com o clero, para cumprir as finalidades da Igreja; e, cada três anos, uma Convenção Geral, que representa toda a Igreja Americana Episcopal.

Nossa igreja é democrática. Seus delegados são eleitos. Nas convenções gerais, a Casa dos Deputados, composta de leigos, e a dos Bispos, têm tarefas delimitadas. Não existem direitos autocráticos: todos devem cooperar.

Quantos Episcopais existem nos Estados Unidos?

Cerca de 2.715.825 norte-americanos pertencem atualmente, à fé Episcopal. Outros 250 mil são simpatizantes, não propriamente seus membros. Possui também a Igreja Episcopal 6.958 clérigos, nos Estados Unidos, distribuídos por 7.954 paróquias e missões.

Qual o papel desempenhado pelos Episcopais na história dos Estados Unidos?

O primeiro serviço da crença Episcopal levado a efeito nos Estados Unidos ocorreu em Jamestown, Virgínia, em 1607. Por muitos anos, eles estiveram submetidos ao Bispo de Londres. Com a Guerra da Independência, tornaram-se autônomos, porém. Muitos dos fundadores da República Americana foram episcopais. Entre esses, destacam-se as figuras de Georges Washington, Alexander Hamilton, James Madison, James Monroe, John Marshall e John Jay. Daquele momento para o atual, a Igreja vem desempenhando papel de destaque na vida nacional. A despeito de sua íntima relação com a Igreja Anglicana, é essencialmente americana, e seus membros são todos cidadãos leais e que amam sua terra.

A seguir: Que são os Adventistas de 7º Dia?



◆ Ribeirão Preto, ao festejar o seu primeiro centenário de fundação, atraiu para as grandes festas que ainda se realizam em comemoração à grata efeméride, figuras da maior projeção nos círculos oficiais de São Paulo e do país, bem como destacados elementos da indústria, do comércio,

e dos setores artísticos nacionais. Para abrilhantar as festividades, esteve presente a popular Orquestra Tabajara, de Severino Araújo, que aparece no clichê momentos antes de embarcar num avião da Nacional Transportes Aéreos, com destino à capital do café.

O REI VAGABUNDO

(Continuação da página 37)

E a partir daquela mesma noite, foi voz corrente que o rei tinha escolhido certo François de Montcorbier para dirigir a defesa da cidade contra os invasores burgúndios, e para ser, igualmente, o espôso de Catarina. Sua ama, Margarida, contou-lhe tudo, quando a bela jovem ia recolher-se ao leito:

— Como? Casar-me com um homem a quem acabo de conhecer? Certamente é mais uma brincadeira de nosso incrível rei.

Porém, nem bem terminara de falar, quando tornou-se súbitamente pálida: é que se lembrara que a voz do nobre, que lhe falara havia poucas horas, era exatamente igual à do vagabundo, que lhe dirigira algumas frases poucos dias antes, na porta da Igreja onde cantara. Reprimindo a cólera e o orgulho ferido, Catarina levantou-se do leito, e encaminhando-se para a varanda, dali gritou para Villon, que se deixara ficar lá em baixo, no pátio, a lhe fazer uma serenata:

— E' o suficiente. Vá fazer de idiota alguma outra jovem que não eu.

Sua voz era arrogante e cheia de despeito.

— Senhora, sou apenas um tolo, um brinquete nas mãos do rei. Porém meu amor é sincero.

— Sincero? perguntou Catarina, em tom de fundo desprezo. Como pode ser sincero? Talvez possa eu acreditar no homem que vilipendia o mais puro dos soberanos que a França já possuiu, que lhe dirige versos cheios de ódio e ironia, impopularizando-o aos olhos do povo?

— Senhora, lamento que não possa ver Luís XI com os olhos com os quais o vedes.

x x x

Entrementes, o novo oficial comandante de Paris tinha ordenado que todos os seus amigos fôssem imediatamente postos em liberdade. Huquette, porém, lêz a absoluta questão de sair da prisão somente depois de saber que o amante estava em liberdade também. Contudo, ao encaminhando-se para o local em que ambos todas as noites se encontravam, levava ela no peito certo pressentimento de que nunca mais o encontraria.

Já ia abrandando o círculo de fogo ateados pelos burgúndios nos campos de colheita parisienses, quando o Duque de Burgúndia enviou Thibault e mais dois emissários, a fim de pedirem a rendição da cidade. Diante de toda a assembléia de nobres reunida, Thibault insolentemente acusou o rei de não contar com o apoio nem dos nobres, nem do povo,

de se portar, à frente do governo com uma inépcia e uma crueldade dignas de um velho, e, enfim, de conspirar contra a França. Tremendo de indignação, mas cômico de sua fraqueza política e militar, o rei a tudo ouviu, encarregando depois seu oficial comandante, François de Montcorbier, de fazer a réplica. Em frases ditadas pelo patriotismo, Villon disse de toda a sua ira pelo ousado mensageiro, pelo seu duque e pela causa infame que esposavam.

(Cont. no próximo número)

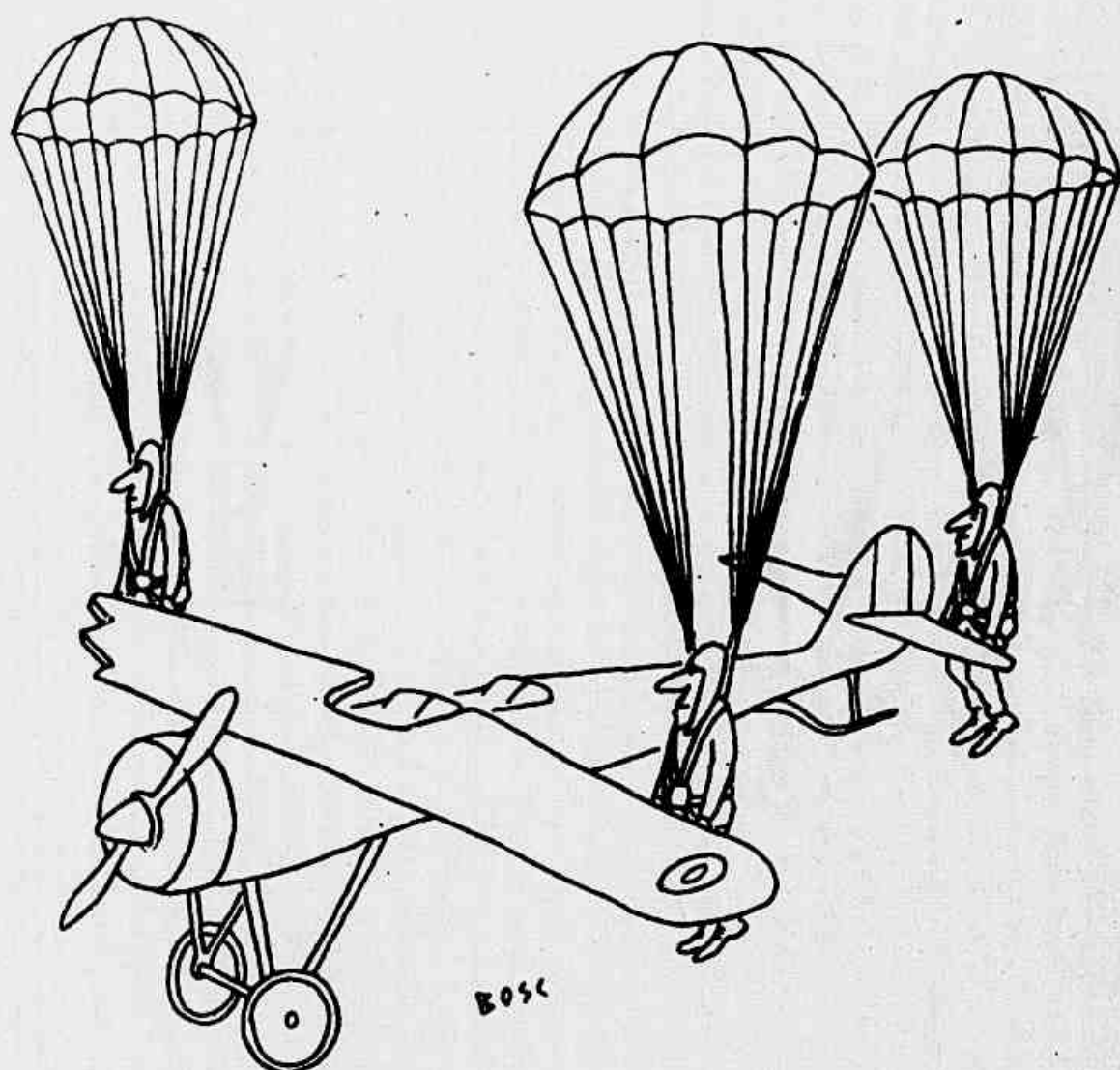
O HOMEM NO ABISMO

(Continuação da página 50)

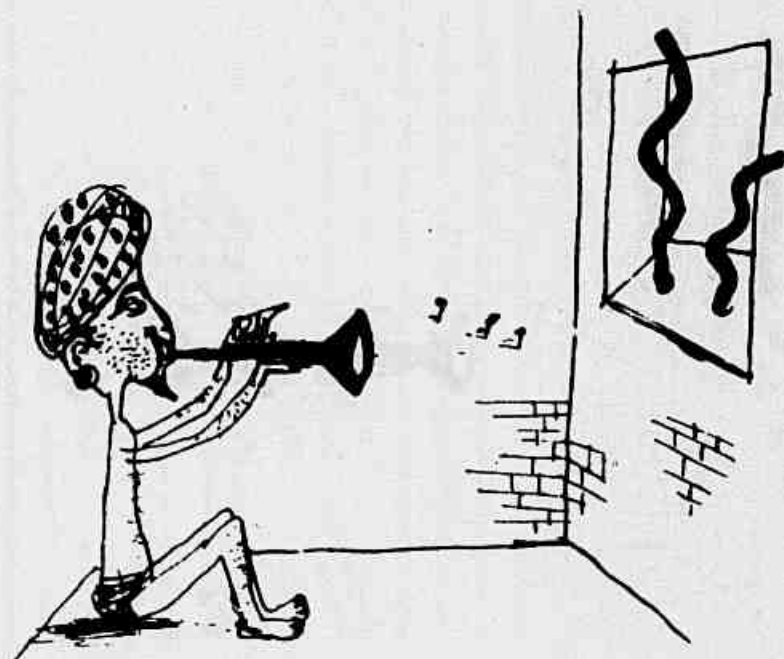
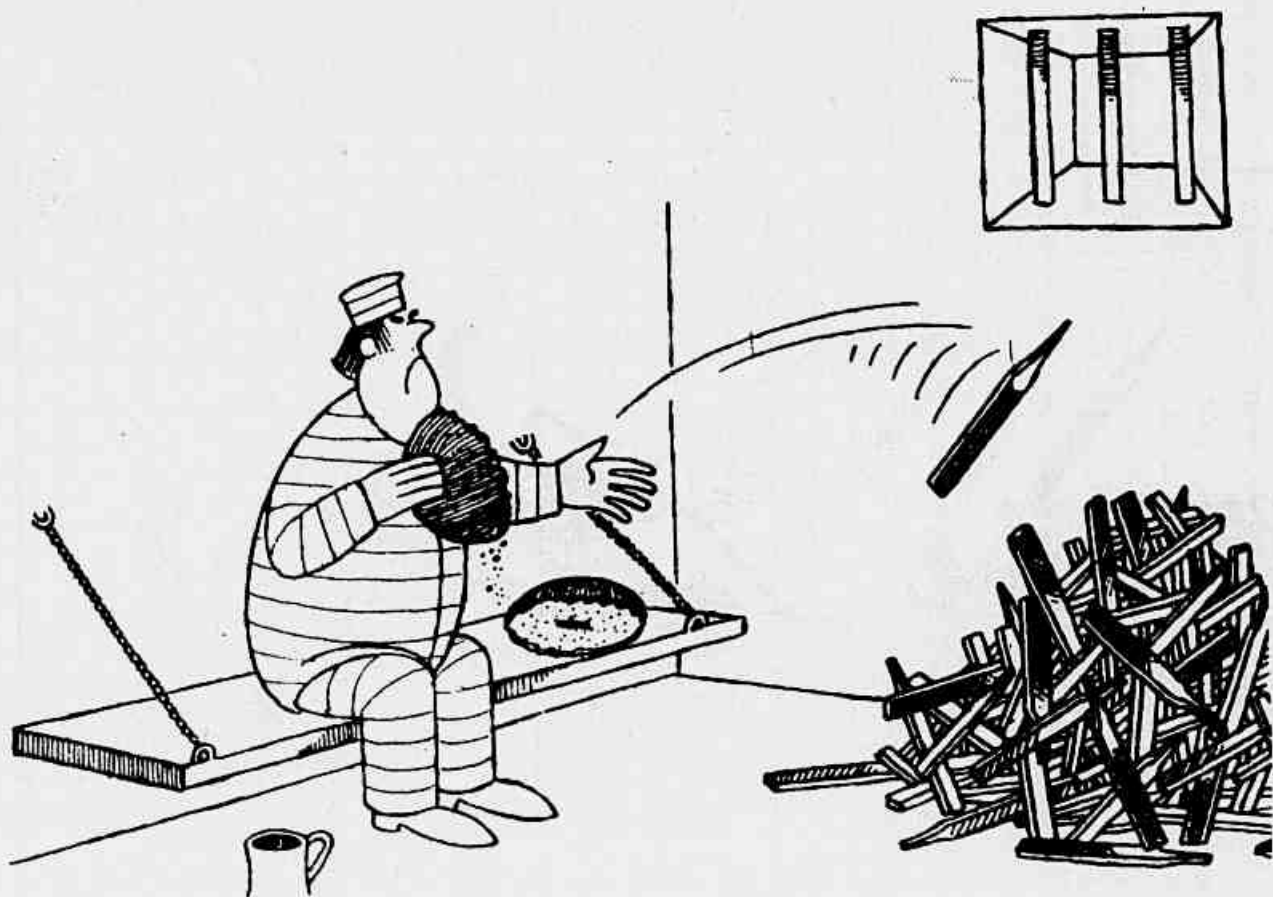
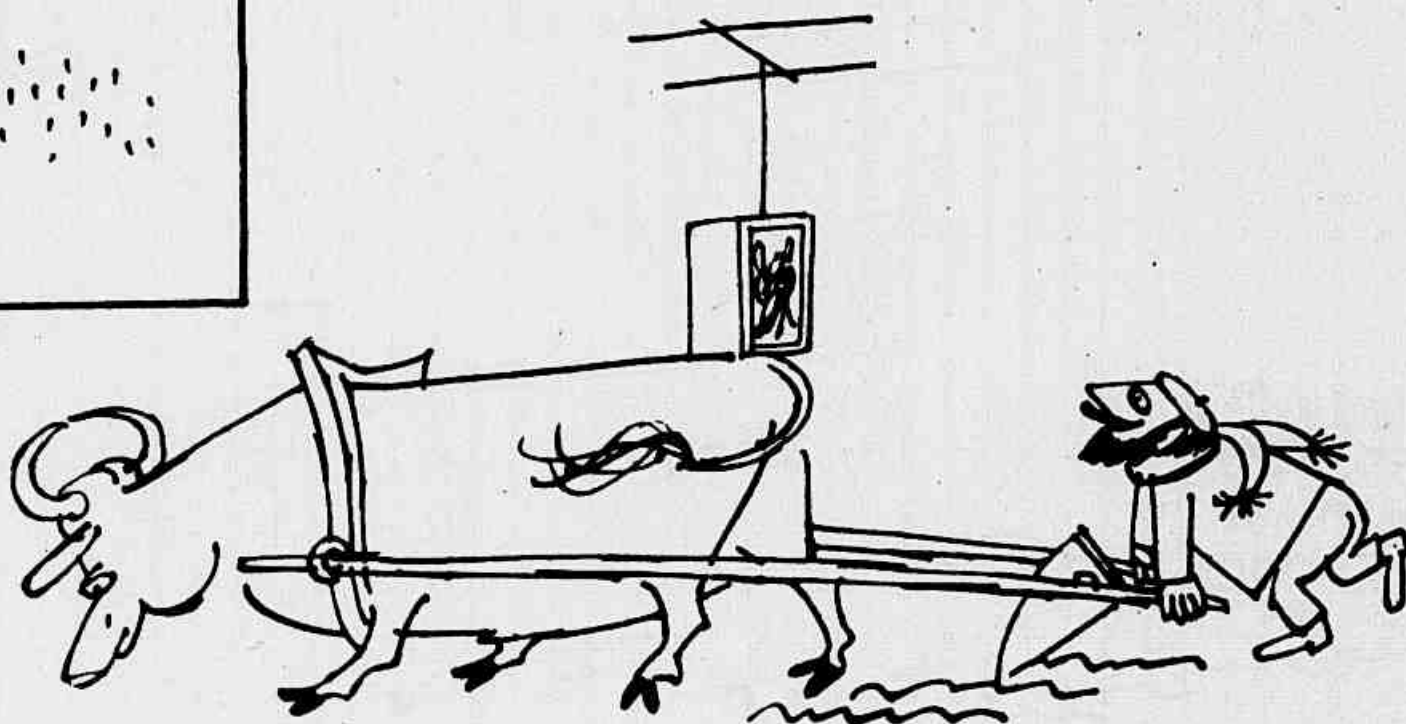
cérebros, robots da consciência social. Mais uma vez ele teve nojo da sua condição humana, sujeita às mutilações de uma sociedade estúpida, que para não parecer ridícula, procurava ver o ridículo em tudo. Mas ele iria encontrar a sua plena liberdade na morte que se aproximava passo a passo, incoercivelmente. Se ele não soubera valorizar a sua vida, iria agora redimir-se, valorizando a morte. Por isso, melhor seria (não porque ainda se acovardasse diante das convenções, pelas quais somente pensamentos tristes seriam condizentes com a sua situação) melhor seria que ele recordasse somente os seus fracassos, as suas frustrações, os seus sofrimentos. Se ele tivesse procurado mais as sensações e tivesse sido menos intelectual, não teria chegado àquelas conclusões, e sim continuaria pensando em Adélia, morreria pensando somente nela.

Mas o seu coração, agora, estava também cheio de ódio: ódio contra toda a humanidade, contra o mundo, contra tudo, contra Deus (mesmo sendo cético ele deu maior consistência à idéia de Deus, para melhor objetivar a sua cólera) contra esse Deus que o havia criado para presenciar, tudo quanto fôsse sordidez. Chegara portanto o momento propício para romper com tudo e afirmar-se na sua verdadeira essência. Que ninguém tivesse conhecimento da sua revolta lhe era indiferente. Isso não seria necessário, para afirmar-se como verdadeira. Era até melhor que assim o fôsse. Assim não teria ela a tonalidade do despeito, ninguém poderia dizer fôsse ela o produto duma frustração.

A resistência dos braços já ia diminuindo gradativamente. Era chegado o momento fatal de ser tragado pelo abismo. Os olhos do homem já não enxergavam claramente a luz embaçada das lâmpadas da cidade. Os seus músculos não queriam mais obedecer à sua vontade. Ele tinha a impressão de que a força da gravidade aumentara. Num derradeiro esforço para agarrar-se à vida, ele cerrou os dentes e concentrou todas as suas energias, que ainda lhe restavam para elevar o queixo à altura da viga de ferro, a fim de com isso diminuir um pouco as dores dos braços. O esforço foi tão desesperado, que estes não suportando mais, se desprenderam. O homem deu um grande grito e caiu.



O RISO DOS OUTROS



PROLONGANDO A VIDA COM O RIM ARTIFICIAL

ASSIM FUNCIONA O NOVO APARELHO ★ O PRIMEIRO CASO ATENDIDO VEM APRESENTANDO MELHORAS SENSÍVEIS ★ JÁ EXISTE OUTRO EM S. PAULO, IDEADO POR UM MÉDICO PATRÍCIO



O chefe da equipe que estagiou em Boston, de onde foi importado o aparelho, dr. Theobaldo Vianna recomenda a sua utilização só em casos especialíssimos.

UTILIZADO há mais de 10 anos nos principais centros médicos dos Estados Unidos, só agora pode o Brasil contar com um eficiente aparelho que executando as mesmas funções de um rim natural, substitui, em casos de gravidade, e com êxito total, aquela importante víscera do organismo humano. Foi êle instalado nos Serviços Clínicos do Hospital dos Servidores do Estado, sob a responsabilidade de uma equipe de médicos patrícios, chefiada pelo dr. Theobaldo Vianna, que juntamente com o dr. Alberto Gentile, chefe do Serviço de Urologia daquele nosocômio, estagiou no Laboratório Córdio-Renal do Hospital de Boston, de onde foi importado o rim artificial rotativo.

COMO FUNCIONA O RIM ARTIFICIAL

Resumidamente, pode assim ser compreendido o funcionamento do aparelho, que na sua aparência externa assemelha-se a uma dessas novas máquinas de lavar roupa: O sangue do paciente, retirado através de uma artéria, é injetado no rim artificial por meio de uma tubulação plástica, e ali misturado a um banho especialmente preparado para realizar as mesmas transformações químicas do órgão humano, e novamente devolvido ao paciente, completamente livre de toxinas e impurezas.

Técnicamente, pode ser melhor interpretado

como segue: O sangue é colhido na artéria do braço, atravessa um medidor de fluxo (em velocidade) sanguíneo para adaptá-lo à pressão do doente. Transita em 104 jardas de tubos, em fita de celofane disposto em tórno de um cilindro giratório e mergulhado, em uma bacia contendo 100 litros de líquido de diálise (fase de depuração do sangue) após o que o mesmo sangue retorna ao paciente, por uma veia, impulsionado por bomba propulsora, depois de passar por um seletor de ar e coágulos.

TRABALHO DE EQUIPE

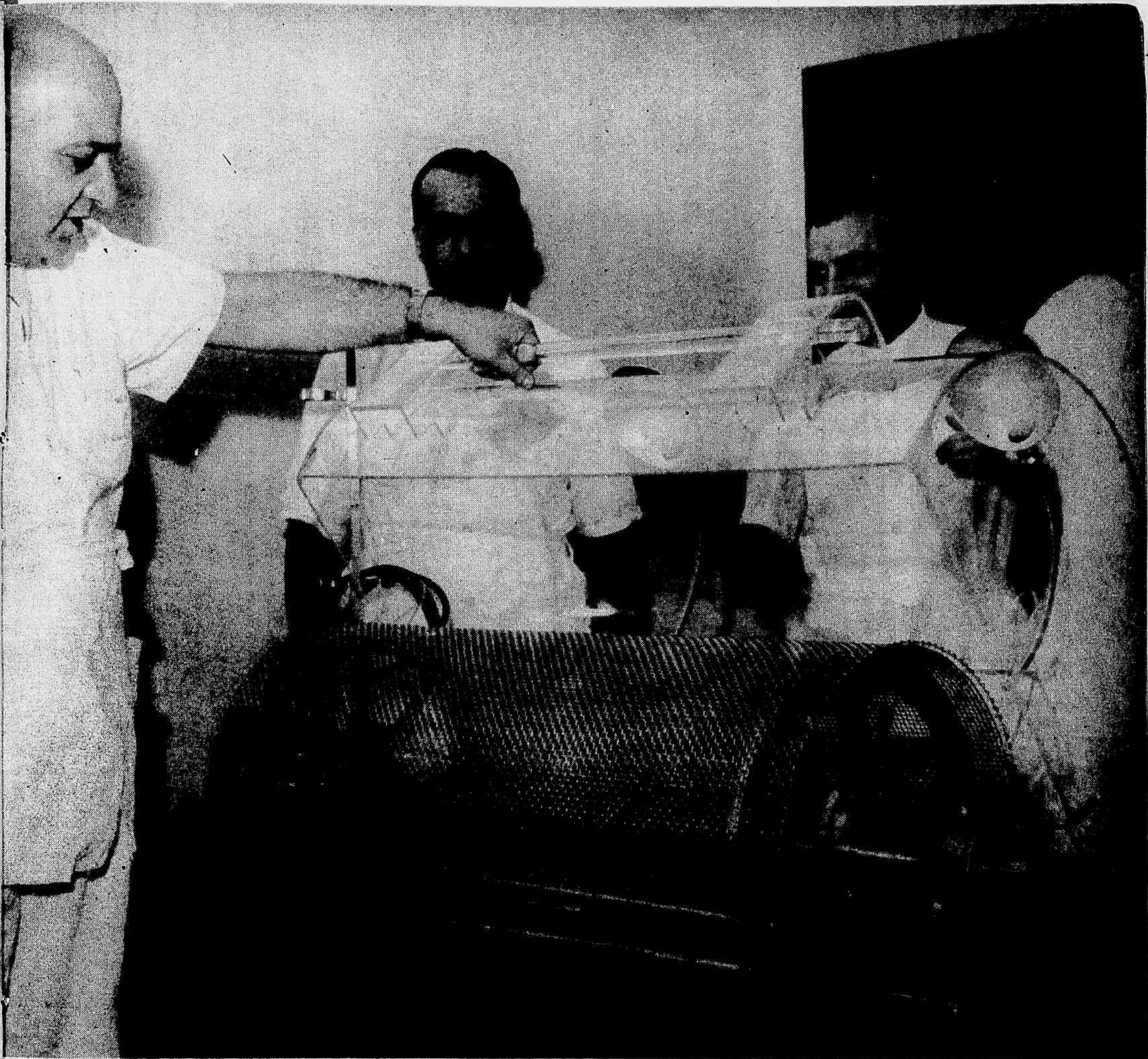
Faz questão o dr. Theobaldo Vianna de sa-

liantar que é necessária toda uma equipe de médicos bem treinada para que possa o novo aparelho ser utilizado com êxito. Foi assim o caso da primeira paciente tratada naquele hospital, jovem de 21 anos, vítima de uma insuficiência renal aguda e cujos dois rins deixaram de funcionar pelo espaço de 20 dias até a sua medicação. Quando começavam a se manifestar na paciente indícios de distúrbios mentais, felizmente já o aparelho estava em condições de utilização.

A aplicação durou 3 horas e transcorreu normalmente, entrando em função toda a equipe especializada necessária à complementação do



A primeira paciente, jovem humilde, vítima de uma insuficiência renal aguda. Recuperada em apenas 3 horas de aplicação da nova maravilha — o rim artificial.



O rim artificial e parte da equipe médica que o utilizaram pela primeira vez e com bom êxito: drs. Alberto Gentile, Theobaldo Vianna, Jayme Landmann e Paulo Aranha. O aparelho recolhe o sangue do paciente e o devolve, depois de livrá-lo das toxinas e impurezas. Custo: Cr\$ 1.000.000,00.

trabalho, além dos médicos citados: os drs. Jayme Landmann (do setor de rins e eletrolíticos), Pedro Abdala (Cirurgia), Paulo Aranha (Laboratorista), Clodomir Vasconcellos (Cardiologista), José Veigolino (médico-residente) e a enfermeira Cândida Sampaio.

VAI PASSANDO BEM NO 6º DIA

A paciente, que é de condição humilde e reside no subúrbio de Parada de Lucas, no sexto dia da aplicação do rim artificial, quando a reportagem visitava o Hospital, apresentava melhoras sensíveis, com fortes indícios que autorizavam a considerá-la recuperada dentro em breve. A taxa de uréia, por exemplo, antes da aplicação que era da ordem de 460 mm% baixara naquele dia 10 mm%, ainda muito acima do normal (40 mm%), mas mesmo assim, im-

possível de ser obtida sem o recurso dessa nova maravilha da ciência médica que é o rim artificial rotativo.

SÓ EM CASOS ESPECIALÍSSIMOS

Como não podia deixar de acontecer, o novo aparelho que constitui evidentemente mais um recurso para prolongar a vida, vem despertando interesse em todo o país, sendo elevado o número de solicitações de doentes que desejam ser submetidos ao tratamento de recuperação. Explica, todavia, o dr. Gentile que o rim artificial só é mesmo utilizado em casos especialíssimos de insuficiência renal aguda, e que a maioria dos pedidos provém de enfermos que não sofrem de moléstias que recomendem a intervenção.

Pois há mesmo casos em que até a própria remoção do paciente para o Hospital não é recomendável, porque iria agravar irremediável o seu estado.

EM S. PAULO JÁ EXISTE OUTRO, FABRICADO POR UM MÉDICO PATRÍCIO

Não é esse aparelho importado (cujo custo é de 1 milhão de cruzeiros) o primeiro a funcionar no país, pois em S. Paulo, um outro rim artificial — embora pequeno e rudimentar — fôra idealizado e construído por um médico patrício — dr. Tito Cavalcanti — no Hospital das Clínicas e já vem prestando excelentes trabalhos, muito embora seja de manejo manual e de capacidade menor.

ÓLEO DE CEDRO O MELHOR PARA OS MÓVEIS OFERECE

Nos sorteios que se realizarão na Rádio Vera Cruz às 9½ da noite dos dias 22/3 — 28/6 — 27/9 e 27/12/56:

Cr\$ 10.000.00 para os consumidores e o correspondente em óleo de Cedro para os comerciantes que venderam o produto.

Para tomar parte no concurso dirija a carta ao: «Concurso do Óleo de Cedro, Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio». Dentro do envelope deverá ter: Nome e endereço de quem remete. Endereço do local em que foi comprado o «Óleo de Cedro» e um rótulo do óleo de Cedro.

As cartas do interior tomam parte em absoluta igualdade de condições com as daqui do Rio. Todas as cartas recebidas até a data do concurso são colocadas no auditório, a vista de todos os presentes que podem, inclusive, colocar suas cartas na hora do sorteio, então o cego Protásio Assunção, da Aliança dos Cegos, vai tirando as premiadas cujos remetentes são imediatamente proclamados.

O resultado do sorteio, além de irradiado, será publicado em vários jornais e revistas, ficando também à disposição dos interessados na Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio.

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, é o substituir. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 150,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME Nº
RUA
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

Academia de Acordeon MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS,
Nº 7-A - 12º ANDAR
TELS.: 42-4615 e 22-5443
São Paulo — Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa



"REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 15 de julho de 1906

CARTAS DE UM TABAREO

● Compadre :

Envergonhadíssimo com o que succedeu em Matto Grosso, não sei, meu querido compadre, como escrever para dar a minha impressão pessoal sobre os horrorosos acontecimentos que por alli vão occorrendo. Sinto-me sem forças para te dizer do pezar, da vergonha, do nojo que causou a noticia do covarde assassinio do governador do longinquo Estado. Vencido e eliminado! Para onde nos querem conduzir os ambiciosos que tomaram de assalto o poder nesta terra?! Em uma das anteriores cartas, notei que na revolução mattogrossense não havia em jogo um principio, uma idéa: ambição de mando e nada mais, eis no que se cifrava a revolução, que parece terminada com o desaparecimento summario e desleal de seu principal opponente. Qual será o Estado que seguirá Matto Grosso? Esperemos que para nossa eterna vergonha não tardará que surja outra revolução por ahi em algum ponto em que seja preciso agitar a politica á feição dos dominadores do dia!

Muito se tem fallado na falta de hotéis para hospedar os enviados ao Congresso Pan Americano, verberando-se acrimoniosamente os que tem capitães e não os fazem embarcar em empresa que se propuzesse montar um estabelecimento capaz, no genero, de competir com os melhores do mundo. Porque não mandam vir um hotel da America do Norte? Isso é impossivel, dir-me-ão, e eu não faço favor em concordar, da mesma forma que hão de concordar commigo, em que não pode haver tentativa proficua em uma terra em que se manda vir mobílias do estrangeiro, quando possuímos tudo para fabrical-as, e fabricamol-as melhores que lá: em que o Estado é um dos maiores concorrentes do commercio e da industria e...

adeus.

Teu BERMUDEZ.

AS FORTALEZAS DA LAGE E S. JOÃO

Effectuaram-se a 28 do mez proximo findo duas inaugurações de alta importancia para a segurança do nosso porto e que representam verdadeiramente a chave da bahia de Guanabara. Foram inauguradas a fortaleza da Lage e uma bateria mascarada na fortaleza de S. João, deitando para o canal. A fortaleza da Lage é construida segundo o systema de Imbuhy e, como uma das mais importantes fortificações do mundo, dispõe de dous canhões Krupp 24, em cupulas giratorias couraçadas, de um poder extraordinario; dous canhões 15, torres blindadas e dous de 7,5 systema eclipse, para menor alcance. Na de S. João foi inaugurada possante bateria de canhões Krupp e Armstrong. Apenas a essas inaugurações assistiram o chefe do Estado e auctoridades do mar e terra, que se transportaram no hiate «Silva Jardim» sendo-lhes offerecido lauto almoço na fortaleza da Lage. Todas as fortalezas e navios de guerra salvaram ao inaugurar-se a Lage.

◆ NOVA PATTI?

Alguns jornaes italianos dizem que Rodolpho Aroncor, famoso manager americano, pretende haver descoberto uma nova Patti, na pessoa de uma jovem rapariga de 16 annos pertencente a uma familia pauperrima de Nova York. Aroncor achava-se um dia em seu gabinete de trabalho quando lhe appareceu um homem solicitando, concedesse á sua filha a honra de uma audicção. O empresario accedeu ao pedido, e ouvindo a pequena, que se chama Vivienne Fidelee, cantar a bella e encantadora Ave Maria de Gounod, com tal expressão, pureza de voz e accentuação, ficou maravilhado e convencido de que tudo aquillo era devido exclusivamente a dotes naturaes, pois a jovem cantora não tinha a minima noção de musica. Assim, querendo aproveitar os dotes da jovem, resolveu mandal-a para Paris, aos cuidados do tenor Jan de Reszké, que prometteu interessar-se pela educação artistica da futura cantora.

◆ CONTRA A GAGUEIRA

Não ha nada mais incommodo que a palestra de um gago. Quasi sempre se cura a gagueira cantando, mas ha outras receitas practicas. Uma dellas é esta: fazer o gago recitar depressa, uma porção de vezes:

Num ninho de gatanhufos
Ha treze gatanhufeiros
Tão gatanhufitizados
Que a gata fungou os netos.

Ha ainda outra, de mais vantagem, porque deve ser dita de um folego só: Si o bispo de Constantinopla quisesse desconstantinopolisar-se, qual seria o desconstantinopolisador que o desconstantinopolisaria? Com qualquer destes remedios, ou o gago fica completamente curado, ou fica ainda mais gago que d'antes.

DOIS AMIGOS

Fernando LOBO

● E quando escrevo noite, no alto desta página, lembro-me dela e o quanto tenho dentro dela caminhado. E as mãos vazias, e o coração vazio, e os olhos apenas repletos de uma paisagem que acorda cedo quando é tarde para todos os boêmios. E procuro lembranças, e cato o caderno de endereços, e quanta gente morta, e quanta gente distante! E vou seguindo como a letra do samba, "tomando um rumo que me queiram dar, mas sem saber das estradas, nem do tempo". Encontro pessoas, vejo garçons: há uma gente que passa, um homem de pasta de olhar tão triste, os olhos presos nos passos que dá. Para ele não houve a noite certamente — imagino eu — a mulher deve ter reclamado o tempo inteiro por ter ele esquecido o remédio do menino doente. Será por isso que caminha assim tão triste? E leva uma pasta que tem papéis, papéis, documentos, estampilhas, selos, mas dinheiro nenhum. E o remédio? Está custando uma fortuna! Tudo custa uma fortuna, até a noite que já tem seus donos, seus homens que na cada impingem mentiras, e batem carteiras sorridentemente. Não! Há de existir uma caminhada mais certa. Os amigos... será que faturamos alguns? Vejo um automóvel preto. Tem olhos de gente, dois olhos grandes e acesos. Deve ser um bom amigo, pois nos leva a passeio, nos dá vento no rosto, nos acompanha fiel e servilmente e sobretudo não fala, não discute, não quer salvar o Brasil, não sabe o que seja a UDN ou o PSD. Bom sujeito. Melhor talvez que aquele homem de pasta, ou aquele senador falador bonito. Automóvel é bom amigo, o amigo certo que nos espera, que só nos trai quando a doença de suas entranhas é grande, ou quando seus sapatos redondos estouram de tanto caminhar. Sapato é outro negócio muito com jeito de amigo. Eles nos leva nos ampara, nos segue junto e rente aos pés, nas horas em que os da noite já roubaram tudo e o amigo automóvel não nos recebe, pois não temos mais para o preço de suas bandeiradas.

FRANCESA À VISTA



«La Crémallière» vai de vento em pópa. Noites repletas, a comida gostosa, a presença gostosa do «Trio Irakitã» e a figura de dono — Louis — para dar equilíbrio a casa. Agora ele nos conta que em Paris uma moça está fazendo um sucesso dos diabos. Nos conta e nos mostra os recortes e fotografias da francesinha. O nome dela Rose Avril — que bonito — e em dias de agosto ela cantará para nós dentro daquela casa, as canções francesas que ela repele em terras de Paris. E na página está a fotografia que não me deixa mentir.

SILVEIRA VAI SEGUINDO

Sómente sucesso, mas sucesso mesmo, tem conseguido Silveira Sampaio no teatro. Côco de boa formação, acaba de voltar de São Paulo, onde jogou a bola na Lagoa. (Depois os espoletas dizem que só quem sabe de "show" é Carlos Machado) Vai seguir para a Bahia, depois vai descansar o corpo, pois "ninguém é de ferro" e em setembro dará mais uma vaia nos falsos donos reis, reisinhos e palhaços da noite, levando todo o seu elenco para o teatro de "Champs Elysées". E isso fica em Paris. E escrevi PARIS!



LUCIO & PLAZA

◆ Uma casa nasce certa, muitas vezes com certas pessoas e morre errada como faleceu o «Vogue». Outras nem chegam a tomar rumo: surgem e de saída se despençam definitivamente. O «bar» do «Plaza» teve um destino inicial muito ruim. Sabe-se lá se era o péso daquela decoração, sabe-se lá se foi o tempo que era ruim. Ninguém sabe. O que se sabe é que aquele bar de bom uísque passou por mãos variadas e acabou mortinho. Agora ele ressurgiu. O bom gosto de José Augusto que faz arrancar o que era florão da parede, entregou a noite do Rio um dos melhores e mais agradáveis lugares para matar a noite. Lúcio Alves presente — um novo Lúcio Alves — cantando nas mesas e cantando bonito de mais. Vale ver a casa e o cantor e provar a bebida que é servida e que o dono da casa prova também, para que não digam amanhã que ela é feita na banheira, como em certas casas metidas a grã-finas.

ROTEIRINHO

Fechou o «Vendôme» com dez dias de idade ★ No «Cabeça Chata» bossas novas na culinária nortista ★ Franguinho bom, aquele do «Cervantes» ★ Mara Abrantes sendo testada para fazer o «Orfeu da Conceição» do nosso Vinicius de Moraes.

O HOMEM NO ABISMO

Conto de ORLANDO LEMOS

Desenho de MARIA TEREZA

Lá em baixo, era o precipício enorme com a bocarra de um monstro sem entranhas. O homem estava suspenso apenas por uma viga de ferro prestes a se desprender da rocha. Um solavanco mais forte, e ela se desprenderia, arremessando-o na perambreira, para esmigalhar o seu corpo, de encontro a pedreira, pensava ele. Ele olhou para baixo, a fim de certificar-se mais uma vez da sua situação irremediável. Era impossível uma saída para aquele impasse, cuja única e triste solução era mesmo a fuga para a morte. Dali a uns cinquenta metros, mais ou menos, o mar enfurecido se arremessava contra as pedras estendidas ao longo da praia. Os rugidos das vagas, que se quebravam lá em baixo, chegavam-lhe aos ouvidos, como que centuplicados, como se fôssem os tambores da morte, prenunciando-lhe o fim irremediável. Já não havia salvação para a sua vida, para a sua triste e frágil vida, atirada assim contra os elementos, para o aniquilamento do nada.

Ele já experimentava uma sensação dolorosa nos seus músculos distensos com um esforço prolongado e intenso. Por vezes, sentia vontade de gritar, mas a sua garganta parecia obstruída por uma gosma pegajosa que lhe interceptasse a emissão da voz. Mas pouco adiantaria gritar, pois ninguém o ouviria naquele recanto desolado e deserto. Mesmo se o conseguisse, os seus gritos se perderiam inúteis no grande silêncio da noite. A cidade estava muito longe, lá onde não chegariam os seus gritos de desespero.

As suas pernas ele as sentia inanimadas: por mais que fizesse por elevá-las à altura da cabeça, a ver se com isso alcançaria a outra barra de ferro que ficava mais acima daquela em que se sustinha, elas não queriam obedecer-lhe, e sim caíam inertes, pendentes, como as pernas de uma boneca velha de pano. Também nelas não sentia dor alguma, assim como em toda a parte inferior do corpo, ainda que as sentisse quebradas e cheias de escoriações internas. Apenas os braços, a suportarem toda a carga do corpo, lhe doíam muito. Quando um estava por demais cansado, a ponto de ficar dormente, ele o revezava pelo outro. E por vezes, nessa manobra (que no seu subconsciente já reputava inútil e sem finalidade) nessa manobra em querer permanecer suspenso a todo custo, evitando assim despencar-se no despenhadeiro, usava ele do queixo, apoiando-o em cima da viga, para minorar a fadiga dos braços. Mas estes já começavam a dar sinais de cansaço, já começavam o perder o vigor primitivo, em consequência da distensão continuada dos músculos.

De quando em vez, o homem virava a cabeça, de lado, e olhava a cidade que mais além se estendia incomensurável, a se perder de vista. Ele via os postes de iluminação clareando as avenidas e as ruas, onde, de certo o povo se aglomerava a procura de divertimento, na ilusão passageira de esperanças multiplicadas. Antes, quando por lá andara despreocupado, nunca havia pensado significasse tanto a sua vida, como quando ali naquele momento, em que sentia antecipadamente, no corpo, a frialdade da morte. A festa policrômica dos anúncios luminosos a piscarem continuamente, trazia-lhe à alma como que a nostalgia de uma ventura extinta. E é interessante notar: quando ele pertencera ao mundo dos vivos (pois já se considerava plenamente morto) se havia julgado tão pequeno no meio daquele turbilhão de vida a agitar-se continuamente ao seu redor, que mal se havia apercebido da sua existência obscura, anulada pela comparação da sua pobreza, com a ventura dos que eram ricos. Teria sido necessário achar-se ele numa situação daquelas, para encontrar-se a si próprio e dar-se o devido valor, que o convencionalismo das sociedades hipócritas lhe haviam negado e a sua covardia congênita acabara por aceitar. Somente agora ele via claro o quanto havia perdido em divagações estéreis, procurando valorizar os seus atos pela medida convencional daqueles que o cercavam. Dali a pouco não seria nada, mas ele via, mesmo na impotência da sua indignação estéril, a necessidade essencial de si mesmo para sentir a vida.

E no entanto ele se encontrava ali, agarrado àquela barra de ferro, que o sustinha por cima do abismo ameaçador e terrível. Os seus braços já começavam a sangrar, em consequência do atrito da carne contra o ferro. O homem sabia que dali a pouco, no máximo quinze minutos (mesmo tendo consciência do perigo iminente, ainda assim podia calcular o tempo de resistência que seus braços ofereciam) — ele sabia que se despencaria no espaço, para se projetar contra as pedras lá de baixo, de onde lhe chegava o barulho da ressaca.

O vento soprava forte, tão forte a ponto de provocar-lhe no corpo uma oscilação, como se fôsse o pêndulo de um relógio, e onde os seus braços funcionassem como ponto de apoio. As dores então recrudesciam, vinham-lhe com maior intensidade, provocando uma tensão mais forte nos músculos, para suportar a impetuosidade do vento. De uma coisa ele estava certo: a sua morte era inevitável; não havia apelação para que ela não se consumasse. E ainda que não morresse da queda (o

que seria um verdadeiro milagre — e ele riu um riso triste, quando pensou em milagre) o seu pobre corpo não resistiria às fraturas de que sofria naquele momento: quando naqueles movimentos pendulares acontecia de as suas pernas tocarem nas anfractuosidades da rocha em que estava engastada a viga de ferro, ele sentia o chocar dos ossos quebrados no ranger provocado pela fricção de uns contra os outros.

Como soubesse do seu caso irremediável, ele também não sentia medo algum da morte que se aproximava. Embora não pudesse olhar-se num espelho, sentia o rosto empalidecer, com o sangue a fugir-lhe da cabeça. Um frio muito grande começava a percorrer-lhe o corpo, que a violência do vento continuava a balançar no espaço. Agora, que ele havia se inteirado da resistência da base que suportava a viga, as suas apreensões haviam diminuído. Pois o que ele temia, antes de tudo, era o desprendimento dela da grande massa de pedra, onde se achava encravada. Dali a poucos instantes, ele se arrojaria no espaço para uma viagem desconhecida ou para o aniquilamento. Mas a morte era para ele completamente indiferente, quando não lhe restava mais nenhuma esperança de vida. E no entanto, ele estava mais satisfeito agora, porque a solidão do apoio permitia movimentos mais livres, sem o receio de despencar-se. Sentia-se como o choier que não confia na habilidade de um outro volante, em situações arriscadas, reservando-se, no caso, ao menos a chance de ter uma morte procurada. Por isso que ele emprestava a barra de ferro a faculdade de movimentar-se como um ser animado de vida, que pudesse reservar-lhe sempre uma surpresa desagradável.

Se ele possuísse um revólver no bolso, pensava, já teria dado um tiro na cabeça e acabado de uma vez com aqueles sofrimentos. Verificou com tristeza não trazer consigo nenhuma arma, que lhe pudesse ser útil numa situação daquelas. Mesmo a sua liberdade estava restrita, porquanto não podia nem mesmo escolher a sua morte, limitando-se a ficar entre duas alternativas: ou afrouxar os braços, deixando-se cair no precipício, enquanto lhe restavam forças; ou prolongar o sofrimento até o momento em que lhe faltando estas, ele se despencasse pela ribanceira abaixo, para o fim que o guardava, bem próximo.

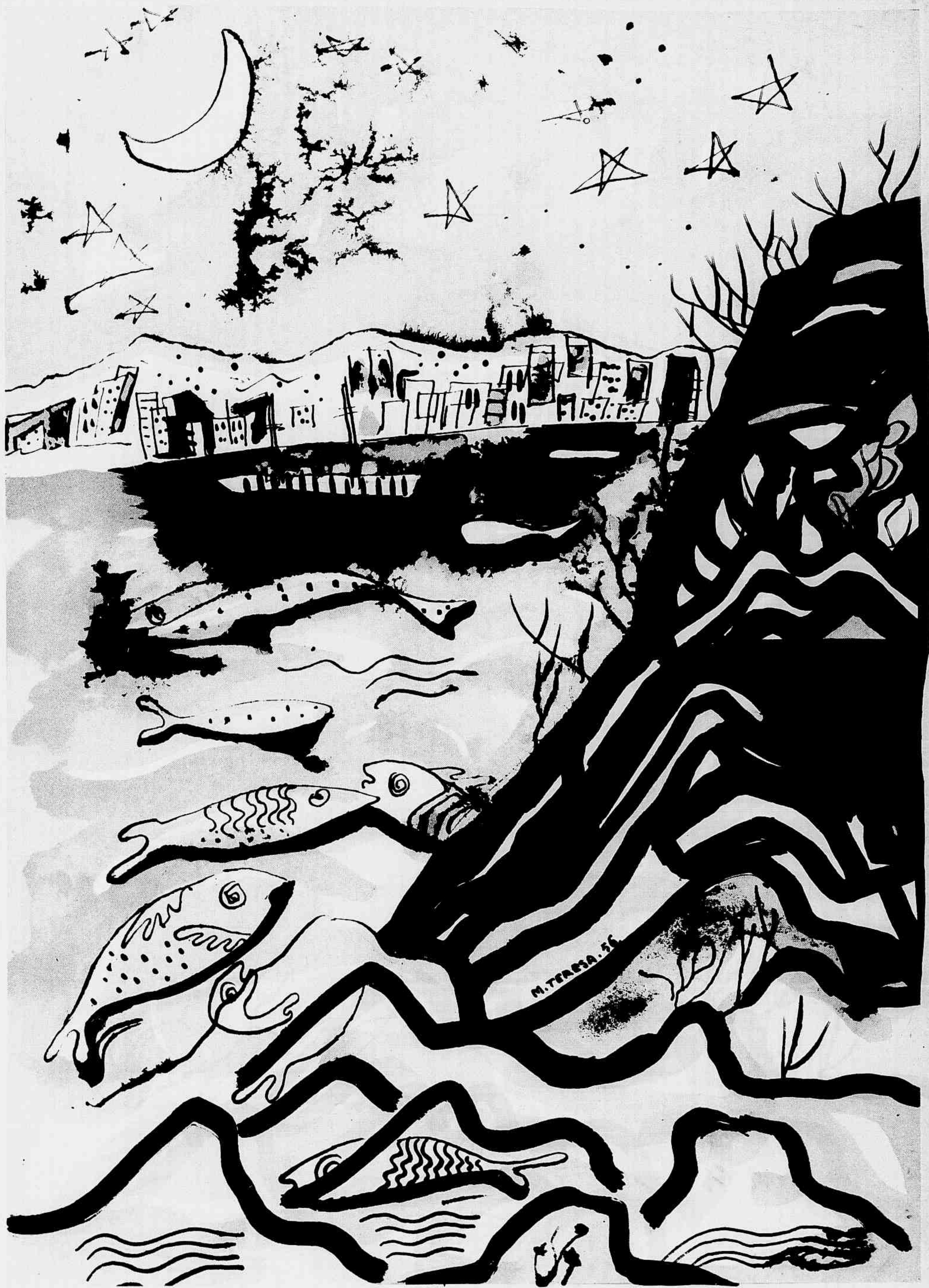
Logo no princípio (no momento em que fora atirado ali por aquela caminhão dirigido em grande velocidade) sentira-se mal só em pensar nas mutilações que o seu corpo iria sofrer ao chocar-se contra as pedras. Esse pensamento o martirizava muito mais do que a idéia da morte ligada àquele evento. Ele se ligurava aparecendo nos jornais completamente deformado, inspirando compaixão nos leitores, arrancando-lhes lamentações de um fingimento mal dissimulado. Pois na verdade, aqueles que o lamentassem, o fariam (pobres coitados, nem ao menos se dariam conta) não porque seus sentimentos fôssem verdadeiros, mas sim para dar-se a ilusão de uma ventura fictícia, na comparação das suas vidas seguras, isentas daquelas vicissitudes.

Mas agora ele não sofria mais daqueles temores, já havia superado aquele medo, pois este não passava senão do aprêço demasiado ao julgamento dos outros. E mesmo que assim não fôsse (porque o homem não pode se libertar tão facilmente daquilo de que está impregnado desde pequeno) a morte iria libertá-lo daquela cadeia de sensações estúpidas, daquele pesadelo de olhos acordados.

Mais uma vez ele olhou em direção da cidade, prenhe de vida, na multiplicidade de sensações desconstruídas. Os homens, que haviam trabalhado durante o dia, iriam agora refazer-se das fadigas do corpo, ter as suas compensações nos prazeres que a noite sempre lhes reserva, nos abraços das mulheres compreensivas. Somente ele não teria mais direito àqueles prazeres.

Foi quando ele se lembrou de Adélia. E ele estava só, completamente só. Ninguém era testemunha do seu sofrimento, ao menos para trazer-lhe o conforto de uma palavra amiga, que nessas ocasiões têm maior valor do que uma carrada de ouro. E no entanto, ao lembrar-se daquela em que a sua alma de cético começara por acreditar um pouco, ele adquiriu um novo alento, sentiu-se um pouco recompensado das suas vicissitudes. «Quando olhares aquela estrela, lembra-te de mim». Instintivamente ele olhou para cima, a ver se encontrava a estrela, que lhe daria, pensava, um poder de evocação mais forte. Lá estava ela tremeluzindo impassível, indiferente à sua miséria de pária. E ele evocou todos os momentos felizes passados ao lado daquela mulher: dos passeios pelo parque, onde havia sempre um cheiro bom de terra molhada, superexcitando as sensações adormecidas; dos banhos de mar, com o vento do largo a entrar-lhes pelas narinas e a revolver-lhes os cabelos; as emoções fortes das corridas de cavalo, etc. E tudo com ela. Sentia-se romântico, e se penitenciava disso. Tanto mais porque aqueles pensamentos não eram adequados à sua situação presente. Os seus amigos, literatos de escolas específicas, rir-se-iam dele, acaso estivessem ali e pudessem ler nos seus pensamentos. Era verdadeiramente uma incongruência, que aqueles homenzinhos não poderiam perdoar, por causa da unilateralidade dos seus

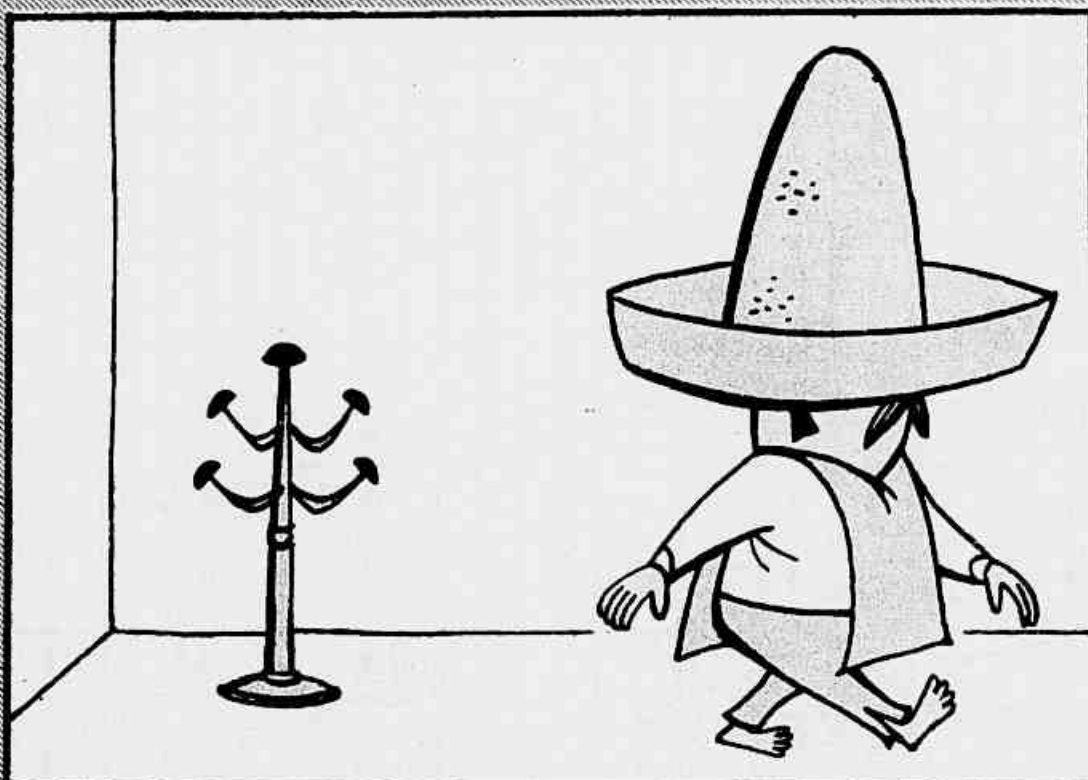
(Continua na página 44)

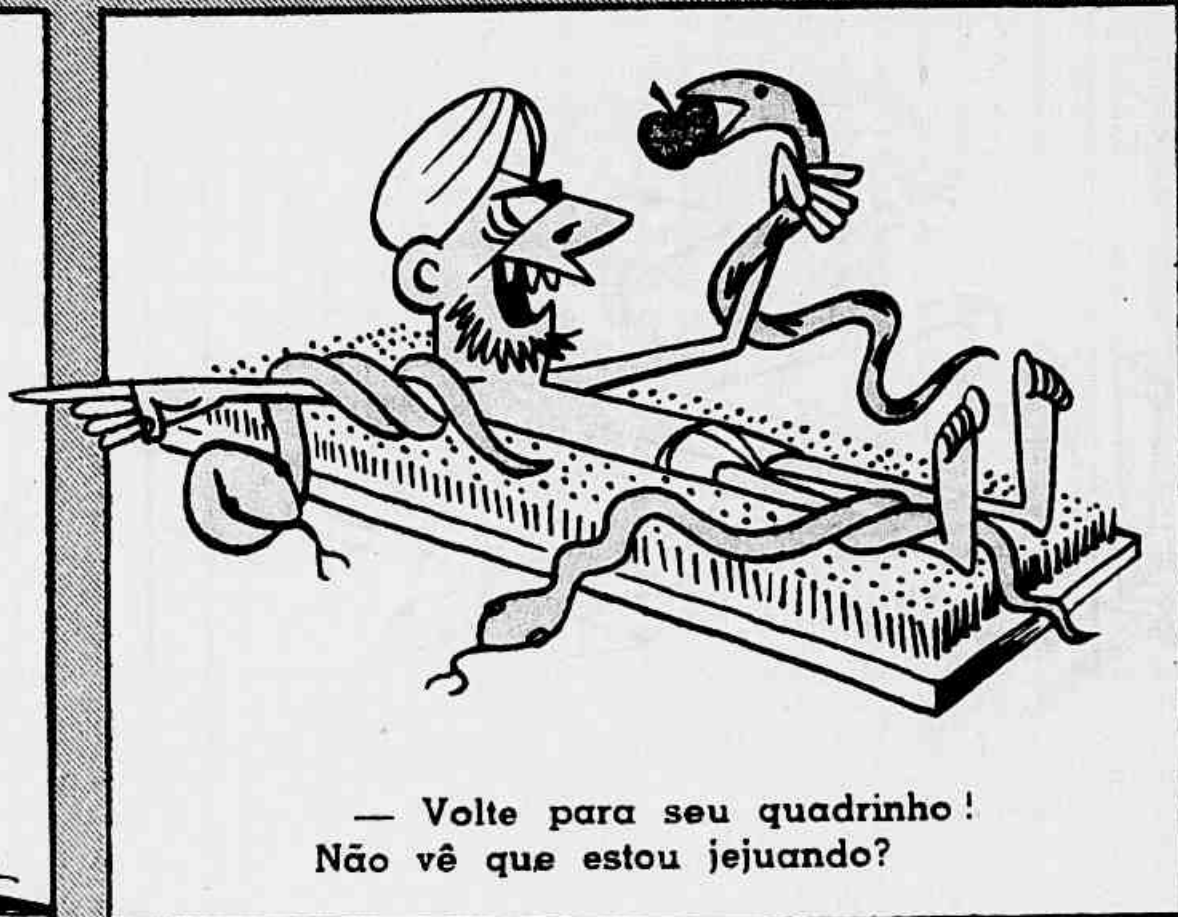
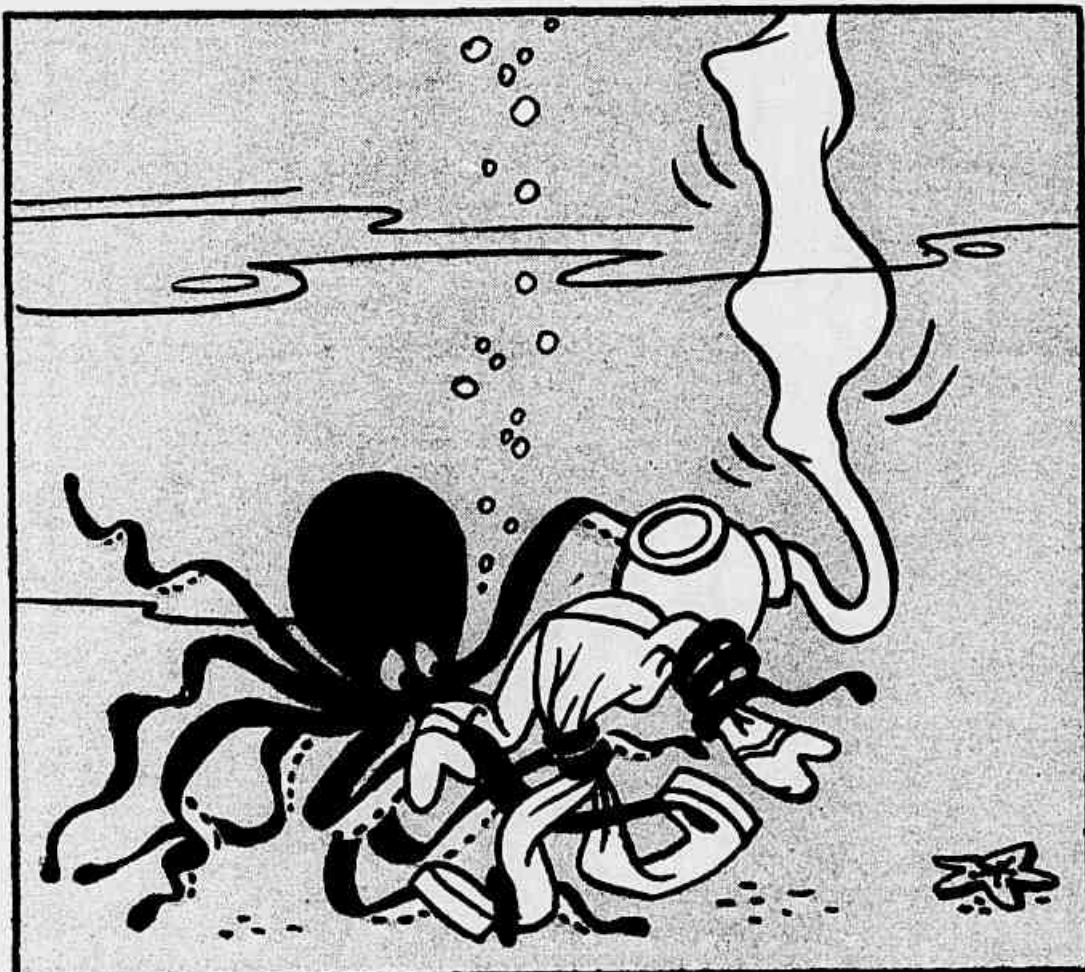
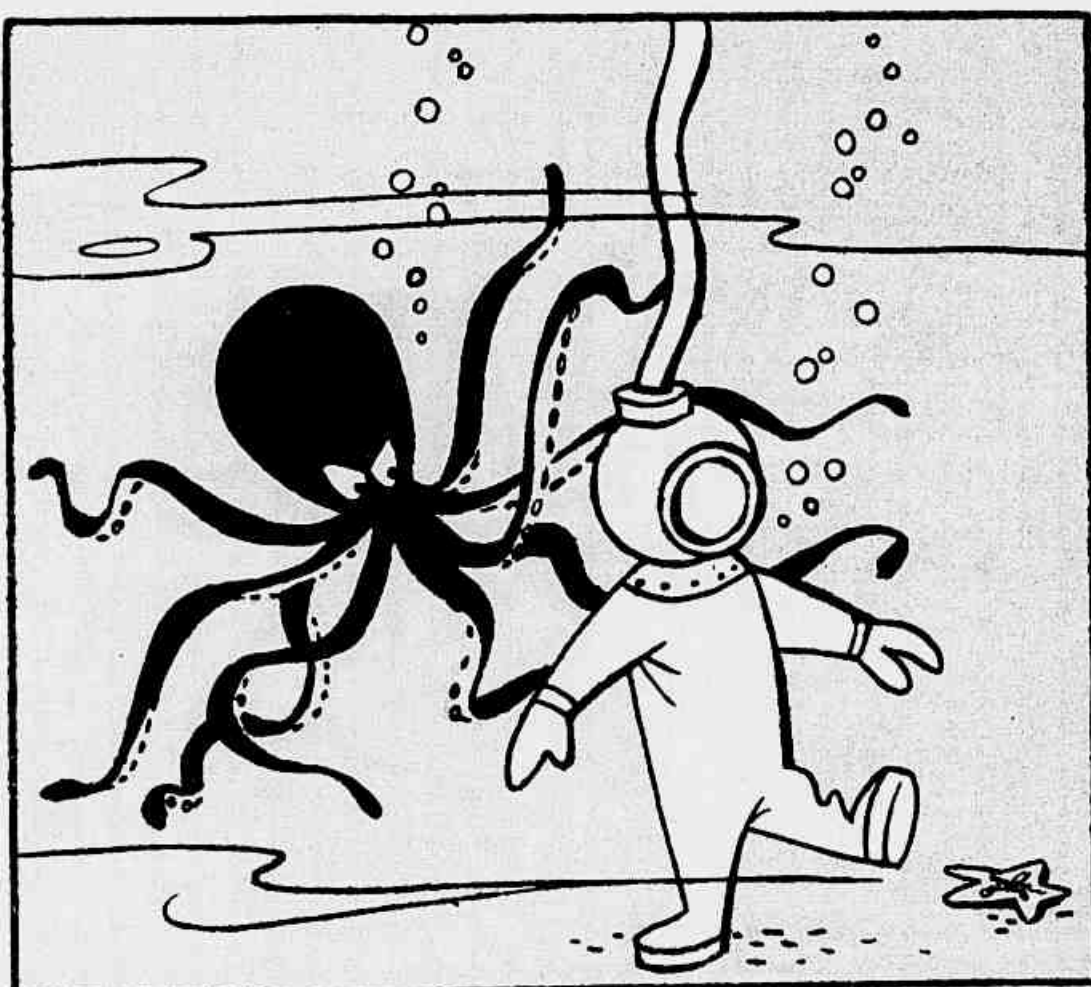
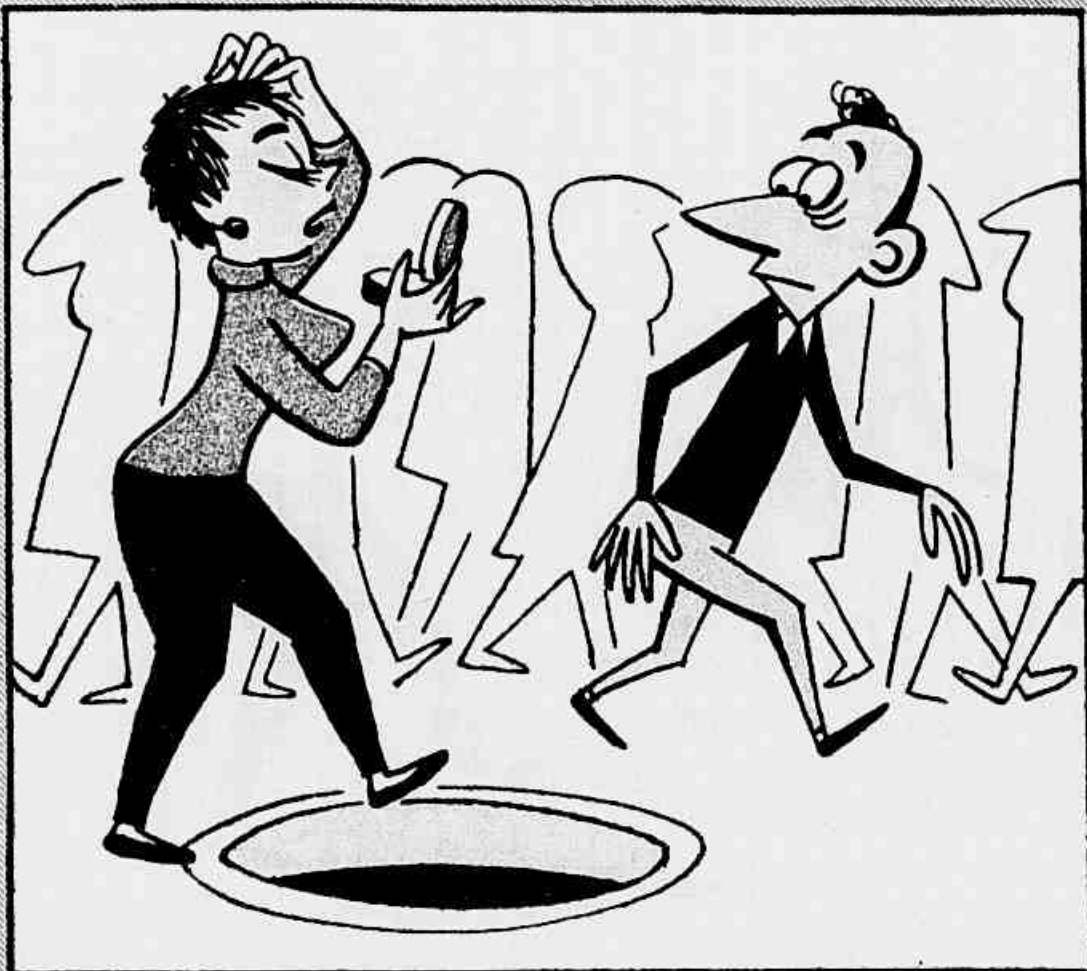


M. TERESA. 56

FORTUNA (noves fora três) **APRESENTA**

HISTÓRIAS DE QUADRINHOS





— Volte para seu quadrinho!
Não vê que estou jejuando?

CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA

Desenho de JAIRÓ



SUGESTÃO PARA O LAR

Mesmo num apartamento pequeno, ainda que não se disponha de coque, e que a cozinha seja minúscula, pode-se arrumar um cantinho para uma refeição ligeira: de uma criança que vai para a escola, um lanchinho, etc. Será de muita utilidade, ainda mais nos apartamentos de espaço reduzido em que a sala de refeições é geralmente a sala de estar, e precisa estar sempre arrumada para receber uma visita eventual. A sugestão da fotografia é ótima: uma mesa-prateleira, forrada de aço, que pode ser armada na cozinha ou mesmo na área de serviço. Um banco alto dá-lhe um certo quê de bar moderno.

APRESENTAÇÕES

A maneira correta de apresentar uma pessoa à outra é a seguinte.

- diz-se o nome da pessoa mais moça para a mais velha.
- diz-se o nome da pessoa menos importante para a mais importante.
- diz-se o nome do homem que é apresentado a uma senhora.

A apresentação é obrigatória sempre que se encontra alguém na rua e se pára, para conversar, mesmo que seja por poucos instantes. Nunca se deixa a pessoa que nos acompanha de lado, sem apresentá-la e sem fazê-la tomar parte na conversa.

ELEGÂNCIA

A elegância não consiste apenas em vestidos bonitos mesmo que sejam de ótima qualidade e apropriados ao seu tipo. A verdadeira elegância é ter boas maneiras, belo modo de falar, e bom gosto tanto nas coisas pessoais quanto na ornamentação da casa. Nenhuma mulher, por mais bem vestida, será considerada elegante se caminhar mal, encurvada ou com passadas pouco seguras, ou se falar gesticulando, com termos de gíria ou excessivamente livres.

RESPEITO

Se você quer que seu filho respeite seus superiores é preciso dar o exemplo, tanto mostrando você mesma respeito pelos mais velhos quanto pelos próprios filhos. Não se admire, que essa é a verdade, e nem quer dizer que deva deixar a criança fazer tôdas as vontades, mas sim permitir a livre expansão de suas boas tendências, orientando-a no que fôr necessário.

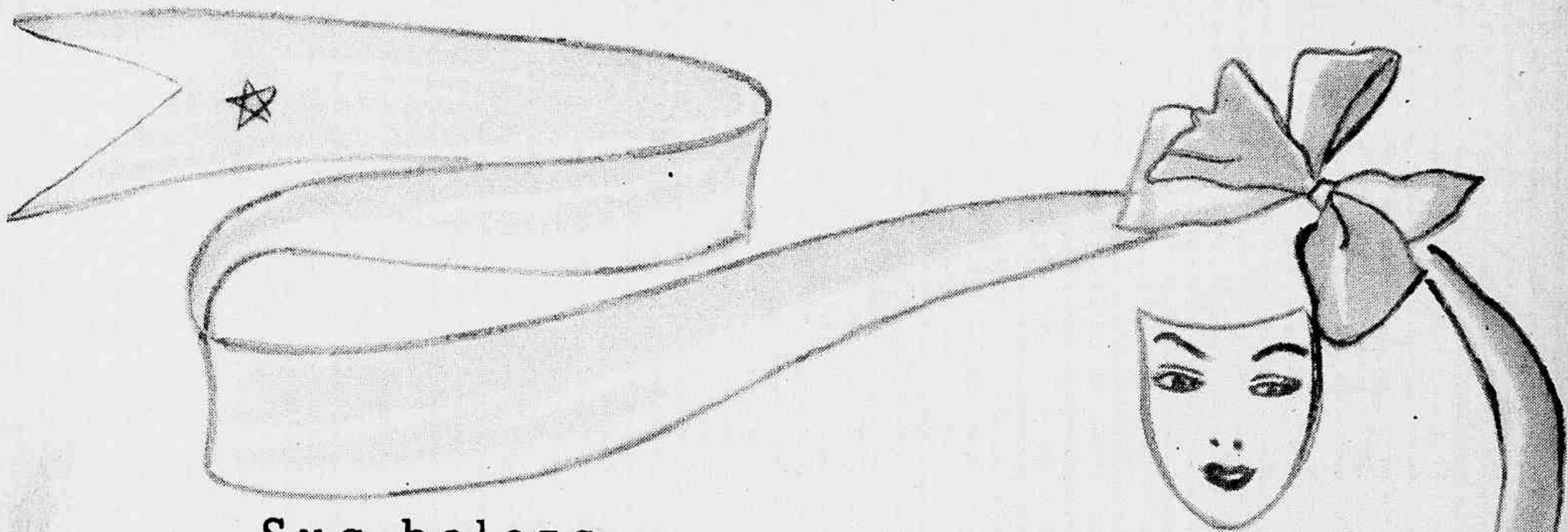
Você conseguirá muito mais com benevolência e, o que é melhor, ganhará a confiança de seu filho, se não se acostumar a gritar, repreender e castigar pelo mínimo incidente, pelo menor erro.

Se o caçula quebrou um prato porque quis ajudar a criada a tirar a mesa, castigá-la seria recalcar a bela qualidade de cooperação que está demonstrando. Aceite o prejuízo, peça à criança que tenha mais cuidado, porém com bons modos, e não a proíba de executar essa tarefa. Verá que o resultado será magnífico.

Muito mais se obtém com compreensão, bons conselhos e explicações cordiais.

SEJA ORGANIZADA

A base de uma eficiente organização do lar está em você ter listas de tudo que possui: uma da roupa de cama pregada na porta da rouparia; outra dos talheres na gaveta dos mesmos; dos livros (inclusive daqueles que emprestar) na biblioteca; das coisas que levar quando viajar, etc. Não tenha medo de exagerar nesse ponto, verás como as coisas não sumirão tão facilmente, pois você controlará melhor tudo. Também é importante tomar nota do dia em que faz as compras de mantimentos, a fim de saber se houve ou não desperdício no seu uso.



Sua beleza

◆ O melhor processo para se passar o baton é ainda o do pincel. Desenha-se primeiro o contôrno dos lábios, cuidadosamente, ultrapassando a linha natural onde fôr preciso ou entrando a mesma quando se achar conveniente adelgaçar um pouco a espessura da boca. Depois dessa primeira operação, com o próprio pincel, com as mãos ou diretamente com o baton, enche-se o resto dos lábios. Com papel absorvente comprimido entre os lábios retira-se o excesso. Para que a pintura dure mais repete-se a operação uma segunda vez. Para o inverno deve-se escolher baton um pouco mais gorduroso que para o verão.

◆ Os tratamentos caseiros para retirar verrugas são, geralmente, perigosos e ineficientes. Se você quer extirpar alguma, procure um médico especialista e ele lhe dirá se pode ou não ser a mesma retirada. Caso positivo, ele mesmo se encarregará disso com aparelhamento apropriado.

◆ Não pense que a maioria das mulheres que cuidam de sua elegância fazendo ginástica podem dispor de uma hora inteira por dia para isso. Nem é indispensável. Dez minutos são suficientes, desde que sejam religiosamente cumpridos **todos os dias**. A melhor hora para os exercícios físicos é no meio da manhã ou da tarde, e nunca em jejum, ou depois das refeições. Naturalmente que quinze minutos serão mais eficientes, se você puder dispor de tanto tempo.

◆ Mesmo que você não goste de unhas muito longas ou que não possa conservar assim devido a seus afazeres, deve ter o cuidado de modelá-las bem ao cortar. As unhas mal tratadas dão um deplorável atestado de falta de capricho. As cutículas precisam ser removidas. As pequenas saliências da superfície bem lixadas. O esmalte passado cuidadosamente e renovado quando necessário.

Week-end na cozinha



◆ As sopas-creme constituem sempre um prato fino, e por isso são as preferidas quando se tem convidados. Esta de **PALMITO** é saborosa, e pode mesmo rivalizar com a de aspargos: Eis a receita para 4 a 6 comensais: Dissolva 2 colheres das de sopa de maizena num litro de leite. Leve ao fogo até engrossar. Quando isso acontecer, tire do fogo, junte 1 colher das de sopa de manteiga, duas gemas batidas, uma xícara de caldo de carne bem forte. Tempere a gosto e leve ao fogo para mais uma fervura: junte os palmitos, cortados em quadrinhos pequenos. Sirva bem quente, sobre torradas (em cubos) amanteigadas.



PLÁGIO

O veterano chantagista da crônica social, que é também o rei do plágio, passou agora a usar em sua coluna (editada em um matutino), o título de "Casamento do ano", que foi dado por este colunista ao recente casamento Solbiati x Mairynk Veiga, realizado em São Paulo. Para melhor esclarecimento, este título já foi publicado neste mesmo local. Portanto, está provado o plágio do referido cronista, que já está ficando muito "gélot".

COM O "HIGH-SOCIETY" PAULISTA COM OS RIVOLTA PEQUENOS FLASHES



Senhora Olga Bianchi, poderá ser uma das dez mais elegantes deste ano.

◆ Depois de um magnífico vôo (com champanhota a bordo) na VARIG cheguei a São Paulo, onde estou hospedado no moderno hotel «Comodoro», no qual já se encontra um grupo carioca composto dos casais: Arnaldo Brenha, Alfredo Tomé e Adolfo Graça Couto. Desde o Rio que minha elegante amiga Heleninha Brenha havia me convidado para o «cocktail» que sua irmã Lúcia Rivolta dava àquela noite aos novos do ano: Carmem Terezinha Solbiati e Tony Mayrink Veiga. Com o casal Brenha decolei para a moderna mansão dos Rivolta, na Av. Rourinal, onde eles recebiam com perfeição e muito bom gosto. Lá, já se encontrava todo o «high-society» paulista e carioca. E entre um «whiskey» e outro, eu ia revendo pessoas amigas do planalto e sabendo das novidades, sobretudo dos «gossips». Noiei entre outras coisas que a entrada do sr. Ricardinho Fazanello provocou um verdadeiro «suspense» em todos os presentes. Que a bonita «hostess», que há poucas horas havia quebrado o pé, estava se locomovendo para receber os convidados sem muita dificuldade. Que a sra. Eunice Modesto Leal está cada vez mais bonita. Só em cinema a beleza de Eunice. Que a sra. Olga Bianchi será com certeza uma das dez mais elegantes do ano. Que é sempre um prazer conversar com a sra. Tania Kovarick. Que o colunista Tavares de Miranda explicava a um grupo quem foi a figura de «seville Row». E daí? Que o Rodolfo Rivolta é extremamente simpático. Que o muito conhecido José Stelano parece ser um assíduo leitor das colunas sociais, e que muita gente cumprimentava o colunista pelo rápido sucesso desta coluna. Merci. Depois do «cocktail» quase todo o grupo decoleu para a «boite» Oásis. Foi lá que um certo colunista carioca já inteiramente «demondé» cometeu a atitude mais «gélot» dos últimos tempos. Mas os protestos foram gerais, e o homenzinho continuou cada vez mais «gélot». Isso são sintomas de decadência.

trada do sr. Ricardinho Fazanello provocou um verdadeiro «suspense» em todos os presentes. Que a bonita «hostess», que há poucas horas havia quebrado o pé, estava se locomovendo para receber os convidados sem muita dificuldade. Que a sra. Eunice Modesto Leal está cada vez mais bonita. Só em cinema a beleza de Eunice. Que a sra. Olga Bianchi será com certeza uma das dez mais elegantes do ano. Que é sempre um prazer conversar com a sra. Tania Kovarick. Que o colunista Tavares de Miranda explicava a um grupo quem foi a figura de «seville Row». E daí? Que o Rodolfo Rivolta é extremamente simpático. Que o muito conhecido José Stelano parece ser um assíduo leitor das colunas sociais, e que muita gente cumprimentava o colunista pelo rápido sucesso desta coluna. Merci. Depois do «cocktail» quase todo o grupo decoleu para a «boite» Oásis. Foi lá que um certo colunista carioca já inteiramente «demondé» cometeu a atitude mais «gélot» dos últimos tempos. Mas os protestos foram gerais, e o homenzinho continuou cada vez mais «gélot». Isso são sintomas de decadência.

◆ SANTOS — Estou escrevendo esses flashes no «hall» do Parque Balneário Hotel, onde vim passar esse «week-end», em plena Passargada Santista, a convite da colunista Cecília Dulce. Cecília, que é minha cicerone aqui, já fez o meu contacto com a sociedade local além de ter-me feito conhecer o Clube Hípico e o Tênis Clube. No hotel observo que apesar da temporada estar no início, já está bem movimentada. Assim Santos deverá ser uma «saison» super movimentada, aliás, já estou pensando em voltar no fim do mês, senão estiver muito ocupado aí no Rio. Dos contactos que estou mantendo com a sociedade local, o que mais me impressionou foi na mansão dos Moreira Salles. José Carlos e Mercedita parecem ser os melhores anfitriões de Santos. Ele é um dos dez «mais elegantes» da lista de Cecília Dulce, e ela, uma das senhoras mais bonitas da sociedade. Conheci no Clube de Bridge do Parque Balneário Hotel a elegante senhora Lindinha Fracarolli que é também uma das «dez mais» da lista da mesma colunista.



Kouky de Monfort com o galante Raul Loeb.

Observei que dona Lindinha poderá surgir este ano na lista das dez mais elegantes do Brasil. Ainda no Clube de Bridge encontrei o sr. e a sra. Alberto Alves Filho, ela (Ebe), uma das dez mais elegantes do Brasil. Também vi o venerando sr. Washington Luís, que estava sentado lendo calmamente um jornal. Fui informado de que o ex-Presidente vem a Santos, todos os anos nessa mesma época. Logo mais a noite já está programada uma noite na boite do hotel, onde comparecerei como convidado da minha «hostess» e dos casais José Carlos Moreira Salles, Eduardo de Lamare e Guilherme Guillon. Cecília Dulce tem agora um concorrente aqui. Trata-se do colunista Gonçalo Mendes Ramires, que também escreve uma movimentada coluna. Bola na rede... Gostei de Santos. Quem gosta retorna. ★ Estou novamente em São Paulo. Em companhia da colunista Yole Ciasca visitei o Palácio do Governo, onde fui recebido pela sra. general Porfírio da Paz, que é atualmente o governador. Conheci todo o palácio. Achei-o pequeno para São Paulo. ★ Tirando o movimentado «week-end» do «casamento do ano», e após a volta do grupo carioca para o Rio, esta semana estive em São Paulo, socialmente falando, muito «gélot». ★ Aqui no moderno Hotel Comodoro tudo é perfeito, com o Capitan's Bar, que está apresentando um bom «show», como sempre bem frequentado. ★ Estou de volta ao Rio, «bola na rede», e até a próxima com notícias cariocas. Agora pareço estar muito paulista. ★ O chapéu GÉLOT está em cima.

GOSSIPS

● SÃO PAULO — A exótica srta. Kouky de Monfort tem no galante Raul Loeb seu pretendente preferido. Kouky, que é bonita e morena, pois é espanhola de nascimento vai passar este mês uns dias aí no Rio. — A sra. Ruth Almeida Prado, que esteve em São Paulo para o «casamento do ano», foi vista no Lord sob a escolta do sr. Jean Claud. — A sra. Beatriz de Souza Queirós (ex-Pinto de Souza) é atualmente o par constante do sr. Netinho da Cunha Bueno. Fala-se em romance! — A muito bonita Maitê D'Orey continua sob os olhares do milionário sr. Francis de Souza Dantas Forbes. — Observei que a carioca Ilde Garavaglia estava muito compenetrada no «cock-tail» dos Solbiati. O motivo era a ausência de seu namorado paulista, que havia ficado no Rio. Aliás, esse namoro parece que já anda meio «gélot». — Estive conversando com a bonita loura Ana Maria Ovale que me comunicou que está de partida para o Rio, onde vai ficar quinze dias. Quando perguntei quem era seu atual romance, ela me respondeu que estava agora trabalhando na Casa de Modas (Scarlet) de sua mãe, e que não tinha tempo para amar. — Não consegui descobrir quem é o «love» aqui do nosso conhecido Geraldo Nóbrega.

Só sei que o rapaz é um bom partido, e observei que ele é muito solicitado pelas paulistas. — Conversei pelo telefone com a bonita Gray Lafer que me falou sobre o casamento de sua irmã Silvinha. Gray está sem namorado. — A bonita Miss Bangu de Santos, srta. Rosali Marques da Silva não vai mais concorrer no desfile final, em setembro próximo, no Golden-Room do Copa. O motivo é que seu namorado Francisco Matarazzo Neto, que já está pensando em subir ao altar com a bela Rosali proibiu a menina de desfilar. — Observei que em São Paulo o «society» parece não ser muito de «gossips». Pelo menos em público. — A pedidos deixo de publicar dois importantes desquites que estão acontecendo na capital paulista. Parece que aqui os desquites costumam acontecer com mais rapidez que aí no Rio. — Pelo telefone sou informado de que Zaidinha Saldanha está fazendo sucesso no Rio. Zaidinha é mesmo uma beleza. — Como costuma acontecer no Rio, aqui em São Paulo e Santos fui também obrigado a «snobar» determinadas pessoas. — Uma nova «boneca» está me esperando no Rio, estou com saudades. Até a volta, São Paulo. «Bola na Rede».



Sra. Beatriz de Souza Queiroz com o sr. Netinho Cunha Bueno. Eles andam de par constante.



Jeff Thomas conversa com os noivos, Carmem Terezinha Solbiati e Toni Mayrink Veiga.



Ibrahim Sued com a senhora Helena Matarazzo.

SOCIAL SET

OS SOLBIATI RECEBEM

◆ Foi no domingo de noite que o casal Enéias Solbiati recebeu os amigos de sua filha Carmem Terezinha e de seu noivo Tony, para um «snob» e super-chic «cocktail», que foi para comemorar a despedida de solteiro dos novos. Esse «cocktail» foi o mais bonito, e creio o mais importante a que fui este ano. No começo tive que trabalhar para poder apresentar este perfeito documentário fotográfico, como vocês podem ver. O colunista social trabalha mais do que se diverte. Infelizmente, muita gente pensa e diz o contrário. Mas, vamos ao «cocktail». Uma das primeiras pessoas com quem conversei foi a bonita Maitê D'Orey, que estava vendendo beleza. Também vendendo beleza estava a noiva Carmem Terezinha, que no dia seguinte passou a ser sra. Antônio Alfredo Mayrink Veiga. Continuei mantendo meus contactos, e em conversa com o casal Hélio Souto e meu amigo Harry Stone, soube que o Hélio está fazendo um sucesso dos diabos na televisão. O Roberto Suplicy, que havia chegado havia poucas horas dos «States», comentava em um grupo o meu já conhecido chapéu GÉLOT. Suplicy dizia também que havia trazido um bonito chapéu para usar no próximo «sweepstake» no Rio. Observei que a sra. Helena Matarazzo estava elegantíssima em um muito bonito vestido preto. Se não me engano, parecia ser do Givenchy. Do Rio, quem estava em uma grande noite era Heleninha Brenha, amiga íntima de Carmem Terezinha. Nesse «snob» «cocktail» todo o «high-society» circulava pelos salões mostrando o que de mais bonito pode existir. Enquanto isso fui anotando: sr. e sra. Leopoldo Modesto Leal, sr. e sra. Felix Kovarick, sr. e sra. Laerte Assunção, sr. e sra. Carlos Prado Mendonça, sr. e sra. Jorge da Silva Prado, sr. e sra. Alberto Bianchi, sr. e sra. Roberto Suplicy, sr. e sra. Bruno Ciotti, sr. e sra. Roberto Boavista, sr. e sra. Hermelindo Matarazzo, sr. e sra. Adolfo Graça Couto, sr. e sra. Arnaldo Brenha, sr. e sra. Antenor Mayrink Veiga, sr. e sra. Alfredo Tomé, sr. e sra. Cornélio Procópio, sr. e sra. Francisco Matarazzo, sr. e sra. Carlos Affonseca, sr. e sra. Eduardo Matarazzo Filho; sras. Beatriz Souza Queiroz, Loly de Souza Dantas, Mariazinha Monteiro, Nenette Morganti, Lily Junqueira; sras. Kouky de Monfort, Ilde Garavaglia, Verinha Cunha Bueno, Terezinha Matarazzo Suplicy. Srs. Assis Chateaubriand e Harry Stone, Jaime da Silva Teles.



Senhora Heleninha Brenha com os noivos, tendo ao lado o senhor Adolfo Graça Couto.

Netinho da Cunha Bueno, Hélio Guerreiros; colunistas Ibrahim Sued, Tavares de Miranda, Matos Pacheco e Caio Furtado. Com a exótica Kouky Monfort formei um grupo, para prolongar a noite na «boite» Lord, ouvindo Carmen Cavallaro.



Jeff Thomas combina um «cocktail» com a melhor «hostess» de São Paulo, sra. Tania Kovarik, assistido pela sra. Cristina Suplicy.

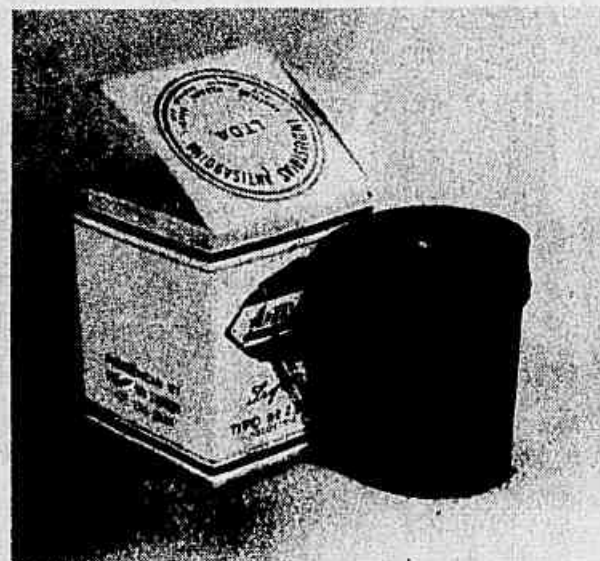


O casal Hélio Souto esteve presente. Hélio e Maria Helena como sempre simpáticos.



O elegante Arnaldo Brenha com as elegantes sras. Marize Graça Couto e Eunice Modesto Leal

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser **belas e atraentes**
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



A TELEVISÃO NO CANADÁ (Continuação da página 22)

Quanto às estações particulares, elas tiram suas rendas unicamente de seus programas e dos que recebem a rede nacional. A organização atual de televisão não custou e não está custando mais de 4 centavos canadenses por dia e por família telespectadora. A posse e a manutenção de um aparelho de televisão, por outro lado, incluindo-se a depreciação, não fica em mais de 20 centavos por dia, em média. Se ao invés de recorrer aos recursos públicos e comerciais o Canadá procurasse realizar uma televisão unicamente, a contribuição direta deste teria de ser muito mais elevada e a população de muitas regiões não teria a faculdade de usufruir, difundido pelo canal central, de um serviço de televisão com programas americanos que tanto agradam à maioria dos telespectadores. De outro lado, se a televisão canadense contasse apenas com a renda de publicidade, teria uma forte tendência para difundir programas importados ao invés de produzi-los no país. Num sentido comercial, os programas canadenses devem concorrer com os programas americanos, que custam de cinco a dez vezes mais do que os da rede nacional, e são oferecidos no Canadá por um preço correspondente à metade do custo dos que nós produzimos aqui, em condições mais modestas. Ademais, a publicidade sozinho não poderia manter uma rede eficaz de teledifusão para servir ao Canadá de um extremo ao outro.

A expansão futura da televisão canadense está nas mãos da população do país, por intermédio de seu parlamento, que não desprezará as recomendações da Comissão Real de Televisão, criada em dezembro de 1955 e encarregada do estudo da questão em seus pormenores.

D. HELDER E O COMUNISMO

(Cont. da página 60)

sar em coordenação através do próprio Conselho de Desenvolvimento Econômico.

"O programa de emergência — prossegue o "dynamo" — decorrente dos projetos elaborados pelos técnicos e pelos bispos em Campina Grande conta, para cada projeto, com um órgão coordenador que era e é o INIC (Instituto Nacional de Imigração e Colonização); era, e ainda é, o Instituto do Sal; era o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca; o Dep. Nacional dos Portos, Rios e Canais; a Comissão do Vale do S. Francisco, o F.C.P. e o B.N.B. Cada um desses órgãos coordenadores se articula com vários órgãos de vários ministérios. É fácil entender o interesse da Presidência da República de acompanhar diretamente a marcha de um programa pelo qual se responsabilizou pessoalmente a melhor maneira de fazê-lo — pelo fato da vizinhança imediata e de fácil entrosamento com todos os ministérios

— era utilizar os bons ofícios do chefe da Casa Civil que, aliás, em alguns países é ministro sem pasta".

EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO

O Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro mostra-se incisivo, quando lhe perguntamos se achava que os problemas nordestinos poderiam ser resolvidos fora dos problemas nacionais brasileiros:

— Não. E os bispos nos detivemos longamente no exame do planejamento que órgãos técnicos estão elaborando no sentido de o Nordeste, região subdesenvolvida, poder acompanhar o ritmo de desenvolvimento do resto do país. Mas, era inadiável um programa de emergência, conforme frisei, sobretudo dada a necessidade de uma experiência de articulação de órgãos numerosos que atuam no nordeste de maneira mais dispersa possível.

E AS FAVELAS?

Dando por finda a nossa missão, procuramos obter também informes

a respeito do andamento da "batalha das favelas" que sob o comando desse prelado vem prosseguindo também com "prazo marcado":

— Contento-me em dizer-lhe que no 1º aniversário do Congresso Eucarístico Internacional, a 24 de julho próximo futuro, teremos novidades substanciais a informar. Reafirmo a decisão absoluta em que se acha a Cruzada São Sebastião de enfrentar, em 12 anos, a total urbanização de nossas favelas.

E despedindo-se de nós, pois já pelo telefone diziam-lhe que o Ministro da Saúde o aguardava dentro em breves minutos:

— E verão os amigos numerosos que nos acompanham e apoiam, que aquilo que parecia impossível se concretizará. Seria impossível se fosse trabalho de um só ou de um pequeno grupo. É possível sendo trabalho de todos — povo e governo, crentes e descrentes, estimulados pela publicidade sempre tão amiga, e assistidos pelas bênçãos de Deus.

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta



QUEDA DOS CABELOS
Calvície precoce

JUVENTUDE
ALEXANDRE

INSUPERÁVEL
Há cinquenta anos



Nada menos de vinte decretos constituirão o chamado Plano do Nordeste, resumo das conclusões do Encontro dos Bispos em Campina Grande. «Molamstra do conclave» — assim chamou Juscelino a D. Helder.

D. HELDER E O COMUNISMO

INTERROMPENDO extensa fila de pessoas que lhe desejam falar, em meio a numerosos chamados telefônicos, e a expectativa de uma reunião no Palácio do Catete — o Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro, o hoje já fabuloso D. Helder Câmara, manda o repórter entrar em seu gabinete de trabalho no Palácio S. Joaquim.

— Sente-se, por favor. Um momento, apenas, e já lhe atendo.

Mas, naquele primeiro dia não foi possível ao repórter completar a sua tarefa, que seria mais uma «tomada de temperatura» sobre a febricitante atividade que vai por alguns setores governamentais e que se deve ao **pressionamento** feito por esse «dínamo de batina», que é o simpático D. Helder. A inusitada atividade decorre das providências urgentes determinadas pelo próprio Presidente da República aos órgãos competentes, para a complementação da primeira etapa de trabalho do que ficou decidido no «Encontro dos Bispos», em Campina Grande.

D. Helder, no segundo encontro, já nos reservara mais alguns «momentos».

A NOVA POLÍTICA RUSSA — O VATICANO E O KREMLIN — O COMÉRCIO COM A "CORTINA DE FERRO" — A INFLUÊNCIA PESSOAL DE PRESTES — A AÇÃO SOCIAL DA IGREJA: RAZÕES E OBJETIVOS

Reportagem de W. GUARNIERI

ANALISANDO A NOVA POLÍTICA SOVIÉTICA

Surpreendido com o recorte de um vespertino nas mãos, fomos tomados de curiosidade. Revelou-nos, então, o ilustre prelado que se tratava de notícia referente a última tentativa de aproximação dos dirigentes russos com o Vaticano. Aproveitamos o ensejo para conhecer o seu ponto de vista com relação à atual reviravolta política do Kremlin. D. Helder apanha o «pião na unha»:

— Recentemente, Kruchchev, por ocasião de uma recepção em homenagem a uma delegação indonésiana chefiada pelo presidente do Parlamento, o sr. Sartono, fez nova declaração sobre a maneira pela qual os atuais dirigentes soviéticos pretendem tratar a religião. Disse ele: «Respeitamos cada grupo que deseja praticar uma religião qualquer, embora nós mesmos não tenhamos fé em Deus. Agora, que o regime soviético repousa em bases firmes, o Partido, como o Governo, se mostrarão mais indulgentes para com as autoridades eclesásticas. A ação do Partido no passado não se dirigia contra a Igreja, mas contra os chefes que tentavam impedir o curso da revolução».

VÁRIAS POLÍTICAS PARA CADA PAÍS...

Frise D. Helder que os comentários a respeito dessas palavras do supremo dirigente soviético, rebentam numerosos:

— Falou o «porta-voz» dos atuais dirigentes soviéticos: mas, se há país em que os dirigentes não tenham segurança é bem a Rússia. Poderíamos até frisar — esta é a atual declaração

D. HELDER: PARECE-ME IDÉIA INFELIZ O INÍCIO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS COM A "CORTINA-DE-FERRO".

dos atuais dirigentes russos. Lembro-me de uma irreverência da revista «Time» a propósito da política internacional dos U.S.A. Querendo sustentar que os Estados Unidos não tinham nenhuma política para nenhum país, afirmou que a Inglaterra tem uma política para cada país, e a U.R.S.S. ... várias políticas para cada país.

ARRANCANDO DO POVO A IDÉIA DE DEUS

Depois de acentuar que é digno de nota que, na hora mesmo de mostrar-se generoso para com a religião, Kruchchev proclama o ateísmo dos que dirigem a Rússia, prossegue D. Helder:

— Não é verdade que, no passado, a ação do Partido não se dirigia contra a Igreja, mas contra as autoridades religiosas. Houve um máximo de esforço para arrancar do povo — sobretudo da infância e da juventude — a idéia de Deus. Se mais não conseguiram é porque é inútil querer esmagar o sentimento religioso, particularmente de um povo místico como o povo russo.

A APROXIMAÇÃO COM O PAPA

Tecendo considerações a respeito das tentativas de aproximação com as autoridades eclesásticas do Vaticano, lembra o Arcebispo Auxiliar:

— Não posso precisar o que há de real a respeito. Lembro, no entanto, que o Papa, como Vigário de Cristo, é Pai não só da Cristandade inteira, mas de toda a Humanidade. Para tentar proteger os interesses espirituais de um povo, a Santa Sé — que jamais confunde um país

com seus eventuais dirigentes — se apoia mesmo em um mínimo de boa vontade apresentada, e firma convênios como fez, por exemplo, com a Alemanha hitlerista e com a Itália, em tempo de Mussolini.

«Se um dia viesse a haver relação diplomática entre a U.R.S.S. e o Vaticano, o fato de nenhum modo significaria aprovação do regime e da filosofia materialista que o anima».

A REPERCUSSÃO NO BRASIL DA NOVA POLÍTICA RUSSA

Acentua D. Helder Câmara que a repercussão no Brasil do «New Look» moscovita é muito sintomática:

— Minha impressão pessoal é a de que o comunismo brasileiro não terá coragem de adotar a política de derrubada de ídolos. No dia em que o mito-Prestes caísse, como está caindo o mito-Stalin, as consequências seriam simplesmente desastrosas para o comunismo no Brasil. Muita gente ainda se prende a pessoas, e, ainda hoje, é uma bandeira o Cavaleiro da Esperança.

PORQUE AUMENTA A INFLUÊNCIA COMUNISTA NO BRASIL

Inquirido sobre o que achava do movimento em nosso país, adverte D. Helder:

— Acho que a influência comunista está aumentando sensivelmente, sobretudo porque a atitude da classe burguesa é, regra geral, de um egoísmo suicida.

«Contribui, também, para o progresso do comunismo o desencanto em que fica o povo pela

inércia ou incúria de alguns administradores, incapazes de dar solução adequada a situação que, nem por serem difíceis, chegam a ser insolúveis».

O COMÉRCIO COM OS PAÍSES DA «CORTINA»

— Pensando, medindo e contando — prossegue D. Helder — parece-me idéia infeliz o início das relações comerciais com os países da «Cortina de Ferro». Para o governo nem se fala, pois seus adversários tirariam partido esplêndido da situação. Mas, para o próprio país também: as eventuais vantagens comerciais, nem por sombra seriam compensadas pelo acréscimo terrível da propaganda vermelha e pela intensificação da quinta-coluna.

A IGREJA E O PROBLEMA SOCIAL BRASILEIRO

Explicando que a melhoria das condições materiais do povo, é o método mais eficiente de combate ao credo vermelho, de vez que a miséria é facilitadora de explorar pelo comunismo, afirma:

— A Igreja no Brasil vem fazendo o possível para trazer sua colaboração à solução de nossos problemas sociais. Chegamos até a dar a alguns a impressão de abandono de terreno próprio e de interferência indevida no campo do Governo ou de instituições para-estatais.

«Cristo não nos entregou puros espíritos, mas almas incarnadas, criaturas humanas que são união substancial de matéria e espírito. E é profunda e ontológica a ligação entre a alma e corpo».

NÃO PODE A IGREJA PARAR PORQUE O GOVERNO MUDOU

Depois de frisar que à Igreja não cabe interferir diretamente no setor político-partidário, prossegue:

— Apenas se dá que, por vezes, ao entrar a Igreja em campanhas inadiáveis, de profundo sentido humano e social, não pode parar por ter havido mudança de governo. Articula-se com o Poder Público, em nível alto, de Poder Espiritual e Poder Temporal.

A REUNIÃO DOS BISPOS

Explica D. Helder que, exemplo perfeito do que afirma, foi o Encontro dos Bispos em Campina Grande.

— Tudo ali se passou em clima impessoal, objetivo, de bem público. Quando os bispos apresentaram ao Presidente da República as conclusões a que tinham chegado em seus encontros com os técnicos, o Chefe da Nação pôs o que estava e o que não estava em suas mãos fazer; não prometeu o que não podia prometer; aqui chegando, tratou de concretizar em decretos, de cunho absolutamente prático, compromissos assumidos na Paraíba.

«Falo em cunho prático — esclarece — porque os decretos prevêm, para cada projeto, um órgão coordenador, e marcam um prazo de 30 dias para a apresentação de plano de execução e um prazo de 90 dias para a informação das dificuldades surgidas e das soluções adotadas».

Mostra-nos o Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro um mapa onde figuram, anotadas, algumas das providências a que se referem os 20 decretos governamentais, para concluir muito animado:

— A 5 de julho próximo (30 dias da publicação dos decretos de 1º de junho) — já será possível apurar que órgãos coordenadores elaboraram os planos que lhes foram confiados. Sei que a chefia da Casa Civil, incumbida oficialmente do controle geral dos projetos, tem seguido de perto a marcha dos planos, como depois seguirá, estou certo, a fase de execução do que se planejou».

PROGRAMA DE EMERGÊNCIA

Ante nossa estranheza pelo fato de que à Casa Civil da Presidência da República fosse atribuída a coordenação geral dos projetos, D. Helder Câmara explica:

— Trata-se de um programa de execução imediata e não de um plano a longo prazo. Fosse plano a longo prazo, e seria o caso de pen-

(Continua na página 58)



PRÓXIMA. A REDENÇÃO DO NORDESTE? — Algumas das providências a que aludem os 20 decretos promulgados pelo Presidente da República, por sugestão dos bispos: 1. 3. 4. 9. 10 e 12) — núcleos coloniais. 2) — construção do porto. 5) — aumento da produção de sal. 6) — desenvolvimento dos vales secos. 7 — máximo aproveitamento de açude. 8) — escoamento da produção de jazida de fosfato. 11) — postos de migração. 13) — desenvolvimento de criação de gado e da indústria leiteira. 14) — obras de emergência em regiões assoladas. 15) — desenvolvimento da experiência de colonização de Petrolândia.



...idade... apenas... Realidade...
...Realidade... público... decisão...
...aqui... não... Sebastião...
...nossa...
...nossa... melhora...



ÚLTIMO FLASH

♦ ACABAM de ser exumados os despojos do marechal Isidoro Dias Lopes, falecido em 1948. A 5 de julho de 1922, e dois anos exatamente após, a 5 de julho de 1924, estava Isidoro à frente de duas rebeliões. Exilado, em 1930, já de volta à Pátria, participava da revolução vitoriosa forjada pela Aliança Libertadora. Aquinhado com altos cargos, não aceitou a nenhum deles, e pouco após, como um Cincinnato moderno, retirava-se da cena. Não por muito tempo. Porque, em 1932, a revolução constitucionalista de São Paulo fez com que saísse, empolgado, da espécie de ostracismo em que havia tombado. Foi vencido, mais uma vez. E retirou-se definitivamente à vida privada. Quando os comunistas realizaram sua malograda revolução de 1935, lembraram-se de chamar o velho chefe para comandá-los. Recusou-se. Depois, quando Getúlio Vargas estabeleceu a ditadura de 1937, foi dos primeiros a erguer a voz contra o atentado mortal de que fôra vítima a democracia brasileira. De então por diante, não mais se pronunciou. A idade e a doença conservaram-no afastado dos acontecimentos políticos. Agora, seus restos mortais foram transportados para São Paulo, terra que Isidoro Dias Lopes amou até a idolatria.

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 295, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:

A. ZAMBARDINO

Rua Capitão Salomão, 69 — Fone: 34-1569



Fundada em 20-5-1900

Ano 57 — Nº 28 — Rio de Janeiro — 14-7-1956

Propriedade da Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente: Gratuliano Brito
Diretor-Comercial: Ivan Guimarães
Diretor-Gerente: Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade: J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores: S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 600,00
Seis meses.....	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 800,00
Seis meses.....	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.

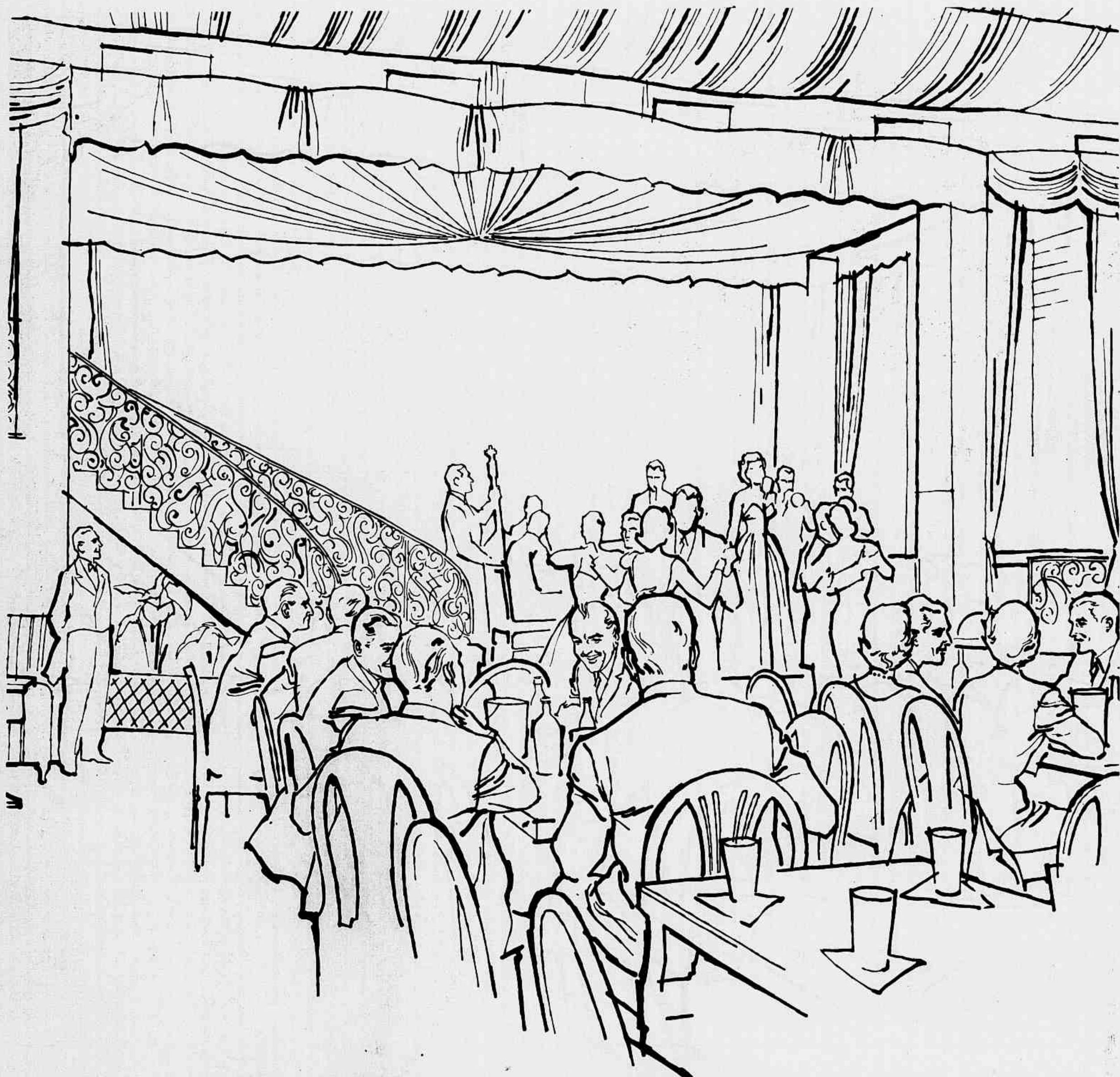
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

**A FIGURA
EM FOCO**



MARIA JOSÉ CARDOSO

Muita coisa eu aprendi
Em Quitandinha
Mas o título venci
Prenda minha...



nos centros elegantes do Brasil...

No Meia-Noite do Copacabana Palace, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem...

Bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado, no cigarro que fumam...

hollywood
uma tradição de bom gosto

